

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

MARINA DUARTE SANCHEZ

**As mulheres e seus funerais no Norte da Gália do século VI**

Versão corrigida

**Volume 1**

São Paulo

2022

MARINA DUARTE SANCHEZ

As mulheres e seus funerais no Norte da Gália do século VI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva

Versão corrigida

**Volume 1**

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S211m Sanchez, Marina Duarte  
As mulheres e seus funerais no Norte da Gália do século VI / Marina Duarte Sanchez; orientador Marcelo Cândido da Silva - São Paulo, 2022.  
202 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Arqueologia Funerária. 2. Mulheres. 3. Elites. 4. Merovíngios. 5. Gênero. I. Cândido da Silva, Marcelo, orient. II. Título.

## **Folha de aprovação**

### **AS MULHERES E SEUS FUNERAIS NO NORTE DA GÁLIA NO SÉCULO VI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: 18 de julho de 2022

Trata-se da versão corrigida após a defesa

Banca julgadora:

Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva – Presidente (Universidade de São Paulo)

Prof. Dr. Adrien Bayard – Titular (Université d'Artois)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabelle Cartron – Titular (Université Bordeaux Montaigne)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Mega de Andrade – Titular (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Marina Duarte Sanchez****Data da defesa: 18/07/2022****Nome do Prof. (a) orientador (a): Marcelo Cândido da Silva**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 16/09/2022



---

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

## **Dedicatória**

Aos meus pais, Vilma e João Luiz

## **Agradecimentos**

A entrega desta dissertação conclui um período de muitos desafios, muito esforço e muito amadurecimento, tanto acadêmicos quanto pessoais. Eu não seria capaz de terminar essa jornada sem a ajuda e o encorajamento de meus familiares e amigos mais queridos. Alguns mais que outros deixaram suas marcas no desenvolvimento deste trabalho, mas cada um de vocês partilha comigo os resultados dessa empreitada.

Aos meus pais, Vilma e João Luiz, pelo amor e pelo apoio incondicional. Todas as minhas ações e escolhas são guiadas pelos seus exemplos; todas as minhas conquistas são frutos de seus sacrifícios. Serei eternamente grata pelo privilégio de tê-los como pais.

Ao meu orientador, Professor Marcelo Cândido da Silva, pela grande confiança em meu trabalho, mesmo em meus momentos de dúvida. Sou muito grata pelas leituras e comentários, mas principalmente por todos os conselhos e por todas as oportunidades que me tornaram uma melhor pesquisadora.

À Professora Isabelle Cartron, pelo aceite da co-orientação quando o trabalho não passava de um pequeno projeto. As leituras e as críticas foram essenciais para o amadurecimento de minhas reflexões. Agradeço também pela recepção na Université Bordeaux Montaigne e por todo o auxílio prestado durante minha estadia.

À Dr.<sup>a</sup> Julie Renou pelo acolhimento em Bordeaux, pela enorme ajuda nas visitas aos museus e centros de conservação e pelos comentários e sugestões pertinentes.

Ao Professor Adrien Bayard, co-orientador da Iniciação Científica e figura essencial na minha formação. Sou muito grata pela orientação e por todas as oportunidades proporcionadas desde então, além do aceite para compor a banca julgadora do presente trabalho. Agradeço também a Vanessa Bayard-Maret e ao Service Archéologie du Val-de-Marne pelo curto estágio em 2019, durante o qual pude aprender muito sobre diferentes áreas da Arqueologia.

A Mathias Patrício Eichbaum, companheiro e maior apoiador deste trabalho. Essa jornada nunca teria sido concluída sem o seu encorajamento, sua paciência e sua disposição em ajudar, inabaláveis durante todos esses anos.

Aos meus melhores amigos: Isabela Rodrigues de Souza, Laura Stocco Felicio, Eric Cyon Rodrigues e Sara Hosana Oderdeng. Sou muito grata por todo incentivo, independente da opinião de cada sobre a História Medieval. Um agradecimento especial ao meu quase irmão, José Francisco Sanches Fonseca que, voluntariamente ou não, partilhou comigo mesas-redondas, organizações de eventos, artigos e angústias, desde 2016.

Aos meus amigos do Laboratório de Estudos Medievais pelo companheirismo, pelos conselhos e por todas as críticas ao longo desses 6 anos. Gostaria de agradecer especialmente a Gabriel Rodrigues Sanches Cordeiro, que me acompanha nesta jornada desde o seu início.

Às equipes do Musée d'Archéologie Nationale, do Musée de Saint-Dizier, do Centre de Conservation et d'Étude de l'Agence Wallonne du Patrimoine e do Dombauarchiv de Colônia, especialmente a Fanny Hamonic e a Christine Di Costanzo pelo envio das fotos das sepulturas 49 e B808, respectivamente, e a Clément Michon, a Anne-Sophie Barnich e a Olivier Vrielynck pela recepção em Saint-Dizier e em Namur.

Por fim, à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processos nº 2019/08471-9 e nº 2020/13244-9) pelo apoio financeiro essencial para a realização da pesquisa.



## Resumo

SANCHEZ, Marina Duarte. **As mulheres e seus funerais no Norte da Gália do século VI**. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2022.

O objetivo desta dissertação é analisar como os recursos materiais e imateriais de famílias das elites do Norte da Gália foram empregados na elaboração das cerimônias funerárias de quatro mulheres, considerando a relação dos sepultamentos com os ambientes circundantes e com as transformações ocorridas no século VI. As sepulturas do *corpus* são: a sepultura 12 de “La Tuilerie”, em Saint-Dizier (França); a sepultura 49 da Basílica de Saint-Denis, em Saint-Denis (França); a sepultura B808 da Catedral de Colônia, em Colônia (Alemanha); e a sepultura 146 de Bossut-Gottechain, em Grez-Doiceau (Bélgica). A incidência de depósitos funerários em grande parte dos túmulos do período foi lida como evidência das posições exatas que os indivíduos ocupavam, mas as novas interpretações chamam a atenção para os discursos construídos durante as cerimônias, que se referiam tanto ao morto quanto àqueles que organizaram seu funeral. Os debates sobre a construção dos gêneros na Arqueologia Funerária têm grandes contribuições a fazer na análise da retórica funerária deste contexto, muito preocupada com a materialização da memória familiar.

**Palavras-chave:** Arqueologia Funerária; Mulheres; Elites; Merovíngios; Gênero

## **Abstract**

SANCHEZ, Marina Duarte. **Women and their funerals in 6th century Northern Gaul.** Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2022.

This research aims to examine how the material and immaterial resources of elite families from Northern Gaul were employed in the funerary ceremonies of four women, while considering the burials' relationship with their surrounding environments and the transformations that took place in the sixth century. The graves of the corpus are: grave 12 of "La Tuilerie" in Saint-Dizier (France); grave 49 of the Basilica of Saint-Denis in Saint-Denis (France); grave B808 of Cologne Cathedral in Cologne (Germany); and grave 146 of Bossut-Gottechain in Grez-Doiceau (Belgium). The incidence of grave goods in many tombs from this period has been read as evidence of the exact social positions occupied by individuals, but new interpretations draw attention to the construction of discourses during the ceremonies, which referred both to the deceased and to those who organized their funeral. The debates on the social construction of gender in funerary archaeology have great contributions to be made in the analysis of this context's funerary rhetoric, which is much concerned with the materialization of familial memory.

**Key-words:** Funerary Archaeology; Women; Elites; Merovingian; Gender

## Figuras e mapas

### Volume 1

**Figura 2.1.2.** Esquema 1 – Perspectivas biológicas da evolução *post mortem* dos remanescentes humanos

**Figura 2.1.3.** Esquema 2 – Perspectivas da Antropologia Social sobre as divisões dos tempos funerários

**Figura 2.1.4.** Esquema 3 – Perspectivas arqueológicas propostas por Gregory Pereira

**Figura 4.1.1.** Percentagem de sepulturas contendo fibulas nas necrópoles consideradas por Irene Barbiera

**Tabela 3.1.1** Síntese das sepulturas do *corpus*

**Tabela 3.3.1.** Itens centrais para o tópico “c”

**Tabela 3.4.1.** Itens centrais para o tópico “d”

### Volume 2

**Figura 1.1.** Mapa do Norte da Gália

**Figura 1.2.** Localização das sepulturas do *corpus*

**Figura 2.1.1.** Mapas de densidade dos depósitos funerários no Norte do continente europeu

**Figura 2.2.1.** Árvore genealógica da família Merovíngia com os personagens citados no texto

**Figura 2.2.2.** Árvore genealógica da descendência de Clotário I com os personagens mais citados no texto

**Figura 3.2.1.** Plano dos túmulos de “La Tuilerie”

**Figura 3.2.2.** Contexto geográfico e arqueológico de Saint-Dizier

**Figura 3.2.3.** Contexto arqueológico da região de “La Tuilerie”

**Figura 3.2.4.** A região de Champagne no século VI

**Figura 3.2.5.** Plano da necrópole de Bossut-Gottechain

**Figura 3.2.6.** Chave (sep. 146 – Bossut-Gottechain)

**Figura 3.2.7.** Projeção do edifício de Colônia datado do século VI

**Figura 3.2.8.** Perfil das sepulturas B808 e B809 no atual coro da Catedral de Colônia

**Figura 3.2.9.** Projeção da possível área de extensão do complexo de Colônia

**Figura 3.2.10.** Necrópoles na região de Colônia

**Figura 3.2.11.** Localização das primeiras igrejas na Colônia antiga e altomedieval

**Figura 3.2.12.** Anel sinete (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)

**Figura 3.2.13.** Monograma do anel sinete (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)

**Figura 3.2.14.** Saint-Denis no Baixo Império

**Figura 3.2.15.** Plano do complexo de Saint-Denis

**Figura 3.2.16.** Plano da necrópole sob a nave da Basílica de Saint-Denis

**Figura 3.3.1.** Sarcófago de calcário (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)

- Figura 3.3.2.** Concentração de diferentes contentores (séculos I ao XII)
- Figura 3.3.3.** Plano da sepultura 12 (La Tuilerie)
- Figura 3.3.4.** Fotografia da sepultura 12 (La Tuilerie)
- Figura 3.3.5.** Bacia de borda perolada de liga de cobre (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.3.6.** Vasilha de cerâmica (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.3.7.** Vasilha de vidro (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.3.8.** Frasco de vidro (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.3.9.** Plano da sepultura 146 (Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.10.** Fotografia da sepultura 146 (Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.11.** Vestígios da tampa do caixão (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.12.** Bacia de liga de cobre (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.13.** Bacia de liga de cobre (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.14.** Alça da bacia de liga de cobre (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.15.** Grande vasilha de cerâmica (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.16.** Detalhe das decorações da grande vasilha de cerâmica (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.17.** Balde de madeira (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.18.** Copo ápode (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.19.** Plano da sepultura B808 (Catedral de Colônia)
- Figura 3.3.20.** Projeção da sepultura B808 (Catedral de Colônia)
- Figura 3.3.21.** Recipientes de vidro (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.3.22.** Fragmentos da luva de couro (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.3.23.** Bacia de bronze (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.3.24.** Chifre de beber (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.3.25.** Moeda depositada na boca da inumada (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.26.** *Solidus* de Teodeberto I (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.27.** Moeda romana – reverso (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.28.** Moeda romana – anverso (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.29.** Objetos diversos (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.3.30.** Faca (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.3.31.** Faca (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.32.** Faca (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.3.33.** Cutelo (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.34.** Fragmentos de fechos de prata (sep. 146)
- Figura 3.3.35.** Fivela de cinto (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.3.36.** Placa de ouro do cabo da faca (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.1.** Fíbulas discoides (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.2.** Fíbulas arqueadas assimétricas (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.3.** Sistema de fixação da fíbula discoide (nº19/sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.4.** Sistema de fixação da fíbula discoide (nº3/sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.5.** Sistema de fixação da fíbula arqueada assimétrica (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.6.** Sistema de fixação da fíbula arqueada assimétrica (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.7.** Fíbulas e brincos de pingentes poliédricos (sep. B808 – Catedral de Colônia)

- Figura 3.4.8.** Fíbulas em formato de ave (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.9.** Sistema de fixação da fíbula nº3 (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.10.** Colar (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.11.** Bracelete de prata (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.12.** *Vitta* (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.4.13.** *Vitta* (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.14.** Aplicações de ouro da *vitta* (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.15.** Anel (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.16.** Detalhe do anel (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.17.** Anel (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.18.** Detalhe do anel (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.19.** Pingentes de ouro (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.20.** Colares, brincos e fíbulas rosetas (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.4.21.** Brincos com pingentes poliédricos (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.22.** Exemplar do brinco com decorações assimétricas (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.23.** Exemplar do brinco com decorações simétricas (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.24.** Fíbulas discoides (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)
- Figura 3.4.25.** Brincos de cesto (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)
- Figura 3.4.26.** Apliques de prata da jarreteira (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)
- Figura 3.4.27.** Fivela (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.28.** Cinto (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)
- Figura 3.4.29.** Colar (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.30.** *Denarius* Marco Antônio (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.31.** Miçanga de cristal de rocha (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.32.** Miçanga amarelada de vidro (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.33.** Fechadura (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.34.** Caixa (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.4.35.** Tesoura (sep. 146 – Bossut-Gottechain)
- Figura 3.4.36.** Miçanga de chifre de cervídeo (sep. 12 – La Tuilerie)
- Figura 3.4.37.** Esfera de cristal de rocha (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.4.38.** Esfera metálica (sep. B808 – Catedral de Colônia)
- Figura 3.4.39.** Pino (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)
- Figura 4.2.1.** Distribuição cronológica dos tipos de granadas

**Tabela 3.4.1.** Composição química do par de fíbulas discoides (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)

**Tabela 3.4.2.** Composição química do par de brincos (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)

**Tabela 3.4.3.** Composição química dos apliques da jarreteira (sep. 49 – Basílica de Saint-Denis)

## Lista de abreviaturas e siglas

C2RMF – Centre de Recherche et Restauration des Musées de France

LHD - *Libri Historiarum Decem*

GREGÓRIO DE TOURS. **Gregorii episcopi Turonensis historiarum libri X.** KRUSCH, B.; LEVISON, W.; HOLTZMANN, W. (Eds.) **Monumenta Germaniae Historica**, Scriptores Rerum Merovingicarum, t. I. Hanover: 1937 – 1951. [trad. ingl: **The History of the Franks.** Ed. THORPE, Lewis. Harmondsworth/Nova York: Penguin Books, 1974]

MAN – Musée d'Archéologie Nationale

PLS – *Pactus Legis Salicae*

Pactus Legis Salicae. ECKHARDT, K. A. (Ed.). **Monumenta Germaniae Historica**, Leges nationum Germanicarum, t. IV, sectio I, Hanover: 1962. [trad. ingl: **The Laws of the Salian Franks.** DREW, Katherine (Ed.). Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991]

## Sumário

### Volume 1

Introdução.....	10
Capítulo 1 – As cerimônias funerárias no Norte da Gália e as novas hierarquias do poder.....	15
a. Os vestígios funerários e as narrativas do início da Idade Média.....	15
b. A organização familiar e a gestão de riquezas.....	33
c. Mulheres e memória familiar.....	44
Capítulo 2 – “Tesouros animados” e onde foram enterrados.....	55
a. Introdução.....	55
b. Construir as paisagens funerárias: a topografia e os monumentos funerários.....	61
c. Construir a comunidade: os contentores, os recipientes e as oferendas.....	76
d. Construir o feminino: adornos do corpo e das vestes.....	88
Capítulo 3 – Os funerais entre as estratégias familiares e a circulação de bens.....	100
a. Túmulos femininos, túmulos de mulheres.....	100
b. As circulações de objetos, estilos e práticas sociais.....	113
Considerações finais.....	124
Referências Bibliográficas.....	129

### Volume 2

Lista de imagens.....	6
-----------------------	---

## Introdução

Na fronteira entre as balizas historiográficas da Antiguidade e da Idade Média, as práticas funerárias do Norte da Gália (fig. 1.1) estão em constante reinterpretação. Cada grande quadro teórico que influenciou as disciplinas da Arqueologia e da História, do nacionalismo ao pós-modernismo, deixou sua marca na leitura dos depósitos funerários, das necrópoles em campo aberto e dos sepultamentos em igrejas – elementos mais característicos das práticas mortuárias do final do século V e do século VI na região. Até o momento, não existe uma *communis opinio*<sup>1</sup> sobre as razões do desenvolvimento e expansão deste modo funerário, muito menos sobre os significados por trás de suas várias facetas.

No que diz respeito aos túmulos com uma grande quantidade de objetos em seu interior, percebe-se uma tendência na escolha dos itens que acompanhavam os mortos: indivíduos do sexo feminino são frequentemente encontrados com variados tipos de adornos, enquanto aqueles do sexo masculino são encontrados com variados tipos de armamentos. Essa divisão parece, pois, ter sido mais marcada durante a exposição do corpo com os objetos e, em menor grau, na arquitetura interna do túmulo. Já a topografia das necrópoles, os monumentos e os espaços funerários (incluindo as igrejas), não parecem enfatizá-la, apesar de, até o momento, nenhum indivíduo do sexo feminino ter sido encontrado isolado dos demais ou em um *tumulus*, ou monumento individual<sup>2</sup>. Exemplos “transgressores”, de objetos caracteristicamente femininos com indivíduos do sexo masculino e vice-versa, continuam a ser encontrados, mas eles não traduzem necessariamente transgressões reais aos papéis de gênero atribuídos aos indivíduos em vida. O mesmo pode ser dito sobre os indivíduos cujos túmulos estão repletos de objetos que referenciam os ideais de gênero correspondentes ao seu sexo.

A tendência mencionada não nos indica somente a existência de atribuições generificadas dos indivíduos; afinal, as sociedades modernas industriais suprimem ou reduzem as diferenças de gênero na exibição funerária e estudos etnográficos demonstram que nem todas as sociedades com claros papéis de gênero os expressavam em seus rituais<sup>3</sup>. As cerimônias

---

<sup>1</sup> Expressão de Frans Thewus em: THEUWS, Frans. Long-Distance Trade and the Rural Population of Northern Gaul. In: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Merovingian World**. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 891.

<sup>2</sup> NISSEN JAUBERT, Anne. La femme riche. Quelques réflexions sur la signification des sépultures féminines privilégiées dans le Nord-Ouest européen. In: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine (Orgs.). **Les élites et la richesse au haut Moyen Âge**. Turnhout: Brepols, 2010, p. 322–323.

<sup>3</sup> HÄRKE, Heinrich. Gender representation in early Medieval burials: past reality or ritual display?, **Problemy vseobshchej istorii**, 8, 2003, p. 130.



funerárias não são reflexos diretos da identidade das pessoas e nem de sua posição social ou mesmo de seu poder econômico. Elas são esforços coletivos, onde os organizadores constroem um discurso sobre seus falecidos e sobre si mesmos, com intenções específicas a serem transmitidas e interpretadas por uma audiência. Os funerais participam das dinâmicas sociais e podem nos dizer muito sobre a organização de determinados grupos e as transformações que encarravam. Estudá-los não significa identificar os papéis de gênero atribuídos a cada indivíduo, mas buscar entender como esses papéis<sup>4</sup> faziam parte de processos mais abrangentes e podiam ser manipulados segundo as estratégias dos organizadores, levando em consideração as prerrogativas específicas de uma cerimônia funerária.

Os gêneros não são representações estáticas das diferenças sexuais, mas construções a partir da circulação e do consumo da cultura material<sup>5</sup>. “Gênero” não denota um ser substantivo, mas sim um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações históricas. Não há identidade por trás de suas expressões; essa identidade é performativamente constituída pelas próprias “expressões” tidas como seu resultado<sup>6</sup>. Desse modo, os referenciais femininos são intrínsecos às determinações de idade, de estatuto matrimonial, de posição social (incluindo a ocupação de cargos públicos), da religião e de inúmeras outras, historicamente estabelecidas. Mesmo que, por vezes, certos atributos sejam mais enfatizados que outros, nenhum deles existe em um vácuo, sendo indissociáveis e mutáveis segundo cada situação em que o indivíduo se encontra<sup>7</sup>.

A partir de um recorte específico, o de quatro túmulos femininos<sup>8</sup>, o objetivo desta dissertação é analisar como foram empregados os recursos familiares na retórica funerária,

---

<sup>4</sup> Entendidos aqui de uma maneira mais ampla do que atribuições delimitadas, que não podem ser claramente percebidas nesse registro arqueológico.

<sup>5</sup> SØRENSEN, Marie Louise Stig. Gender, Things and Material Culture. In: NELSON, Sarah Milledge (Org.). **Women in Antiquity: theoretical approaches to gender and archaeology**. Lanham: AltaMira, 2007, p. 75.

<sup>6</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990], p. 33-56.

<sup>7</sup> Cf. HALSALL, Guy. Subject, individual, exclusion: some theoretical reflections and frankish applications. In: GIOANNI, Stéphane; JOYE, Sylvie; LA ROCCA, Cristina (Orgs.). **La construction sociale du sujet exclu (IVe-XIe siècle)**. Discours, lieux et individus. Turnhout: Brepols, 2019, p. 15–26; SØRENSEN, Marie-Louise Stig. Gender, Things and Material Culture. *Op. cit.*, p. 111.

<sup>8</sup> No Capítulo 3, eu discuto longamente sobre a diferença entre os termos “túmulos femininos” e “túmulos de mulheres” empregados nesta dissertação. De maneira breve, o termo “feminino” é empregado para enfatizar a intencionalidade da manifestação de atributos ligados ao gênero feminino em alguns dos túmulos de mulheres no período em questão. Essa diferenciação não implica no apagamento da existência de um sistema de gênero, onde todos, independente dos depósitos colocados em seus túmulos, estavam inseridos. Cf. JOYE, Sylvie. Introduction: genres et regimes de genre entre Antiquité Tardive et haut Moyen Âge en Occident. In: JOYE, Sylvie; LE JAN, Régine (Orgs.). **Genre et compétition dans les sociétés occidentales du haut Moyen Âge (IVe-XIe siècle)**. Turnhout: Brepols, 2018, p. 9–27; LA ROCCA, Cristina. Introduzione. Fonti scritte e fonti materiali per la storia

considerando a relação dos sepultamentos com os ambientes circundantes e as transformações ocorridas no século VI, no Norte da Gália. Acredito que o ato de enfatizar as atribuições generificadas das inumadas está relacionado às configurações do poder, pois as relações generificadas são a base da perpetuação biológica das famílias, do estabelecimento de alianças e da transmissão de patrimônio<sup>9</sup>. As mulheres das elites utilizavam os símbolos materiais dessas relações (os adornos do corpo e dos trajes), que compunham o tesouro familiar. Esperava-se que elas portassem esses marcadores em público, como vetores da memória prestigiosa de suas famílias, e que os passassem adiante segundo cada etapa de vida, que implicava em diferentes funções dentro dos grupos familiares<sup>10</sup>.

Em um momento em que as redes de amizade eram extremamente importantes para a manutenção ou expansão das posições sociais, os rituais de congregação podem ter servido como espaços para estabelece-las e reforçá-las. A origem dos indivíduos pode não ser ainda o fator determinante das possibilidades de ascensão social<sup>11</sup>, mas a retórica do pertencimento familiar ganha gradualmente importância no século VI e podemos inferir tentativas da construção de uma memória ancestral através das cerimônias funerárias. Desse modo, o discurso enfaticamente feminino de certas cerimônias funerárias, que é quase unicamente expresso durante a exposição do corpo, diz respeito ao lugar que os funerais ocupavam na estruturação das elites nortenhas, em uma região sob o controle gradual da família merovíngia e que se tornava o centro político do Reino dos Francos.

Dois eixos temáticos se apresentam: as dinâmicas sociais na Gália no século VI e o lugar das cerimônias funerárias; as mulheres dentro de seus grupos familiares e a manipulação dos

---

dell'agire femminile (secoli VI-X). In: LA ROCCA, Cristina (Org.). **Agire da Donna**. Modelli e pratiche di rappresentazione (secoli VI-X). Turnhout: Brepols, 2007, p. 7–10.

<sup>9</sup> Cf. JOYE, Sylvie, Filles et pères à la fin de l'Antiquité et au haut Moyen Âge. Des rapports familiaux à l'épreuve des stratégies. In: BADEL, Christophe; SETTIPANI, Christian (Orgs.). **Les stratégies familiales dans l'Antiquité tardive**: actes du colloque organisé par le CNRS USR 710, L'année épigraphique, tenu à la Maison des sciences de l'homme les 5-7 février 2009. Paris: De Boccard, 2012, p. 228; RÉAL, Isabelle, **Vies de saints, vie de famille**. Représentation et système de la parenté dans le Royaume mérovingien (481-751) d'après les sources hagiographiques. Turnhout: Brepols, 2001, p. 163.

<sup>10</sup> JOYE, Sylvie. Les élites féminines au haut Moyen Âge : Historiographie, **Textes de travail rédigés dans le cadre de recherche "Les Élités dans le Haut Moyen Âge (VIe-XIIe)" du LaMOP**, 27 e 28 de novembro, Marne-la-Vallée, 2003, p. 4; POIGNANT, Stéphane; RENO, Julie, Des bijoux brisés, trajectoires d'objets précieux durant le haut Moyen Âge : le cas de la sépulture 87 de la nécropole de Chasseneuil-sur-Bonnieure (Charente). In: **Les réparations de la préhistoire à nos jours** : cultures techniques et savoir-faire. Turnhout: Brepols, no prelo; RENO, Julie, Rings of power. The interpretation of early medieval objects of adornment. In: FLETCHER, Christopher (Org.). **Everyday Political Objects**. From the Middle Ages to the Contemporary World, Nova York: Routledge, 2021, p. 21.

<sup>11</sup> DUMÉZIL, Bruno. Famille et ascension sociale dans la Gaule mérovingienne. In: BADEL, Christophe; SETTIPANI, Christian (Orgs.). **Les stratégies familiales dans l'Antiquité tardive...** *Op. cit.*, p. 339–354.

objetos no estabelecimento das relações e dos ideais generificados. A escrita da dissertação foi fruto da articulação entre os dois.

No Capítulo 1, concentrei-me no desenvolvimento da Arqueologia Funerária e no impacto que os diferentes quadros teóricos tiveram na interpretação das práticas mortuárias das sociedades setentrionais do continente europeu. Esses debates foram muito importantes na criação das narrativas historiográficas do início da Idade Média. Em um segundo momento, argumentei como as definições familiares e a retórica do pertencimento familiar foram importantes para as elites da Gália, em um momento onde não existia uma definição legal que separasse os indivíduos em diferentes estamentos. As cerimônias funerárias fazem parte da manifestação pública dessas filiações e das estratégias à disposição das famílias, sendo as mulheres essenciais nesses processos. Infelizmente, a maioria esmagadora das menções a elas nas fontes escritas é referente às rainhas e, em menor grau, às abadessas. A Arqueologia nos possibilita um leque de possibilidades, evidenciando a variedade de expressões e de significados do corpo feminino na sociedade franca que se organizava. Não se trata também de completar os estudos históricos ou sociológicos com exemplos materiais, mas demonstrar como recursos diferentes são empregados segundo contextos e “suportes” diferentes.

No Capítulo 2, apresentamos de maneira detalhada os quatro túmulos selecionados para a pesquisa. São eles: a sepultura 12 de “La Tuilerie” (Saint-Dizier, França); a sepultura 146 de Bossut-Gottechain (Grez-Doiceau, Bélgica), também conhecida como a “Dama de Grez-Doiceau”; o túmulo 49 da Basílica de Saint-Denis (Saint-Denis, França), frequentemente atribuído à rainha Aregonda, esposa de Clotário I e mãe de Chilperico; o túmulo B808 da Catedral de Colônia (Colônia, Alemanha), frequentemente classificado de real e, por vezes, atribuído à rainha Visegarda, esposa de Teodeberto I (fig. 1.2). Os quatro foram encontrados com uma grande quantidade de objetos considerados caracteristicamente femininos, dado sua grande repetição, em variadas combinações, nos túmulos de indivíduos do sexo feminino. A escolha do arranjo foi guiada pela descoberta relativamente recente dessas sepulturas, entre a década de 1950 e os anos 2000, que facilitaram meu acesso a informações já organizadas segundo os padrões modernos de registro do material arqueológico. A proximidade temporal das descobertas com a atualidade implicou também em uma maior disponibilidade de material de consulta e na possibilidade de contato direto com os responsáveis das escavações. Nenhum túmulo do *corpus* foi encontrado em um contexto explicitamente monástico ou com referências

significativas de uma vida enclausurada. Portanto, as discussões trazidas nesta dissertação são aquelas voltadas às mulheres cujas esferas de ação eram seculares.

A argumentação foi dividida em três níveis: no primeiro, falo sobre a localização dos espaços funerários dentro dos territórios e de sua organização interna, incluindo a análise das estruturas identificáveis sobre o solo. No segundo nível, discuto a arquitetura interna do túmulo e os recipientes e moedas depositados nas sepulturas. Em outras palavras, o tópico é voltado para a análise daqueles elementos que acredito terem sido dados, ou ao menos uma parte deles, no momento da exibição dos corpos, sendo também aqueles cujo gênero da inumada não parece ter sido tão essencial na sua seleção. O terceiro tópico concentra-se nos objetos depositados nos corpos das inumadas, significativos como marcadores das relações generificadas estabelecidas a partir das mulheres. São eles os adornos do corpo e da vestimenta, mas também os itens ligados a possíveis atividades desempenhadas por elas.

Essa divisão foi feita com base na prática da construção da memória através dos elementos materiais e imateriais das cerimônias funerárias, o que implicou na mobilização de recursos diferentes em etapas diferentes do processo funerário. Por sua vez, a divisão proposta não pode ser naturalizada, pois ela diz respeito ao arcabouço teórico desta pesquisa em específico. Ela também se mostrou necessária para a organização de dados de naturezas variadas e para a sua exposição e discussão. Como busco demonstrar ao longo do capítulo, a divisão não significa que os materiais não estavam relacionados entre si e que as fronteiras de categorização podem ser extremamente fluidas.

Os dois eixos anteriormente mencionados são discutidos e relacionados no decorrer de todo o texto, mas são verdadeiramente articulados no Capítulo 3. Nessa parte, fiz análises mais globais dos conjuntos funerários e comparações mais abrangentes do que as apresentadas no Capítulo 2. Defendo que a ênfase nos atributos femininos está relacionada à construção da memória familiar, dado que esses atributos não são reflexos de papéis de gênero, mas são formados a partir das relações generificadas que auxiliam a estabelecer. Essa ênfase nos informa sobre a importância das cerimônias funerárias na estruturação da sociedade do Norte da Gália no século VI, muito baseada na exibição pública de poder e nas redes de aliança. Os túmulos de mulheres ganham então um novo espaço, sendo inseridos nos debates sobre poder e patrimônio. Desse modo, mais do que reforçar modelos historiográficos, os dados apresentados revelam a variedade de discursos que podem ter sido construídos nos funerais, onde as famílias adaptam as práticas sociais disponíveis às suas necessidades e objetivos.

## Capítulo 1 – As cerimônias funerárias no Norte da Gália e as novas hierarquias do poder

### a. Os vestígios funerários e as narrativas do início da Idade Média

Desde a formação da disciplina da Arqueologia no século XIX, as práticas funerárias ocupam um grande espaço no estudo da formação, expansão e configuração social dos novos reinos bárbaros. Nos estudos sobre as regiões setentrionais do continente europeu, muito destaque é dado à deposição de bens materiais junto aos inumados e à topografia das necrópoles a céu aberto, mas uma pluralidade de modos funerários coexistiu durante a Alta Idade Média.

Sobre a prática de deposição de objetos, é significativo notar a ênfase colocada na exibição dos falecidos com eles. Dados apontam para uma especificidade temporal da prática na Gália, pois, mesmo que a presença de objetos em contextos funerários já tenha sido atestada no século IV<sup>12</sup>, percebe-se um aumento na proporção das sepulturas mobiliadas nas necrópoles e na quantidade de bens colocados a partir do final do século V. Nota-se também uma retração progressiva das deposições no século VII e sua brusca diminuição a partir do século VIII<sup>13</sup>.

A ostentação funerária se dava majoritariamente através da escolha dos objetos e da quantidade deles colocados junto aos indivíduos. Esta observação é importante, pois não podemos confundir o fenômeno do aumento da deposição dos objetos com a permanência da prática de deposição<sup>14</sup>. As cerâmicas e os recipientes de vidro continuam sendo frequentemente encontrados em contextos funerários de todo o período medieval e os indivíduos continuaram a ser enterrados vestidos, mesmo com a progressiva adoção das mortalhas a partir do período carolíngio<sup>15</sup>. Emma Browlee, em um estudo recente de 246 necrópoles da Europa ocidental, também defende que as inumações com objetos considerados por ela como possessões inseparáveis<sup>16</sup> continuaram a ser frequentes, mesmo com o declínio da deposição dos demais

---

<sup>12</sup> HALSALL, Guy. **Barbarians migrations and the Roman West, 376-568**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007; THEUWS, Frans. Burial Archaeology and the Transformation of the Roman World in Northern Gaul (4th to 6th Centuries). In: BRATHER-WALTER, Susanne (Org.). **Archaeology, History and Biosciences. Interdisciplinary Perspectives**. Berlim: De Gruyter, 2019, p. 129.

<sup>13</sup> DUMÉZIL, Bruno. Tombes de chef. In: DUMÉZIL, Bruno (Dir.). **Les Barbares**. Paris: PUF, 2016, p. 1294.

<sup>14</sup> CARTRON, Isabelle. Ostentation ou humilité? Réflexions autour du vêtement du défunt et du dépôt d'objets dans les tombes au cours du haut Moyen Âge. In: **Les vivants et les morts dans les sociétés médiévales : XLVIIIe Congrès de la SHMESP (Jérusalem, 2017)**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2018, p. 206.

<sup>15</sup> CARTRON, Isabelle. Ostentation ou humilité? *Op. cit.*, p. 205-215 .

<sup>16</sup> Ela os define como: “*Items for personal use, which could have been carried on the person. These are usually inseparable possessions*”. Os exemplos seriam facas, chaves, colheres, bolsas, jarreteiras etc. BROWLEE, Emma. The Dead and their Possessions: The Declining Agency of the Cadaver in Early Medieval Europe,

objetos. Esses itens seriam tão estreitamente entrelaçados com o corpo de seu dono que não haveria outra escolha senão enterrá-los juntos. Ou seja, esses bens permaneceriam com o corpo porque são parte dele, não porque eram possessões do indivíduo<sup>17</sup>.

A mudança nas práticas funerárias não significou uma interrupção dos gestos de distinção social, que passou a ser exprimida de outras maneiras. A suntuosidade dos funerais pode ser manifestada em diferentes etapas da cerimônia e por diferentes meios, como através do tratamento do cadáver, de seu transporte, de sua exposição, da arquitetura da tumba e de marcadores na paisagem, entre outros<sup>18</sup>. No que diz respeito aos sepultamentos do período merovíngio, muita atenção é dada aos objetos e ao momento de exibição do conjunto funerário, mas, como veremos adiante, os espaços sepulcrais também faziam parte da ostentação funerária e, assim como aquilo que estava no interior do túmulo, também carregavam mensagens próprias sobre o inumado e os organizadores da cerimônia.

A partir do século VIII, as inumações com objetos são comuns apenas na Escandinávia e no Leste Europeu (especialmente na região da atual Hungria até as estepes do Cáucaso)<sup>19</sup>. Cada região pareceu conhecer um período próprio de expansão e declínio da prática: na região da Alemanha, a prática se intensifica na metade do século V e regride no século VIII<sup>20</sup>; no Sudoeste da Britânia anglo-saxã, onde o exemplo de Sutton Hoo é o mais conhecido, ela se intensifica na passagem para o século VI e regride até a década de 680<sup>21</sup>; no Norte da Península Itálica, ela parece ter se iniciado na segunda metade do século VI e o início do século VII, diminuindo até o final do mesmo século<sup>22</sup>; no Norte da Gália, como já dito, o ápice do fenômeno parece ter acontecido no século VI, declinando nos séculos seguintes<sup>23</sup> (fig. 2.1.1).

---

**European Journal of Archaeology**, 23, 3, 2020, material suplementar: <https://doi.org/10.1017/ea.2020.3> (Consultado em 16/02/2021).

<sup>17</sup> BROWNLEE, Emma Claire. The Dead and their Possessions... *Op. cit.*, p. 406-427.

<sup>18</sup> CARTRON, Isabelle. Ostentation ou humilité? *Op. cit.*, p. 211.

<sup>19</sup> HÄRKE, Heinrich. Grave goods in early medieval burials: messages and meanings, **Mortality**, 2014, p. 2-3.

<sup>20</sup> BROWNLEE, Emma. Connectivity and funerary change in early medieval Europe, **Antiquity**. A quarterly review of archaeology, 95, 2021, p. 147.

<sup>21</sup> Emma Brownlee ressalta que, mesmo que esse declínio diga respeito aos túmulos de ambos os sexos no final do século VI, os depósitos em túmulos de mulheres reemergiram na metade do século VII, tornando-se seis vezes mais comuns do que nos túmulos masculinos. *Ibid.*, p. 143; p. 147-148.

<sup>22</sup> BARBIERA, Irene. Memory of a better death: conventional and exceptional burial rites in central european cemeteries of the AD 6th and 7th centuries. *In*: BARBIERA, Irene; CHOYKE, Alice M.; RASSON, Judith A. (Eds.). **Materializing Memory: Archaeological material culture and the semantics of the past**. Oxford: Archaeopress, 2009, p. 70-71.

<sup>23</sup> EFFROS, Bonnie. **Merovingian Mortuary Archaeology and the Making of the Early Middle Ages**. Berkeley: University of California Press, 2003, p. 85; HALSALL, Guy. **Barbarians Migrations and the Roman West**, *Op. cit.*, p. 350.

No que diz respeito aos túmulos com a maior quantidade de objetos em seu interior, a tendência parece ser de uma divisão entre os gêneros feminino e masculino: mulheres eram frequentemente enterradas com joias, acessórios de vestimenta e ferramentas ligadas à costura; homens com diferentes tipos de armas e ferramentas e, nos casos mais privilegiados, em caixões dentro de câmaras funerárias (conhecido como “tipo Morcken”). Utensílios de banquete, oferendas alimentares e outros objetos menores foram classificados como artefatos neutros, pois são encontrados com inumados de ambos sexos<sup>24</sup>. Barcos, carruagens e outros tipos de mobília de madeira eram raros, assim como a presença de tapetes e outros elementos têxteis, salvo as vestimentas. Sepultamentos de cavalos e cachorros também foram apenas encontrados em relação a túmulos com quantidades maiores de artefatos, especialmente nas regiões mais setentrionais do continente<sup>25</sup>.

Um dos exemplos mais célebres da Alta Idade Média é o conjunto funerário atribuído a Childerico (c. 481/2<sup>26</sup>), pai de Clóvis (481/2 – 511), descoberto na cidade de Tournai (Bélgica), no século XVII. Considerado hoje como um dos mais ricos sepultamentos do período pela quantidade de objetos encontrados em seu interior<sup>27</sup>, seu registro mais importante é o catálogo de Jean-Jacques Chiflet, dado que a maioria dos artefatos foi perdida em 1831<sup>28</sup>. Chiflet foi enviado pelos Habsburgos para registrar e analisar os objetos encontrados, visando enfraquecer as reivindicações dos Bourbon de continuidade dinástica com os reis merovíngios. A atribuição de identidade foi baseada na inscrição CHILDIRICI REGIS no anel sinete encontrado e Chiflet focou sua análise nas supostas abelhas de ouro, que representariam as insígnias reais merovíngias (refutando a noção de que seriam antecedentes da flor-de-lis da monarquia

---

<sup>24</sup> HALSALL, Guy. **Settlements and social organization**. The Merovingian region of Metz. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 75-166; HALSALL, Guy. **Cemeteries and Society in Merovingian Gaul: Selected Studies in History and Archaeology, 1992–2009**. Leiden: Brill, 2010.

<sup>25</sup> HÄRKE, Grave goods in early medieval burials... *Op. cit.* p. 3.

<sup>26</sup> A data utilizada pela maioria dos historiadores e arqueólogos para a morte de Childerico é estimada a partir dos relatos de Gregório de Tours, que afirmou que Clóvis morreu após ter reinado por 30 anos. Contudo, os detalhes da sucessão são tão escassos que não é possível afirmar que ele sucedeu seu pai logo após seu falecimento ou mesmo que seu reinado foi tão longo quanto coloca o autor. As moedas encontradas no túmulo podem ajudar na datação e as mais tardias são as do imperador Zenão (474 – 491), mostrando que o túmulo não pode ser mais recente que 474. Sabendo que Childerico esteve ativo desde aproximadamente 450 e que Clóvis já tinha um filho velho suficiente para ser rei da Austrásia em 511 (o que apoiaria o argumento de que seu reinado pode ter começado em torno de 490), é possível estimar que a morte de Childerico pode ter acontecido até cinco anos antes da data tradicional ou mesmo dez anos depois. HALSALL, Guy. **Cemeteries and Society in Merovingian Gaul...** *Op. cit.*, p. 173.

<sup>27</sup> LE JAN, Régine. O historiador e suas fontes: construção, desconstrução, reconstrução, trads: Flávia Aparecida Amaral e Robson Murilo Grando Della Torre, **Revista Signum**, 17, 1, 2016, p. 14-15.

<sup>28</sup> HALSALL, Guy. **Cemeteries and Society in Merovingian Gaul...** *Op. cit.*, p. 169.

francesa). O autor também deu destaque às joias, à espada e aos outros objetos que seriam associados ao papel de rei e de guerreiro<sup>29</sup>.

Escavações modernas na região de seu enterramento revelaram a existência de um grande *tumulus* (de vinte a quarenta metros de diâmetro) e os sepultamentos de vinte e um cavalos, divididos em três fossas<sup>30</sup>. A proximidade com a inumação, a posição estratigráfica e a datação de radiocarbono (460 – 520) sugerem que os esqueletos dos equinos estavam relacionados à sepultura e teriam sido o resultado de um sacrifício coletivo, sem ser possível identificar se eles pertenciam à comitiva de Childerico ou se foram selecionados especificamente para o ritual<sup>31</sup>. Não é claro também se as fossas foram preenchidas simultaneamente e concomitantes ao funeral, ou se os cavalos foram depositados em comemorações posteriores.

Nos séculos V e VI, a presença de enterramentos de cavalos em associação a inumações humanas é conhecida especialmente a leste do Reno, com exemplos esparsos na Gália. Sua grande importância nas atividades humanas do período, notavelmente para a guerra<sup>32</sup>, evidencia não só seu alto grau de simbolismo, mas também o grande custo funerário despendido em seu sacrifício<sup>33</sup>. A quantidade de cavalos no túmulo privilegiado de Tournai é, até o momento, sem precedentes. Trata-se também da única inumação conhecida com um conjunto de moedas de ouro e de prata: foram recuperadas 300 moedas que cobriam cinco séculos, dentre as quais Chiflet só descreveu 89 *solidi*, 41 *denarii* e uma *siliqua* individualmente, das quais desenhou apenas 12 *solidi*, três *denarii* e a *siliqua*. Infelizmente, a posição em que os objetos foram encontrados não foi registrada, nem os remanescentes humanos<sup>34</sup>.

---

<sup>29</sup> EFFROS, Bonnie. Merovingian Mortuary Archaeology... *Op. cit.*, p. 32.

<sup>30</sup> A prática de sepultar cavalos, junto ou próximo de túmulos humanos, é muito rara na Europa Ocidental (embora comum, ao menos desde a Antiguidade, da Europa Oriental até a China). TESTART, Alain. “Doit-on parler de sacrifice à propos des morts d’accompagnement?”. In: ALBERT, J.-P.; MIDANT-REYNES, B. (Orgs.) **Le sacrifice humain en Égypte ancienne et ailleurs**. Paris: Soleb, 2005, p. 8-9.

<sup>31</sup> CORNETTE, Raphaël; GERBER, Sylvain; GUINTARD, Claude; HANOT, Pauline; HERREL, Anthony; VERSLYPE, Laurent. Reconstructing the functional traits of the horses from the tomb of King Childeric, **Journal of Archaeological Science**, 121, 2020, p. 2.

<sup>32</sup> Um estudo recente de parte dos esqueletos enterrados em Tournai sugeriu que os cavalos possivelmente foram de raças de corrida, sendo utilizados especialmente como cavalos de guerra. *Ibid.*, p. 10.

<sup>33</sup> A conservação do tamanho dos cavalos no período merovíngio é contrastada com a diminuição do tamanho do gado na mesma época. Esse fenômeno é geralmente explicado pela persistência de técnicas de reprodução usadas durante o Império Romano, além dos potenciais cruzamentos com raças maiores da Europa oriental. *Ibid.*, p. 2.

<sup>34</sup> FISCHER, Svante; LIND, Lennart. The Coins in the Grave of King Childeric, **Journal of Archaeology and Ancient History**, Uppsala, 14, 2015, p. 3.



Por sua vez, a maioria dos túmulos nas demais necrópoles foi encontrada com menos exemplares de artefatos como facas e fivelas de cinto<sup>35</sup>. Tanto nos territórios francos como lombardos, a idade dos inumados pareceu desempenhar um papel importante na seleção dos objetos: mulheres jovens e homens maduros são aqueles comumente encontrados com uma maior quantidade de objetos classificados como específicos de seu gênero<sup>36</sup>. Guy Halsall, ao estudar as necrópoles da região de Metz, notou que as crianças mais novas recebiam poucos artefatos ligados a um gênero, enquanto crianças mais velhas não eram enterradas com nenhum item desse tipo. A partir dos doze anos, meninas começaram a ser encontradas com artefatos característicos do gênero feminino, enquanto os meninos da mesma idade permaneciam “artefatualmente neutros”. Já a partir dos vinte anos, homens foram encontrados com armas e outros itens associados ao gênero masculino. Dos quarenta aos sessenta anos, mulheres foram raramente encontradas com joias e homens com espadas, embora ambos ainda aparecessem com outros objetos generificados. A partir dos sessenta anos, homens e mulheres voltam a possuir apenas artefatos neutros, salvo raras exceções<sup>37</sup>.

A existência de pontos comuns entre as práticas funerárias de diferentes regiões levou os pesquisadores a buscarem as origens por trás dessas semelhanças. No final do século XIX e início do século XX, dois quadros interpretativos ganharam maior destaque entre os estudiosos. O primeiro, de cunho religioso, ligava a prática de deposição uma concepção religiosa de vida após a morte – onde o inumado necessitaria de seus objetos e das oferendas em um novo plano espiritual. A prática seria, pois, um símbolo de sobrevivência pagã nos novos reinos bárbaros, onde a conversão ao cristianismo teria sido ainda superficial<sup>38</sup>. Um exemplo é Jean-Benoît-Désiré Cochet (1812 - 1875), que, ao associar a prática de deposição de objetos ao paganismo, reforçou um antagonismo entre os períodos merovíngio e carolíngio, durante o qual tal costume se retraiu<sup>39</sup>.

O segundo quadro, por sua vez, enfatizava a ligação entre objetos e grupos étnicos específicos, que possuiriam uma herança germânica comum. Deduzia-se então uma

---

<sup>35</sup> HÄRKE, Heinrich. Grave goods in early medieval burials... *Op. cit.*, p. 3. Para exemplos nas regiões de domínio franco cf. HALSALL, Guy. **Settlements and social organization**. *Op. cit.*, p. 75-166; para exemplos nas regiões de domínio lombardo, cf. BARBIERA, Irene. Memory of a better death... *Op. cit.*, p. 69.

<sup>36</sup> BARBIERA, Irene. Memory of a better death... *Op. cit.*, p. 71. HALSALL, Guy. **Settlements and social organization**. *Op. cit.*, p. 162-163.

<sup>37</sup> HALSALL, Guy. Settlements and social organization. *Op. cit.*, p. 65.

<sup>38</sup> EFFROS, Bonnie. Merovingian Mortuary Archaeology... *Op. cit.*, p. 65.

<sup>39</sup> COCHET, Jean-Benoît-Désiré. Le tombeau de Childéric Ier roi des francs, restitué à l'aide de l'archéologie et des découverts récentes faites en France, en Belgique, en Suisse, en Allemagne et en Angleterre. Brionne: Gérard Monfort, 1978 [1859].

continuidade entre os germânicos de Tácito, os bárbaros das fontes romanas tardias e os primeiros reinos medievais<sup>40</sup>. Nesse momento, a Filologia alemã se tornava a principal ferramenta no estudo da história medieval, dominando as universidades na Europa e nos Estados Unidos, e fundindo o estudo do passado e o nacionalismo em um único elemento. Estabelecidas as línguas nacionais, as regras da filologia indo-europeia permitiam que os linguistas atribuísem textos de vernáculos antigos a essas línguas, como se fossem seus antepassados diretos. A abordagem permitia então a classificação dos documentos medievais como antigos monumentos das respectivas nações. A partir de reconstruções hipotéticas das línguas em épocas pré-históricas, os estudiosos projetavam sua nação a passados remotos<sup>41</sup>.

Nesse contexto, Gustaf Kossinna, filólogo e seguidor de Jacob Grimm e Karl Müllenhoff, une Filologia e Arqueologia no desenvolvimento da teoria histórico-culturalista, cujo objetivo era descobrir a pátria originária dos falantes de línguas indo-europeias e, conseqüentemente, dos alemães contemporâneos a sua época<sup>42</sup>. Ele compilou os resultados de escavações efetuadas em territórios ditos germânicos e atribuiu uma origem comum aos povos, que precederia às ondas migratórias do final da Antiguidade que teriam gerado os diferentes “troncos” do grupo étnico germânico (os alamanos, os francos, os godos etc.). A partir do método chamado de *Siedlungsarchäologie Methode* (método da Arqueologia dos assentamentos), acreditava-se ser possível identificar cada um desses grupos por uma cultura material específica (incluindo modos de inumação próprios, armas, vestes e joias)<sup>43</sup>. Ademais, arqueólogos defensores dessas abordagens argumentavam que a função dos depósitos funerários seria a de manifestar a identidade étnica do inumado. Logo, grupos bárbaros se utilizariam do ritual funerário e se enterrariam com seus objetos supostamente característicos para reafirmar seu lugar no grupo étnico e, por vezes, se opor às práticas romanas<sup>44</sup>. As fíbulas,

---

<sup>40</sup> DUMÉZIL, Bruno. Le Moyen Âge ou l'éloignement de la barbarie. In: DUMÉZIL, Bruno (Dir.). **Les Barbares**. *Op. cit.*, p. 70.

<sup>41</sup> GEARY, Patrick. **O mito das nações**. A invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2002, p. 42–47. Para as respostas da academia francesa à metodologia alemã e o lugar dado à língua na identidade nacional, cf. JOYE, Sylvie. Les idées de germanité et de romanité dans l'historiographie française du XIXe siècle, **MEFRM**, 119, 2, p. 279-296, 2007.

<sup>42</sup> TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Editora Odysseus, 2004, p. 160.

<sup>43</sup> GRACEFFA, Agnès. Kossinna, Gustaf. In: DUMÉZIL, Bruno (Dir.), **Les Barbares**. *Op. cit.*, p. 815-816. As implicações dessa noção de grupos étnicos e ancestralidade germânica foram importantes para as reivindicações territoriais nos séculos XIX e XX, pois encorajavam a Alemanha a reivindicar regiões de países vizinhos com base na suposição de que esses territórios teriam sido as terras nativas originais dos povos germânicos. Assim, a expansão germânica em direção ao leste, no século XIII, e a do Terceiro Reich, no século XX, poderiam ser tomadas simplesmente como retornos, e não conquistas. GEARY, Patrick. **O mito das nações...** *Op. cit.*, p. 49-50.

<sup>44</sup> HALSALL, Guy. **Cemeteries and Society in Merovingian Gaul**. *Op. cit.*, p. 23. É preciso notar que, nos enterros masculinos, muitos símbolos de autoridade romana eram empregados, como os cintos e os broches que sustentavam as vestes militares. HALSALL, Guy. **Early Medieval Cemeteries: An Introduction to Burial**

recorrentes em túmulos de mulheres, foram um dos objetos mais utilizados na defesa desse tipo de interpretação: aquela que as portava seria um ícone passivo da identidade étnica de seu grupo de origem, esteja a mulher entre os seus próximos ou seja ela estrangeira em um novo grupo<sup>45</sup>.

Nos anos 1960, Reinhard Wenskus e seus seguidores (mais tarde conhecidos como a Escola de Viena) desenvolveram um novo modelo interpretativo, no qual a adesão a uma etnia era muito mais política do que biológica. Ou seja, conforme os grupos expandiam seus territórios e sua influência, outros indivíduos, de origens culturais diferentes, passariam a adotar os costumes daqueles dominantes, inclusive seus modos de falar e de se vestir. Nesse sentido, existiria um “núcleo” original, provavelmente composto pelos chefes do grupo, que perpetuaria suas tradições (incluindo sua cultura material) e a adesão ao seu “modo de vida” não seria algo exclusivo àqueles já nascidos dentro do grupo, mas sim algo adotado por aqueles que gostariam de pertencer-lhe. Essa abordagem, que ainda provoca grandes discussões, popularizou-se principalmente no estudo da história dos godos<sup>46</sup>.

No que diz respeito ao espaço franco, a organização topográfica das sepulturas em fileiras e a presença de objetos que, naquele momento, eram classificados como “padronizados”, levou à criação do conceito de *Reihengräberzivilisation* (ou civilização dos cemitérios em fileiras). Considerando que a difusão desse tipo de necrópole coincidia sensivelmente com as conquistas de Clóvis a partir de 486, que conhecemos pelos testemunhos escritos, certos pesquisadores concluíram que essas práticas funerárias se espalharam no curso da conquista franca e que testemunham, no que diz respeito às regiões entre o Reno e o Loire, onde a prática é particularmente bem representada, a amplitude da colonização germânica inicial (bem além da fronteira linguística germano-romana)<sup>47</sup>.

---

Archaeology in the Post Roman West. Glasgow: Cruithne Press, 1995, p. 43. Marcelo Cândido também argumenta como Clóvis e seus filhos eram ávidos pelos títulos e honrarias oriundas de Constantinopla, por seus papéis como instrumentos de governo. Ao analisar a figura de Clóvis e a cerimônia de Tours (508), o autor defende que o principal fundamento da legitimidade real, não apenas na Gália, mas no Ocidente no início do século VI, era o legado político de Roma. Era da ligação com o Império que os francos retiravam boa parte de sua legitimidade, mas, por sua vez, eles adaptaram esse legado às condições particulares da Gália nesse século. CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. **A Realeza Cristã na Alta Idade Média**. Os fundamentos da autoridade pública no período merovíngio (séculos V-VIII). São Paulo: Alameda, 2008, p. 54-75.

<sup>45</sup> EFFROS, Bonnie. Dressing Conservatively: women's brooches as markers of ethnic identity? *In*: BRUBAKER, Leslie; SMITH, Julia M. H. (Eds.). **Gender in the early medieval world**. East and West, 300-900. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 164-170.

<sup>46</sup> CURTA, Florin. Some remarks on ethnicity in medieval archaeology, **Early Medieval Europe**, 15, p. 159-185, 2007.

<sup>47</sup> PÉRIN, Patrick. À propos de publications récentes concernant le peuplement en Gaule à l'époque mérovingienne: la “question franque”, **Archéologie médiévale**, 11, 1981, p. 126.

A partir dessa noção de correspondência entre depósitos funerários e etnia, pesquisadores buscaram rastrear, através da Arqueologia, os deslocamentos de grupos supostamente específicos, corroborando à teoria das “Invasões Bárbaras”<sup>48</sup>. Mesmo que mais inclusiva e menos enfática no que diz respeito ao caráter biológico dos indivíduos, essa noção é passível das mesmas críticas que seus antecedentes histórico-culturalistas em relação à defesa de uma ligação estreita entre cultura material e marcadores étnicos de grupos distintos<sup>49</sup>. A própria identificação e a delimitação desses grupos são extremamente problemáticas, dado que são baseadas em menções esporádicas das fontes escritas romanas, cujas intenções não correspondem às do registro etnográfico científico contemporâneo.

A primeira crítica a ser feita à luz da Arqueologia é que esse tipo de necrópole e de prática de deposição apareceu no Norte da Gália, ou seja, dentro do Império Romano. Seus antecedentes não podem ser encontrados no suposto território de origem dos francos, à leste do Reno, onde a incineração era a prática generalizada<sup>50</sup>. Outro elemento supostamente germânico seria a presença das armas nos túmulos, mas a esmagadora maioria é de origem romana. Naquelas em que se pode identificar uma influência externa, sua origem é tanto oriental quanto da *Germania Magna*<sup>51</sup>. O mesmo argumento pode ser feito para as fivelas de cinto e as fíbulas cruciformes encontradas em sepulturas de homens, objetos que eram vistos como símbolos de autoridade civil e militar romana<sup>52</sup>. Esses argumentos vão de encontro à atribuição das necrópoles do século IV aos *foederati* (classificadas como *Föderatengräber*)<sup>53</sup>. Ademais, é impossível determinar com exatidão quais objetos dizem respeito a preferências regionais,

---

<sup>48</sup> DUMÉZIL, Bruno. L’identité franque au VIe siècle. In: VARÉON, Cécile (Dir.). **Nos Âncetres les Barbares**. Voyage autour de trois tombes de chefs francs. Paris: Somogy éditions d’art; Saint-Dizier: Musée de Saint-Dizier, 2008, p. 24-25.

<sup>49</sup> Para outros argumentos que contrapõem as evidências colocadas por Wenskus, cf. *Ibid.*, p. 24-31.

<sup>50</sup> HALSALL, Guy. Careful with that axe, Euginius. In: HALSALL, Guy. **Cemeteries and Society in Merovingian Gaul**. *Op. cit.*, p. 142.

<sup>51</sup> HALSALL, Guy. Archaeology and the late roman frontier in Northern Gaul: the so-called *Föderatengräber* reconsidered. In: HALSALL, Guy. **Cemeteries and Society in Merovingian Gaul**. *Op. cit.*, p. 118.

<sup>52</sup> HALSALL, Guy. The origins of the *Reihengräberzivilisation*. In: HALSALL, Guy. **Cemeteries and Society in Merovingian Gaul**. *Op. cit.*, p. 97-98.

<sup>53</sup> Como dito anteriormente, a prática de deposição de objetos em contextos funerários já era conhecida no Norte da Gália no final do século IV. Nos túmulos de indivíduos do sexo masculino, encontram-se cintos e fíbulas (*Zwiebelknopffibeln*) ligados a vestes militares e armas. Mulheres eram enterradas com joias e diferentes estilos de fíbulas, sendo que recipientes de bronze, vidro ou cerâmica foram encontrados com os dois sexos. O costume do “óbolo para Caronte” também foi atestado nesse período. Esses túmulos foram associados aos *foederati* germânicos, possivelmente originários das regiões do Mar do Norte ou da fronteira com o Danúbio. Para a discussão sobre os diferentes trabalhos que empregam o conceito de *Föderatengräber* e os argumentos contrários a eles, cf. HALSALL, Guy. Archaeology and the late roman frontier in Northern Gaul... *Op. cit.*, p. 107-130.

presentes de outras regiões ou mesmo imitações (principalmente de objetos e técnicas orientais)  
54 .

No que diz respeito às mulheres inumadas, sua proximidade aos túmulos mobiliados de homens foi suficiente para classificá-las como as esposas e as filhas dos migrantes e oficiais bárbaros. Isso também levou à interpretação de que as mulheres utilizariam as mesmas vestimentas e os mesmos acessórios de seu nascimento até a sua morte. Contudo, as discussões se concentravam em torno da deposição de armas; os objetos considerados como femininos eram analisados a partir de novas teorias e novas abordagens criadas a partir de objetos ditos masculinos<sup>55</sup>.

Enfatizando o caráter “misto” galo-franco dessa cultura funerária no Norte da Gália, antes e logo após as primeiras conquistas territoriais de Clóvis e seus descendentes, pesquisadores passaram a analisar os depósitos através de critérios políticos e, principalmente, qualitativos. Patrick Périn afirma que foram razões sociais que levaram os francos a adotarem essa prática funerária e a amplificá-la, sendo o túmulo um reflexo do estatuto privilegiado do inumado e de seu poder militar<sup>56</sup>.

De um lado, identifica-se uma homogeneidade do conjunto funerário, categorizado pelo autor como “franco”, o que parece oscilar da determinação de uma cultura material específica de um grupo étnico para a de um grupo político, controlado pelos reis merovíngios. De outro, coloca o objetivo da cerimônia funerária na demonstração do estatuto social dos indivíduos, que seriam guerreiros, a serviço de Clóvis, enviados para regiões recém-conquistadas e estratégicas para representar o poder real<sup>57</sup>. A raridade das necrópoles desse tipo ao sul do Loire se explicaria pela adoção dos modos funerários “autóctones”, que seriam mais enraizados, pela nova aristocracia franca<sup>58</sup>.

Essa chave de leitura foi altamente influenciada pelo trabalho de Rainer Christlein e sua classificação baseada na quantidade e na qualidade dos objetos depositados no interior das

---

<sup>54</sup> EFFROS, Bonnie. *Dressing Conservatively...* *Op. cit.*, p. 175.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 170.

<sup>56</sup> “[...] *ce sont des raisons essentiellement sociales qui ont certainement conduit les Francs du Ve siècle, comme des groupes germaniques l’avaient déjà fait dans la seconde moitié du IV siècle, à adopter certaines coutumes funéraires indigènes, à les amplifier et même à les exagérer, la tombe étant le reflet du statut privilégié des Francs, de leur pouvoir militaire et politique et de leur opulence*”. PÉRIN, Patrick. À propos de publications récentes concernant le peuplement en Gaule... *Op. cit.*, p. 136.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 137.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 143.

sepulturas. Christlein criou “grupos de qualidade” (*Qualitätsgruppen*) e os hierarquizou em quatro: de **A**, o mais simples (aqueles com apenas um *scramasax*) até os mais prestigiosos **C** (com todos os sets de armas encontrados nos grupos **A** e **B**, mais *angon* e capacete) e **D** (túmulos considerados completamente excepcionais por sua riqueza, pela abundância de depósitos e por sua localização privilegiada)<sup>59</sup>. Segundo Christlein, seu objetivo não era propor uma metodologia que tornasse possível a identificação de categorias jurídicas no registro arqueológico, como Walther Veeck e Kurt Böhner, mas inferir o poder econômico do inumado e de seus próximos no contexto da comunidade que os rodeiam. No entanto, mesmo que sua abordagem não leve à uma estrutura jurídica institucionalizada, ela

*[...] spiegelt es jedoch die tatsächlichen sozialen Verhältnisse seiner Zeit wider. Der Weg der Forschung ist bisher gekennzeichnet gewesen durch die Beurteilung von extrem ausgestatteten Gräbern als „arm“ auf der einen und als „Fürstengrab“ auf der anderen Seite. Ziel der folgenden Überlegungen ist es, so indifferente Aussagen zur Charakterisierung eines Grabinventares, wie es im Grunde die Begriffe „arm“ und „reich“ sind, durch die Angabe eines exakten Qualitätsbereiches zu ersetzen, wie wir ähnlich ja auch auf dem Gebiet der Chronologie seit langem in klar begrenzten chronologischen Stufen zu denken gewohnt sind und nicht nur mit Begriffen „alt“ und „jung“ arbeiten<sup>60</sup>.*

Patrick Périn defende a mesma noção de correspondência entre a riqueza material funerária e a hierarquia social do período merovíngio. Argumenta ainda que aqueles túmulos considerados mais prestigiosos seriam os representantes do poder real, ainda que não fosse possível identificar os *satellites*, *comites* e *reguli* das fontes textuais. Segundo o autor,

*On s’interroge toujours sur les possibilités d’interprétation sociale du “mobilier funéraire” mérovingien, en se demandant [...] si ses variations à une époque donnée peuvent être considérées comme le fidèle reflet des hiérarchies du monde des vivants. Cette question fondamentale ne se pose pas en fait pour les tombes de “chefs” du début de l’époque mérovingienne [...], leur armement abondant et diversifié ainsi que la présence d’objets précieux les distinguant de toute évidence à chaque génération des autres tombes masculines et permettant de les attribuer sans conteste à la couche sociale la plus élevée<sup>61</sup>.*

A partir dos documentos escritos e dos túmulos masculinos, construiu-se um quadro da conquista franca da Gália, onde os sepultamentos seriam a tradução material da chegada dos

---

<sup>59</sup> Christlein discorre sobre sua metodologia em obras anteriores, mas consultei, principalmente, CHRISTLEIN, Rainer. **Die Alamannen**. Archäologie eines lebendigen Volkes. Stuttgart: Theiss, 1978.

<sup>60</sup> CHRISTLEIN, Rainer. Besitzabstufungen zur Merowingerzeit im Spiegel Reicher Grabfunde aus West- und Süddeutschland, **Jahrbuch des römisch-germanischen Zentralmuseum**, Mainz, t. 20, 1973, p. 148 (grifo meu). Para a tabela com os dados sistematizados das necrópoles que analisa neste artigo, p. 157.

<sup>61</sup> PÉRIN, Patrick. Les tombes de “chefs” du début de l’époque mérovingienne. Datation et interprétation historique. In: KAZANSKI, Michel; VALLET, Françoise (Orgs.). **La noblesse romaine et les chefs barbares**. Du III<sup>e</sup> au VII<sup>e</sup> siècle. Colloque international de Saint-Germain-en-Laye, 16-19 mai 1992. Saint-Germain-en-Laye: Association française d’archéologie mérovingienne, 1995, p. 251 (grifo meu).

guerreiros francos nos novos territórios<sup>62</sup>. A interpretação de três túmulos descobertos em 2002 na cidade de Saint-Dizier, classificados como “*tombes de chefs*”, seguiu esse quadro teórico. Trata-se de dois túmulos de homens (de aproximadamente 30 e 50 anos) e um túmulo de uma mulher<sup>63</sup> (de 17 a 19 anos). A cinco metros de distância, havia o sepultamento de um cavalo, que possivelmente pertenceu ao homem mais novo, dado o bridão colocado junto a este. No interior das sepulturas, foi encontrada uma grande quantidade de objetos, notavelmente de armas e de joias. Ambos caixões dos homens foram colocados no interior de uma câmara funerária tipo Morken e os túmulos foram classificados como pertencentes ao grupo “C” de Christlein<sup>64</sup>. Além da descoberta dos objetos, a proximidade deste complexo da fronteira com o Reino dos Burgúndios e a datação do conjunto funerário (década de 530) levou os pesquisadores a afirmarem que esses indivíduos seriam líderes guerreiros, enviados para proteger a fronteira franca ou mesmo para preparar uma nova invasão ao reino vizinho<sup>65</sup>.

A base dessas classificações qualitativas foi feita a partir da análise do armamento depositado nas sepulturas identificadas como masculinas, assumindo uma equivalência para os sepultamentos ditos femininos<sup>66</sup>. Como as variações nos supostos níveis de riqueza seriam transposições do status social dos indivíduos no momento de sua morte, o maior conjunto de depósitos indicaria a presença de um chefe na comunidade. No caso das mulheres, o sepultamento mais rico deveria pertencer à sua esposa. Em consequência dessa abordagem, criaram-se categorias absolutas de masculino e feminino baseados nos objetos que acompanhavam os indivíduos de cada sexo biológico.

Ursula Koch propôs uma reconstituição social a partir dos túmulos classificados como femininos na necrópole de Pleidelsheim (Alemanha). Em um primeiro momento, ela identificou três famílias alamanas que enterravam seus mortos nesse espaço até o ano de 506, data da derrota alamana pelos francos. Duas dessas famílias seriam da aristocracia, pois os inumados

---

<sup>62</sup> PÉRIN, Patrick. L'expansion franque (vers 486 – vers 540). In : **Les Francs, précurseurs de l'Europe**, Musée du Petit Palais, 1997, p. 70 ; TRUC, Marie-Cécile *et al.* **Sépultures aristocratiques et habitat du haut Moyen Âge**. Volume 1: le texte. Rapport de fouille archéologique préventive. Châlons-en-Champagne: Inrap, 2009, p. 146.

<sup>63</sup> A “sepultura 12” desta dissertação.

<sup>64</sup> TRUC, Marie-Cécile. Trois riches tombes du VI<sup>e</sup> siècle sur le site de La Tuilerie à Saint-Dizier (Haute-Marne). L'Austrasie. Société, économies, territoires, christianisation, **Actes des XXVI<sup>e</sup> Journées internationales d'archéologie mérovingienne**, Nancy, 2005, p. 326.

<sup>65</sup> A primeira invasão teria acontecido em 523, mas os francos conquistaram o reino apenas em 534. TRUC, Marie-Cécile *et al.* **Sépultures aristocratiques et habitat du haut Moyen Âge**. *Op. cit.*, p. 149.

<sup>66</sup> NISSEN JAUBERT, Anne. La femme riche... *Op. cit.*, p. 307-308; PÉRIN, Patrick. Possibilités et limites de l'interprétation sociale des cimetières mérovingiens, **Antiquités Nationales**, Saint-Germain-en-Laye, 30, 1998, p. 172-174.

eram acompanhados de espadas com pomos de ouro e com peças de arnês de cavalo, e uma família seria camponesa (*bäuerliche Familie*), caracterizada por um mobiliário mais modesto. Após 506, a autora afirma que só permanece em Pleidelsheim a família camponesa, com a chegada de duas outras famílias aristocráticas; uma de origem franca e outra de origem túrúngia (como sugeririam as fácies culturais que os depósitos funerários revelariam<sup>67</sup>)<sup>68</sup>. É importante ressaltar que para U. Koch, o número de habitantes de um assentamento e seu tamanho podem ser calculados a partir do número dos túmulos de sua necrópole. Ademais, as construções funerárias e os depósitos, para ela, também providenciariam uma noção geral da estrutura social da população e da importância do povoado na época<sup>69</sup>.

Sobre os túmulos ditos femininos, U. Koch afirma que todas as mulheres acompanhadas de joias de “qualidade” (particularmente, as fíbulas) e acompanhadas de objetos ligados à costura (fusaiolas e tesouras) devem ser identificadas como *Hofherrinnen*<sup>70</sup>. Já aquelas com objetos mais modestos corresponderiam às *Schaffnerinnen*<sup>71</sup>. Após essa identificação e a partir de outros critérios arqueológicos (como a presença de baús, que poderiam ter uma relação simbólica com o *Morgengabe*), a autora tentou distinguir as mulheres casadas sob o regime matrimonial de *Muntehe* daquelas ligadas pelo *Friedelehe*<sup>72</sup>. Amuletos feitos de chifres de

---

<sup>67</sup> Em um trabalho posterior, U. Koch afirma: “*Frauen brachten üblicherweise ihre Gewänder einschliesslich der vertrauten und an ihrem Heimatort verwendeten metallenen Accessoires an der neuen Hof mit. Es ist anzunehmen, dass mit der räumlichen Distanz auch die Unterschiede in der Kleidung zunehmen. Da Stoffe, Farben und Muster nicht erhalten sind, geben heute nur noch die metallenen Accessoires Auskunft, woher die Frauen kamen.*” KOCH, Ursula. Die weibliche Elite im Merowingerreich – Königinnen, Hofherrinnen um Töchter. In: PÉRIN, Patrick; WAMERS, Egon. **Königinnen der Merowinger**. Adelsgräber aus den Kirchen von Köln, Saint-Denis, Chelles und Frankfurt am Main. Regensburg: Schnell Steiner, 2013, p. 44 (grifo meu).

<sup>68</sup> A descrição das etapas da pesquisa de Ursula Koch está no artigo de Patrick Périn citado anteriormente, “Possibilités et limites de l’interprétation sociale des cimetières mérovingiens” (1998), na parte “Une tentative de reconstitution sociale à partir des tombes féminines: l’exemple du cimetière alamanique de Pleidelsheim”, entre as páginas 178 e 179.

<sup>69</sup> KOCH, Ursula. Die weibliche Elite im Merowingerreich... *Op. cit.*, p. 38.

<sup>70</sup> Patrick Périn traduz para o francês como “châtelaines”, o que ele mesmo admite ser anacrônico. Nesse mesmo sentido, propomos a tradução para “senhora do manso”, mas, consideradas as dificuldades de tradução, permaneceremos utilizando no texto a classificação no original dada por Ursula Koch.

<sup>71</sup> Périn traduz para “intendentes” em francês. Nós traduziríamos, anacronicamente, por governantas.

<sup>72</sup> As categorias de *Muntehe* e *Friedelehe* foram criadas no século XX por juristas e historiadores alemães que buscavam entender as formas do sistema de casamento “germânico” sobreviventes na Alta Idade Média. Em linhas gerais, *Muntehe* seria o casamento “por compra” (o que permitia o casamento com escravos) e supunha a transferência do *mundium* dos pais da esposa feito para o noivo. Já *Friedelehe* era o casamento entre dois indivíduos livres que não exigia nenhum tipo de consentimento paternal, mas que também não implicaria em qualquer proteção econômica para a mulher caso o noivo ou marido a abandonasse. No entanto, se olharmos as fontes escritas, esses conceitos não são perceptíveis. A *Friedelehe* não existe como instituição bem definida nem na documentação narrativa, nem na documentação normativa. Segundo Sylvie Joye, as demonstrações dos autores que delimitaram essas categorias se apoiaram em grande parte na reconstrução de um direito germânico primitivo, que, por sua vez, foi apoiado mais nas sagas islandesas e nos escritos de Tácito que nos próprios documentos do período alto medieval. Questionados, os pesquisadores buscaram explicar a ausência de menções explícitas pela vontade dos eclesiásticos (redatores da maioria das fontes) em dissimular a prática de *Friedelehe* para estabelecer apenas um tipo de casamento cristão, *Muntehe*, que corresponderia à forma plena da união matrimonial, com o



veado, associados aos túmulos de meninas jovens, seriam, por sua vez, característicos de mulheres não casadas<sup>73</sup>.

Em trabalhos posteriores, U. Koch problematizou a utilização de classificações anacrônicas (como as mencionadas anteriormente, mas também “*Bäuerin*”, “*Magd*” ou “*Wirtschaftlerin*”) para identificar as inumadas, retomando o argumento de Christlein da impossibilidade de atribuí-las um estatuto jurídico específico. Contudo, afirma que, a partir dos túmulos, seria possível identificar cinco categorias de status social na sociedade merovíngia: uma classe alta, duas classes médias e duas classes baixas<sup>74</sup>. A dificuldade estaria no momento de exprimir em palavras essas diferenças arqueologicamente observadas. Outro ponto importante é que, para a autora, os mortos eram enterrados com as vestes e os acessórios que usavam durante a vida<sup>75</sup>.

Portanto, percebemos que o foco das análises saiu das categorias étnicas (mesmo que alguns autores mantenham as denominações de “fácies culturais”, que seriam específicas de determinados grupos), para categorias sociais, enfatizando classificações baseadas no suposto custo dos objetos. Contudo, mantém-se a noção de passividade da cerimônia funerária, que seria então um reflexo simples e direto do estatuto social dos inumados, dos organizadores das cerimônias e da sociedade que a praticava. O registro funerário é encarado como um meio para melhor conhecer o cotidiano dos indivíduos, sem considerar a especificidade do contexto do ritual na manipulação dos elementos materiais.

Por mais que a atribuição de valores numéricos para artefatos individuais possa auxiliar os leitores modernos a estimar o custo que essas cerimônias podem ter tido, esses valores não revelam nada sobre os aspectos imensuráveis dos depósitos funerários como eles eram entendidos nos séculos VI e VII pelos habitantes da Gália. A qualificação da prática é enfraquecida por noções modernas de valor que levam à preferência por determinados objetos, que, muito provavelmente, não tem nenhuma relação com as concepções medievais dos mesmos itens. Essas abordagens podem ter o benefício de identificar padrões de gasto funerário,

---

consentimento dos pais e a transferência do *mundium*. JOYE, Sylvie. La Friedelehe : une construction historiographique. In: JOYE, Sylvie. **La femme ravie**. Le mariage par rapt dans les sociétés occidentales du haut Moyen Âge. Turnhout: Brepols, 2012, p. 161-168.

<sup>73</sup> PÉRIN, Patrick. Possibilités et limites de l'interprétation sociale... *Op. cit.*, p. 178-179.

<sup>74</sup> “*Trotz fließender Übergänge sind in einer ländlichen Hofgesellschaft grob etwa fünf Kategorien von sozialem Status zu erkennen: mit einer Oberschicht, mindestens zwei Mittel- sowie zwei Unterschichten.*” KOCH, Ursula. Die weibliche Elite im Merowingerreich... *Op. cit.*, p. 39.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 39-40.

mas elas não conseguem lidar com a natureza inerentemente simbólica dos depósitos. Elas também não levam em consideração outros fatores que podem ter contribuído para a distribuição desproporcional deles, como costumes regionais, cronologia e possíveis identificações étnicas, mas também identidades individuais, como idade e estatuto matrimonial<sup>76</sup>.

É evidente que, para a análise de U. Koch, o estatuto matrimonial da inumada é essencial na seleção dos objetos que irão acompanhá-la, para além do pertencimento a uma “classe” social. A autora também reconhece a variação dos depósitos segundo a idade, pois, próximo dos dados apresentados por Guy Halsall, afirma que os depósitos de maior qualidade foram enterrados com mulheres de 21 a 40 anos<sup>77</sup>. Mesmo com a presença de joias, mulheres mais velhas não seriam mais enterradas com os seus símbolos de “senhora da casa”, pois já teriam renunciado à administração e às suas tarefas de hospitalidade. Esses símbolos seriam caixas de madeira, chaves e ferramentas de costuras, associadas à presença de recipientes e utensílios de banquete (*Hallenausstattung*, que representariam suas tarefas de senhora e anfitriã)<sup>78</sup>. Contudo, suas conclusões permanecem atreladas a noções de valor intrínseco dos objetos e de que os funerais seriam “espelhos” das vidas dos indivíduos.

Por fim, é considerada apenas uma das etapas das cerimônias funerárias – o momento em que os objetos já estão colocados nas sepulturas e elas já estão enterradas – sem olhar para o processo que envolvia o tratamento do cadáver, as comemorações e os monumentos que permaneciam no cotidiano da comunidade na posterioridade. Pensar nesse encadeamento é necessário na busca da maior compreensão da prática de deposição de bens, pois, ao revelar as funções dos funerais para a sociedade, encontramos um recorte para analisar sua organização<sup>79</sup>.

Um funeral nunca é uma representação de uma identidade única e estática (nem dos inumados, nem dos enlutados), mas sim um esforço na reconfiguração de identidades a fim de lidar com as demandas físicas, emocionais, sociais e ideológicas da morte<sup>80</sup>. A multiplicação das escavações arqueológicas (dado o desenvolvimento da Arqueologia Preventiva)<sup>81</sup>, a

---

<sup>76</sup> EFFROS, Bonnie. Merovingian Mortuary Archaeology... *Op. cit.*, p. 97.

<sup>77</sup> KOCH, Ursula. Die weibliche Elite im Merowingerreich... *Op. cit.*, p. 56.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 44.

<sup>79</sup> PEREIRA, Grégory. Introduction. Une archéologie des temps funéraires?, **Les nouvelles de l'archéologie** [Online], 132, n. p.

<sup>80</sup> EKENGREN, Frederik. Contextualizing Grave Goods. In: STUTZ, Liv Nilsson; TARLOW, Sara (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Archaeology of Death and Burial**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 234.

<sup>81</sup> TREFFORT, Cécile. Une archéologie très “humaine”: regard sur trente ans d'étude des sépultures médiévales em France. In: CHAPELOT, Jean (Dir.). **Trente ans d'archéologie médiévale en France**. Un bilan pour un

evolução dos métodos utilizados para analisar os espaços funerários (e, subsequentemente, sua relação com a paisagem que os rodeia)<sup>82</sup>, e o aumento do diálogo com as demais ciências sociais e biológicas<sup>83</sup> nos permitem questionar os esquemas anteriormente em vigor e inserir o campo do estudo dentro das dinâmicas políticas, sociais e econômica das sociedades do passado.

Segundo Aurélie Zémour, três conceitos tiveram um papel essencial nessa evolução: o de sepultura, o de gestos funerários e o de tempos funerários. O surgimento do termo “arqueotanatologia”, que busca designar o estudo dos diferentes aspectos biológicos e sociológicos da morte (incluindo as manipulações posteriores, fora da esfera funerária), também evidência as novas preocupações e as novas abordagens<sup>84</sup>. Noções como a de Jean Leclerc, onde “*ce qui fait la sépulture, c’est l’intentionnalité du dépôt, la volonté d’accomplir un geste funéraire*”<sup>85</sup> ou a de Henri Duday e Bruno Boulestin que “*soit provisoire ou définitive, la sépulture se conçoit uniquement par rapport à ces dernières, qui elles-mêmes renvoient aux phases du rite de passage*”<sup>86</sup>, mostram a importância de analisar o processo funerário, em oposição a apenas uma parte estática dele<sup>87</sup>. Esse processo, ou tempo funerário, nos faz perceber que a sepultura encontrada pelo arqueólogo é apenas um momento nessa cadeia de operações (tanto da sequência dos ritos funerários quanto da sequência biológica de decomposição da

---

avenir. IXe Congrès international de la Société d’archéologie médiévale. Caen: Publications du CRAHM, 2010, p. 216.

<sup>82</sup> CARTRON, Isabelle. Avant le cimetière au village : la diversité des espaces funéraires. Historiographie et perspectives. In: TREFFORT, Cécile (Dir.). **Le cimetière au village dans l’Europe médiévale et moderne**. Toulouse: PUM, p. 23-39, 2015.

<sup>83</sup> LAUWERS, Michel; ZEMOUR, Aurélie. Introduction : des morts, de la sépulture et des sciences sociales. In: LAUWERS, Michel; ZEMOUR, Aurélie (Dir.). **Qu’est-ce qu’une sépulture?** Humanités et systèmes funéraires de la Préhistoire à nos jours. Antibes: Éditions APDCA, p. 11-20, 2016.

<sup>84</sup> ZEMOUR, Aurélie. De l’anthropologie de terrain à l’archéologie de la mort : histoire, concepts et développements. In: LAUWERS, Michel; ZEMOUR, Aurélie (Dir.). **Qu’est-ce qu’une sépulture?** *Op. cit.*, p. 26-27.

<sup>85</sup> LECLERC, Jean, La notion de sépulture, **Bulletins et Mémoires de la Société d’Anthropologie de Paris** 2, 3, 1990, p. 14.

<sup>86</sup> BOULESTIN, Bruno; DUDAY, Henri. Ethnologie et archéologie de la mort : de l’illusion des références à l’emploi d’un vocabulaire. In: DEPIERRE, G; MORDANT, C (Orgs.), **Les pratiques funéraires à l’âge du bronze en France**. Actes de la table ronde de Sens-en-Bourgogne, (10-12 juin 1998), Paris: Éditions du CTHS, 2005, p. 23.

<sup>87</sup> LAUWERS, Michel; ZEMOUR, Aurélie. Introduction: des morts, de la sépulture et des sciences sociales. *Op. cit.*, p. 16.

matéria)<sup>88</sup>. Gregory Pereira propõe os seguintes esquemas, que sistematizam a noção dos funerais como uma cadeia operatória:

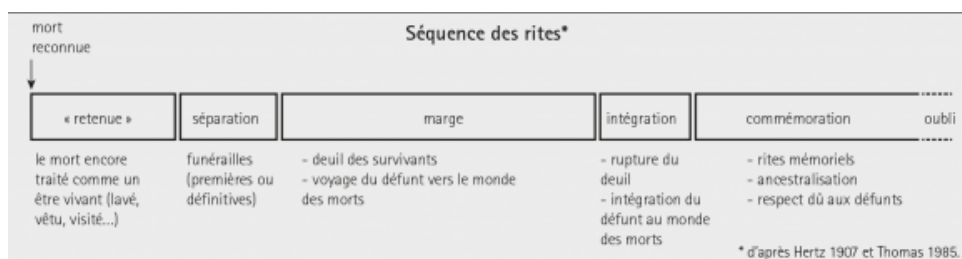


Figura 2.1.2. Esquema 1 – Perspectivas biológicas da evolução *post mortem* dos remanescentes humanos.

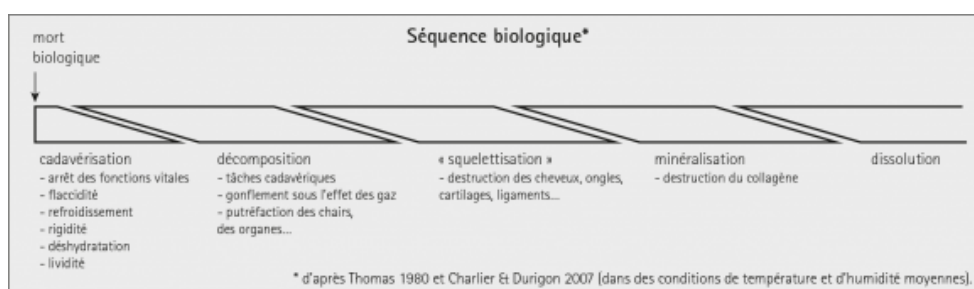


Figura 2.1.3. Esquema 2 – Perspectivas da Antropologia Social sobre as divisões dos tempos funerários.

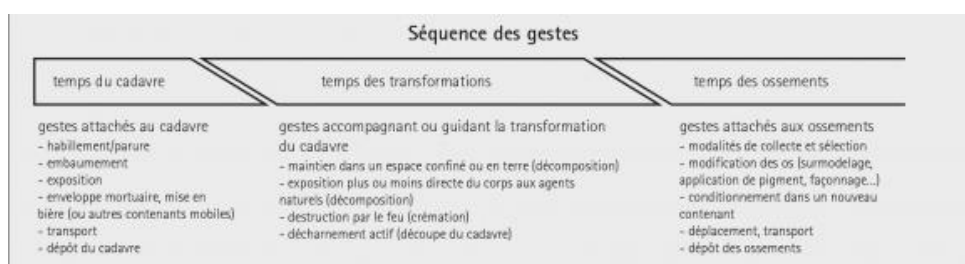


Figura 2.1.4. Esquema 3 – Perspectivas arqueológicas propostas pelo autor<sup>89</sup>.

Para o autor, essa segmentação em três tempos funerários oferece muitas vantagens para a reflexão arqueológica,

*D'une part, parce qu'elle s'appuie sur un processus – les états successifs de la dépouille induits par des conditions naturelles et surtout culturelles –, donc sur une temporalité qu'il est possible d'appréhender à travers les restes. D'autre part, parce que les pratiques funéraires influent plus ou moins fortement sur la durée de ces*

<sup>88</sup> PEREIRA, Grégory. Introduction. Une archéologie des temps funéraires? *Op. cit.*, n.p.

<sup>89</sup> Todas as tabelas estão em *Ibid.*, n.p.

*étapes, par le recours à des procédés divers. Enfin, parce que ces diverses étapes sont souvent, quoique pas toujours de façon stricte, corrélées à des changements significatifs dans les attitudes des survivants*<sup>90</sup>.

Portanto, as sepulturas passam a ser analisadas dentro do processo dinâmico da prática funerária, doravante definida como um sistema funerário (que engloba diversos gestos e etapas) à escala do contexto cultural<sup>91</sup>. Os rituais funerários são colocados então como parte do processo de estruturação social e também da própria formação do Reino dos Francos. Portanto, não exclusivos da história das representações, eles são mais que um esquema de gestos e palavras, pois agiam sobre o corpo social, fundando-o e ordenando-o. Dotados de referências simbólicas, os rituais passam a ser analisados em relação à conjuntura – ou seja, sem ignorar sua historicidade própria e a racionalidade de seu encadeamento<sup>92</sup>. Isso significa que não podem ser dissociados das categorias sociais que os levam a cabo; os indivíduos não partilhavam as mesmas prerrogativas e, além da posição social, outros elementos eram decisivos nas funções que desempenhavam na sociedade e, conseqüentemente, nos discursos transmitidos ao longo dos rituais.

As visões contemporâneas do estatuto das mulheres e os estereótipos do passado que se perpetuam levaram à interpretação e à popularização de atalhos interpretativos, onde todos os elementos que remetem aos adornos seriam símbolos do feminino e suficientes para “generificar” um túmulo sem análises osteológicas<sup>93</sup>. O mesmo pode ser dito para deposições de armas e de grandes monumentos funerários, supostamente característicos do gênero masculinos<sup>94</sup>. As abordagens de gênero nascem então na Arqueologia da necessidade de

---

<sup>90</sup> PEREIRA, Grégory. Introduction. Une archéologie des temps funéraires? *Op. cit.*, n. p (grifo meu).

<sup>91</sup> ZEMOUR, Aurélie. De l’anthropologie de terrain à l’archéologie de la mort... *Op. cit.*, p. 32.

<sup>92</sup> GAUVARD, Claude. Le rituel, objet d’histoire. In: GERHARD OEXLE, Otto; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Les tendances actuelles de l’histoire du Moyen Âge en France et en Allemagne**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2003, p. 3-5; ALTHOFF, Gerd. Les rituels. In: GERHARD OEXLE, Otto; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Les tendances actuelles...** *Op. cit.*, p. 7-8.

<sup>93</sup> ALGRAIN, Isabelle. Introduction. Pourquoi une archéologie du genre? In: ALGRAIN, Isabelle (Org.), **Archéologie du genre**. Construction sociale des identités et culture matérielle. Bruxelas: Université des femmes, 2020, p. 11.

<sup>94</sup> As interpretações do túmulo da chamada “Dama de Vix” (500-450 AEC), descoberto em 1953 na Borgonha, são um exemplo instrutivo: o corpo foi colocado na parte superior de uma carroça sem as rodas, que estavam depositadas contra a parede da câmara funerária. Muitas joias adornavam o corpo e algumas figuras de bronze de possível origem mediterrânica foram encontradas no interior. O objeto mais notável é a cratera de bronze, de origem grega ou etrusca, com altura de 1,63 metros e peso acima de 200 kg. Um tumulus foi construído em cima do conjunto. ARNOLD, Bettina. The Deposed Princess of Vix: the Need for An Engendered European Prehistory. In: WALDE, Dale; WILLOWS, Noreen D. (Eds.). **The Archaeology of Gender**. Proceedings of the Twenty-Second Annual Conference of the Archaeological Association of the University of Calgary. Calgary: Archaeological Association, 1991, p. 366-370. Para conciliar a visão moderna do papel da mulher nas sociedades celtas com um túmulo prestigioso de um indivíduo ligado ao poder local, estudiosos acreditavam que o indivíduo era do sexo masculino. Posteriormente, argumentava-se que era um sacerdote travestido de homem. Apenas através de análises osteológicas, o indivíduo foi identificado como alguém do sexo feminino, mas com um físico

ênfatar como ele também é uma variável social estruturante e fundamental, e não atemporal e universal<sup>95</sup>. Mesmo quando existem tendências de depósitos funerários divididos segundo o sexo, os objetos transitam de acordo com a retórica da cerimônia. Encontrar espadas não significa encontrar guerreiros: armas em túmulos de crianças muito jovens ou de mulheres se referiam muito mais ao pertencimento às elites e ao prestígio familiar do que a uma atividade guerreira desempenhada pelo inumado<sup>96</sup>.

Do mesmo modo que os funerais não são representações diretas dos indivíduos, o espaço e os depósitos não são representações estáticas de um gênero masculino ou feminino; eles são um ponto de interação de diferentes camadas<sup>97</sup> – relacionadas à idade, à religião, à posição social, à etnicidade, à família e a muitas outras, enredadas com o gênero atribuído às inumadas – construído pelos organizadores das cerimônias. Muitas vezes o gênero é analisado como independente das outras categorias, resultando em uma representação enviesada das maneiras como essas identidades eram constituídas e expressadas na forma material<sup>98</sup>.

As mulheres desempenharam funções importantes dentro de seus grupos familiares, sobretudo na formação da aristocracia, na transmissão da identidade familiar entre as gerações e na transmissão do patrimônio. Todos esses aspectos devem ser examinados na sua especificidade “feminina”, pois os homens e as mulheres não possuíam os mesmos direitos e nem sempre as mesmas formas de ação<sup>99</sup>. A maneira pela qual uma sociedade organiza suas estruturas de filiação e de aliança é fundamental para compreender o funcionamento de seu sistema social<sup>100</sup>. Desse modo, olhar como as relações generificadas se estabeleciam no interior das famílias e como os rituais as mediavam e as reforçavam, é uma maneira de analisar as estruturas de poder e suas transformações no século VI.

---

anormal que teria lhe dado uma suposta função como sacerdotisa e, conseqüentemente, um estatuto elevado. Análises recentes confirmaram a identificação do sexo, mas repudiaram as teorias ligadas a qualquer anomalia física. ARNOLD, Bettina. The Vix Princess Redux: a Retrospective on European Iron Age Gender and Mortuary Studies. In: CAMACHO, Javier Parra; RUIZ, Clara López; TORREIRA, Lourdes Prados (Orgs.). **La Arqueología funeraria desde una perspectiva de género**, Madri: Universidad Autónoma de Madrid, 2012, p. 215–232.

<sup>95</sup> ALGRAIN, Isabelle, Introduction. Pourquoi une archéologie du genre? In: ALGRAIN, Isabelle (Org.), **Archéologie du genre...** *Op. cit.*, p. 9.

<sup>96</sup> WICKHAM, Chris. **O Legado de Roma**. Iluminando a idade das trevas, 400-1000. Campinas: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019; THEUWS, Frans. A kind of mirror for men: sword depositions in late antique Northern Gaul. In: NELSON, Janet ; THEUWS, Frans (Orgs.). **Rituals of power**. From Late Antiquity to the Early Middle Ages. Leiden: Brill, 2000, p. 414.

<sup>97</sup> SØRENSEN, Marie Louise Stig. Gender, Things and Material Culture. *Op. cit.*, p. 111.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 120.

<sup>99</sup> LA ROCCA, Introduzione. Fonti scritte e fonti materiali... *Op. cit.*, p. 9.

<sup>100</sup> DEVROEY, Jean-Pierre. **Puissants et misérables**. Système social et monde paysan dans l'Europe des Francs (VIe-IXe siècles). Bruxelles: Académie royale de Belgique, 2006, p. 83.

## **b. A organização familiar e a gestão de riquezas**

A família era o grupo social base das elites no Ocidente da Alta Idade Média<sup>101</sup>, o que não significa que as relações entre as redes de parentesco e as estratégias de ascensão social não se transformaram através do tempo. No início da época merovíngia na Gália, um indivíduo parece conseguir elevar sua posição sem necessariamente recorrer a sua família, mas com o apoio de um poder superior, seja do rei ou divino<sup>102</sup>.

Para Bruno Dumézil, a própria carreira de Gregório de Tours pode ser um exemplo desse fenômeno: o bispo afirma que sua função se deve ao renome de sua família, que forneceu a maioria dos bispos de Tours, mas Venâncio Fortunato afirma que ele deve sua nomeação a uma decisão pessoal dos soberanos da Austrásia, Sigeberto e Brunilda. Além do mais, para Dumézil, uma grande parentela nem sempre é uma benção: quando Gregório estava prestes a ser deposto em 580, ele não pôde contar com sua rede familiar, que foi desarticulada pelo rei Chilperico. Foi Rigonda, filha do rei com Fredegonda, que trabalhou para salvar sua carreira<sup>103</sup>.

Gregório de Tours não era um dos “homens novos”, citados sobretudo nos reinados de Clóvis e Clotário II (fig. 2.2.1) e criticados pelo próprio bispo. Venâncio Fortunato preferia evocar a grandeza das funções ao invés de se pronunciar sobre a origem social dos personagens. O pertencimento a uma família poderosa era um ativo inegável na trajetória dos indivíduos; o que o relato parece demonstrar é a existência de um motor exterior a ela, interferindo com aquelas hierarquias herdadas<sup>104</sup>.

Diferente do estatuto de liberdade de um indivíduo, que era uma qualidade jurídica e individual, pertencer às elites era fruto do reconhecimento social<sup>105</sup>. No século VI, pertencer a uma família ilustre era a principal maneira de adquiri-lo; a partir do século VII, se tornava progressivamente o único modo<sup>106</sup>. Não existiu uma definição legal que separasse os indivíduos em classes ou estamentos, o que não afetou a dominação social, política e econômica por uma parte privilegiada da população. Isso significou que os homens e mulheres desses grupos se

---

<sup>101</sup> DEVROEY, Jean-Pierre. **Puissants et misérables**. *Op. cit.*, p. 104.

<sup>102</sup> DUMÉZIL, Bruno. *Famille et ascension sociale dans la Gaule mérovingienne*. *Op. cit.*, p. 339.

<sup>103</sup> *Ibid.*, p. 345.

<sup>104</sup> *Ibid.*, p. 351-353.

<sup>105</sup> LE JAN, Régine. **Famille et pouvoir dans le monde franc (VIIe-Xe siècle)**. *Op. cit.*, p. 28-29.

<sup>106</sup> DUMÉZIL, Bruno. *Famille et ascension sociale dans la Gaule mérovingienne*. *Op. cit.*

utilizaram de outras formas para afirmar seu status elevado e transmitir seu poder<sup>107</sup>. Neste tópico, veremos como a evocação da filiação familiar e a materialização de uma memória ancestral fez parte do vocabulário das elites na Gália setentrional, exprimido textual ou materialmente.

Assim como no direito romano, a palavra *familia* cobria o mesmo campo semântico nas fontes francas, englobando a comunidade familiar que vivia sob o mesmo teto (incluindo seus escravos e servos) e todos aqueles que estavam sob a dependência do senhor da casa, sem necessariamente coabitar o mesmo local. A noção de *familia* também podia designar os bens imóveis, como a sede familiar e suas propriedades dependentes<sup>108</sup>. A exteriorização e extensão das denominações “domésticas” de *mater* e *pater familias* da Antiguidade Tardia para a Alta Idade Média, que passaram a categorizar as relações entre as elites locais e os pequenos proprietários ou arrendatários livres, traduzia também a criação de relações de parentela voluntária entre dominadores e dominados a nível local<sup>109</sup>.

Mudanças significativas ocorreram nos sistemas de herança e de transmissão de bens do período romano tardio para os reinos bárbaros, especialmente no que diz respeito às práticas matrimoniais. A primeira foi a transformação do sistema patrilinear para um sistema cognático de parentesco, onde as relações são reconhecidas dos dois lados de maneira igual, com os direitos sendo transmitidos de maneira indiferente pelo pai e pela mãe<sup>110</sup>. A segunda, foi o

---

<sup>107</sup> DEVROEY, Jean-Pierre. La stratification sociale. In: DEVROEY, Jean-Pierre. **Puissants et misérables**. *Op. cit.*, p. 217.

<sup>108</sup> *Ibid.*, p. 89-9.

<sup>109</sup> BAYARD, Adrien. Matrona, socrus et mater familias. Des femmes de pouvoir dans l'Auvergne des VIe et VIIe siècles. In: JOYE, Sylvie; LE JAN, Régine. **Genre et compétition...** *Op. cit.*, p. 97.

<sup>110</sup> RÉAL, Isabelle. **Vies de saints, vie de famille**. Représentation et système de la parenté dans le Royaume mérovingien (481-751) d'après les sources hagiographiques. Turnhout: Brepols, 2001, p. 91.



estabelecimento do contradote (*dotalicium*) e do *Morgengabe*<sup>111</sup>, patrimônios móveis e imóveis, por vezes não alienáveis, que as mulheres ganhavam, usufruíam e transmitiam<sup>112</sup>.

Galsuinta (fig. 2.2.2), mulher de Chilperico I, recebeu como contradote e *Morgengabe*, as cidades de Bordeaux, Limoges, Cahors, Bearne e Bigorre<sup>113</sup>, o que, aparentemente, significou que ela teria o direito de nomear oficiais locais e de coletar os impostos<sup>114</sup>. Após sua morte, as cidades foram herdadas por sua irmã, a rainha Brunilda. Já sobre ela, Bruno Dumézil descreveu a quantidade de terras que provavelmente possuiu: um diploma de Sigeberto III evoca uma *villa* de nome *Tribonum*, situada próxima de Colônia, e uma *villa* nomeada de *Siviriacus*, no *pagus* de Saintes. Ambas fariam parte do fisco da rainha. Brunilda também teria recebido propriedades na região de Soissons, que posteriormente doou à diocese de Noyon, e, de acordo com a correspondência diplomática visigoda, ela teria ganho em um tratado de paz de 580 as *villae* de *Juvignac* et de *Corneilham*, situadas na Septimânia<sup>115</sup>.

Outra forma de transmissão de patrimônio e de afirmação familiar era a formação dos nomes no período merovíngio. Reutilizava-se dois radicais diferentes, que foram portados pelos ancestrais, segundo uma regra de variação dos elementos. Assim, na família real, se transmite os radicais “mer-”, “child-”, “c(h)ol-”, “sig-”, “-bert” etc., criando “Child-e-berto”, “Sig-e-berto”, “C(h)lot-(h)ild-e”, “Sig-is-mer”<sup>116</sup>. Em um modelo de parentesco bilateral, onde os nomes poderiam ser escolhidos indiferentemente do lado paterno ou do lado materno, o tesouro

---

<sup>111</sup> O dote, o contradote e o *Morgengabe* são tipos de transferências de bens realizados entre as famílias dos noivos, mais especificamente entre o pai da noiva (e, posteriormente, a noiva) e o futuro marido. Iremos nos aprofundar nessas transações no terceiro tópico deste capítulo, mas breves definições podem ser úteis neste momento. O dote (constituído pelo pai e enviado para o noivo) é um costume herdado do mundo romano. O contradote é dado pelo noivo para sua noiva, consistindo em bens fundiários e bens móveis. Caso haja a dissolução da união, a mulher conservava seus bens herdados e ganhos, pois também são destinados para garantir sua sobrevivência na viuvez. Já o *Morgengabe* é dado pelo marido para sua nova mulher após a noite de núpcias, como gratificação de sua virgindade e aquisição definitiva dos direitos sexuais sobre ela. No caso dos francos, ele consistia na doação de objetos e, possivelmente, de gado, não tendo como objetivo a segurança material da esposa. FELLER, Laurent. « Morgengabe », dot, tertium: rapport introductif. In: BOUGARD, François; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine (Eds.). **Dots et douaires dans le haut Moyen Âge**. Collection de l'École française de Rome – 295. Roma: École française de Rome, 2002, p. 1-25.

<sup>112</sup> DEVROEY, Jean-Pierre. La stratification sociale. In: DEVROEY, Jean-Pierre. **Puissants et misérables**. *Op. cit.*, p. 93-103; BARBIERA, Irene. Sex ratio nell'Italia medievale: accesso conteso alle risorse? In: JOYE, Sylvie; LE JAN, Régine (Eds.). **Genre et compétition...** *Op. cit.*, p. 59.

<sup>113</sup> Para o nome das cidades, escolhemos manter em francês ou alemão aquelas que não possuem tradução para o português e aquelas cujos nomes nessas línguas são mais conhecidos do que em português (exemplos: mantivemos Bordeaux ao invés de Bordéus e Metz ao invés de Métis). O restante, traduzimos para o português (exemplo Bearne, que em francês é Béarn, ou Colônia, que em alemão é Köln).

<sup>114</sup> DUMÉZIL, Bruno. Les attributs du pouvoir et la compétition pour le pouvoir : armes et titulatures au VIe siècle. JOYE, Sylvie; LE JAN, Régine (Eds.). **Genre et compétition...** *Op. cit.*, p. 83.

<sup>115</sup> *Ibid.*, p. 87.

<sup>116</sup> DUMÉZIL, Bruno. L'identité franque au VIe siècle. *Op. cit.*, p. 26.

de nomes eminentes podia ser recomposto sem cessar com a fundação das novas famílias conjugais. Toda união hipergâmica oferecia a possibilidade de adquirir prestígio social suplementar ao se apropriar dos ancestrais do esposo ou da esposa<sup>117</sup>.

Outra mudança significativa foi a da noção de *patria potestas* romana para outras formas de autoridade familiar no que diz respeito à proteção de seus membros, especialmente as mulheres colocadas sob o *mundium* (proteção) do pai ou de outro homem. Este termo não aparece fora das leis dos alamanos, saxões ou lombardos, mas, segundo Sylvie Joye, todos os textos normativos altomedievais defendem a importância da autoridade familiar que, mesmo que concentrada no pai, não exclui a mãe e os outros membros da família<sup>118</sup>.

Contudo, a importância da filiação familiar não significou que esses grupos eram unidades estáveis e bem delimitadas, muito menos unidades biológicas inquestionáveis. Ian Wood demonstrou como a composição da própria família merovíngia foi alvo de reconstruções, inclusive por seus membros. Além das ações mais explícitas de exclusão do direito familiar e de tomada de poder por parte dos reis e rainhas (como o assassinato de sobrinhos), as elites também podiam reconhecer ou não a paternidade daqueles que reivindicam uma legitimidade de sucessão<sup>119</sup>. Segundo o Wood, o que fez de Clotário II o filho de Chilperico foi a vontade das elites em aceitar a palavra de Fredegonda, e muitos seguidores do rei momentaneamente seguiram Gundovaldo após sua morte, aceitando sua reivindicação como filho legítimo de Clotário I<sup>120</sup>.

---

<sup>117</sup> Dada essa grande circulação de nomes eminentes, Jean-Pierre Devroey critica a tentativa de historiadores de tentar reconstruir famílias específicas somente através da antroponímia. DEVROEY, Jean-Pierre. **Puissants et misérables**. *Op. cit.*, p. 126.

<sup>118</sup> JOYE, Sylvie. Filles et pères à la fin de l'Antiquité et haut Moyen Âge. Des rapports familiaux à l'épreuve des stratégies. In: BADEL, C.; SETTIPANI, C. (Eds.). **Les Stratégies familiales dans l'Antiquité tardive**, Actes du Colloque des 5-7 févr. 2009 de l'USR 710 du CNRS. Paris: De Boccard, 2012, p. 222-223.

<sup>119</sup> WOOD, Ian. Deconstructing the Merovingian family. In: CORRADINI, Richard; DIESENBERGER, Max; REIMITZ, Helmut (Eds.). **The Construction of Communities in the Early Middle Ages**. Texts, Resources and Artifacts. Londres/Boston: Brill, 2003, p. 149-171.

<sup>120</sup> A mãe de Gundovaldo afirmava que ele era filho de Clotário I, sendo irmão de Chilperico. Seu suposto tio, Childeberto, aceitou a reivindicação, mas seu suposto pai (Clotário I) não, tonsurando-o. Na próxima geração, Cariberto o aceitou, mas Sigeberto não, que o tonsurou novamente e o mandou para Colônia. Gundovaldo fugiu então para os bizantinos, que, por sua vez, o apoiaram (Gregório não cita os nomes daqueles que o apoiaram no Império Romano Oriental). Ele tentou se estabelecer na Gália em 582, mas só em 584, com a morte do Chilperico, ele é elevado na Aquitânia como rei, mas, por fim, é morto no mesmo ano. Gregório de Tours, que não era favorável nem a Chilperico, nem à Fredegonda, afirmou que Radegota e Ingtrude de Tours também apoiavam a reivindicação de Gundovaldo. A história é narrada e discutida em WOOD, Ian. Deconstructing the Merovingian family. *Op. cit.*, p. 164.

Não é claro se a legitimidade dos primeiros reis francos baseava-se em uma continuidade hereditária<sup>121</sup> ou mesmo se seus filhos herdavam porções uniformes dos reinos de seus pais<sup>122</sup>. Atualmente, não se pensa mais a divisão de 511 como a realização de uma prática germânica tradicional, mas como um acordo entre Teodorico I (da Austrásia), filho mais velho de Clóvis, e Clotilde, mãe de seus três meio-irmãos mais novos<sup>123</sup>. Entretanto, como argumenta Marc Widdowson, a formação dos sub-reinos depois da morte de Clóvis e mais uma vez após a morte de Clotário I, não parece ter sido o resultado de um ato decisivo resolvido dentro da família merovíngia. Na verdade, ele sugere que foi um processo onde, ao menos em 561, as ambições dos reis interagiam com o interesse de facções aristocráticas, que buscavam renegociar suas posições ou escapar de conflitos com o governante existente. Tais interesses não podem ser esquecidos quando analisamos as maneiras pelas quais os autores relatam esses eventos. As forças políticas não eram confinadas à família real – especialmente no início do século VI – e os grupos de elite também ajudaram a definir as estruturas políticas às quais eles se submetiam<sup>124</sup>.

A partir desses conflitos e dos elementos que os atores manifestavam para defender sua reivindicação, percebemos que o pertencimento familiar era um atributo importante na retórica política. A herança podia não determinar as divisões políticas de maneira automática, mas ela providenciava um recurso conceitual que poderia ser usado para defender suas reivindicações<sup>125</sup>. Segundo Chris Wickham, depois de 530, não é documentado ninguém que tenha reclamado o trono franco sem reivindicar o parentesco merovíngio até o golpe carolíngio

---

<sup>121</sup> LE JAN, Régine. O historiador e suas fontes... *Op. cit.*, p. 18.

<sup>122</sup> Marcelo Cândido, ao nuançar a fórmula citada por Gregório de Tours (“... ele começou a falar várias coisas a respeito do rei e a dizer que os filhos desse último não podiam ocupar o reino, pois sua mãe pertencia à domesticidade do finado Magnacarius quando foi chamada para a cama do rei; ele ignorava que chamamos filho do rei aqueles que foram procriados por reis sem que tenhamos conta da família das mulheres”. **LHD**, V, 20 – tradução de Cândido da Silva), afirma que, ainda que todas as crianças nascidas de reis fossem chamadas príncipes reais, o direito de suceder ao rei não era garantido automaticamente a todos os seus filhos. Portanto, as partilhas não obedeciam apenas às conveniências patrimoniais dos reis e de seus herdeiros. CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. **A Realeza Cristã na Alta Idade Média**, *Op. cit.*, p. 146.

<sup>123</sup> WIDDOWSON, Marc. Merovingian partitions: A 'genealogical charter'?, **Early Medieval Europe**, 17, 2009, p. 2.

<sup>124</sup> *Ibid.*, p. 21-22. Não é nosso objetivo discutir como se deram as partilhas territoriais do século VI. Como ficará evidente no decorrer do texto, a evocação aos eventos de divisão serve para abordar a importância da retórica familiar na reivindicação dos tronos e do envolvimento das elites nas disputas políticas. Entretanto, a ênfase na retórica familiar não deve ser confundida com uma concepção patrimonial do Reino dos Francos. Segundo Cândido, as divisões territoriais não foram orientadas por conveniências pessoais, mas sim por uma lógica derivada do interesse público, que seria o mais forte indício da permanência da noção de *utilitas publica* na política franca. Para ele, longe de ser fruto do acaso, a lógica territorial tinha por fundamento uma preocupação com o equilíbrio fiscal. Os indícios dessa prática ficariam ainda mais fortes nas partilhas de 561 e de 567. Cf. CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. O “interesse público” no século VI. In: CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. **A Realeza Cristã na Alta Idade Média**. *Op. cit.*, p. 127-171.

<sup>125</sup> WIDDOWSON, Marc. Merovingian partitions: A 'genealogical charter'?, *Op. cit.*, p. 2.

de 751<sup>126</sup>. Os Merovíngios também associaram a realeza com o uso de cabelos longos, o que se tornou um privilégio familiar, sendo o corte de cabelo um ritual de deposição de reis<sup>127</sup>. A deposição de tesouras nos túmulos de homens poderia então simbolizar um ato de submissão da família do inumado para com o governante de seu reino<sup>128</sup>, ato ainda mais significativo se feito em um período de guerra civil<sup>129</sup>.

Como dito anteriormente, os reis e rainhas também estabeleciam suas redes de aliança e dominação através da designação de cargos<sup>130</sup> (incluindo os eclesiásticos), da doação de terras e da isenção de impostos. Apesar de o exercício do poder estar ligado ao rei, as rainhas também possuíam prerrogativas reais, mesmo fora da regência. Gregório de Tours narrou o episódio que Fredegonda retira o cinto de um *domesticus*<sup>131</sup> no livro VII dos *Libri Historiarum Decem*, chamados doravante de *LHD*. Mesmo que o autor reprovasse o ato, pois apenas o rei, ou eventualmente um bispo, poderia desempenhar tal ato de humilhação, o fato dele ser narrado mostra que seria plausível uma rainha se colocar nessa posição<sup>132</sup>. O episódio também pode nos mostrar a carga simbólica dos cintos, que manifestavam a autoridade da posição ocupada por seu portador.

Por mais que os grupos de elite contestassem a ascensão real, eles sempre o faziam apoiando um merovíngio rival, ou alguém que afirmasse ser um. As divisões e as guerras civis podem não ter sido tão prejudiciais para o poder real como antes se afirmava: a realeza dividida significava que os reis eram capazes de distribuir seu patrocínio de maneira mais eficaz dentro de seus reinos menores, e a oposição ao trono também se focava apenas nos membros da mesma família e não em outros magnatas poderosos<sup>133</sup>.

---

<sup>126</sup> Para o autor, isso era bastante incomum, dado que os reinos godos e lombardos nunca tiveram dinastias que durassem mais de três ou quatro gerações. Ele também afirma que os merovíngios viam o ato de governar como uma questão suficientemente familiar e patrimonial, o que pode ser discutido a partir das afirmações das notas precedentes. WICKHAM, Chris. A Gália merovíngia e a Germânia, 500-751. In: WICKHAM, Chris. **O Legado de Roma...** *Op. cit.*, p. 175-198.

<sup>127</sup> *Ibid.*, p. 178.

<sup>128</sup> DUMÉZIL, Bruno. L'identité franque au VI<sup>e</sup> siècle. *Op. cit.*, p. 31.

<sup>129</sup> Sobre as guerras civis entre os irmãos, tios e sobrinhos merovíngios do século VI, cf. WOOD, Ian. Stability in Disunity: the Civil Wars of the Sixth Century. In: WOOD, Ian. **The Merovingian Kingdoms 450 – 751**. Nova York: Longman Publishing, 1994, p. 88-102.

<sup>130</sup> Acompanhados de todos os benefícios (como as terras e as receitas). DEVROEY, Jean-Pierre. **Puissants et misérables**. *Op. cit.*, p. 245.

<sup>131</sup> Guarda de alto escalão.

<sup>132</sup> DUMÉZIL, Bruno. Les attributs du pouvoir et la compétition pour le pouvoir ... *Op. cit.*, p. 83.

<sup>133</sup> HALSALL, Guy. Barbarians Migrations and the Roman West... *Op. Cit.*, p. 310.

Segundo Guy Halsall, a competição pela autoridade local era feroz e, em partes, mantida por rituais públicos<sup>134</sup> (dentre os quais os funerais são os mais visíveis arqueologicamente). A maneira mais efetiva de conseguir e de se manter no poder era através da participação na administração do reino, incluindo os cargos eclesiásticos, e o recebimento de patrocínio real, especialmente no que diz respeito aos grupos que habitavam as regiões mais próximas das sedes reais<sup>135</sup>. A proximidade do rei, ou *Königsnähe*, foi, pois, muito importante para o ganho de status, de proteção e de benefícios materiais<sup>136</sup>, mas foi apenas um elemento na definição da aristocracia.

Como não existia uma definição jurídica que separasse os indivíduos, recorreremos a categorias anacrônicas para nomeá-los e classificá-los (como “elites”, “aristocracia” ou mesmo “nobres”). Chris Wickham defende que a utilidade da palavra “elites” (diferente de “aristocracia”) é sua resistência a uma definição mais delimitada, dirigindo nossa atenção para “a minoria que dirige”. A partir dessa constatação, caberia ao pesquisador explicar como o processo de dominação funcionou na sociedade que estuda<sup>137</sup>.

Dado que é impossível determinar o estatuto social dos indivíduos inumados a partir de seus bens, escolhi nesta dissertação o termo “elites” pela sua abrangência. No entanto, mantive a denominação “aristocracia/aristocrata” em momentos que percebi a existência de gestos que reforçavam (ou tinham a intenção de manifestar e reforçar) uma relação com grupos delimitados e estreitamente ligados ao exercício do poder através de cargos e ancestralidade. Meu objetivo não é apresentar uma definição para os grupos privilegiados, mas sim apresentar, em um primeiro momento, as práticas pelas quais eles se definiam e reproduziam seus direitos – sendo as cerimônias funerárias uma delas.

Além do mais, foram as práticas sociais que reuniam os elementos necessários para a afirmação do estatuto elevado no período estudado. Eram eles: a filiação familiar e a ancestralidade, o reconhecimento social, o cargo público ou título (denominado nas fontes

---

<sup>134</sup> Florin Curta nuança a classificação abrangente das práticas rituais merovíngias como práticas de dom, apresentando como outros sistemas de trocas coexistiram e como as definições dos rituais ainda permaneciam muito ligadas às definições de Malinowski e Mauss. Cf. CURTA, Florin. Merovingian and Carolingian Gift Giving, *Speculum*, 81, 3, jul. 2006, p. 671-699.

<sup>135</sup> HALSALL, Guy. *Barbarians Migrations...* *Op. cit.*, p. 310-312.

<sup>136</sup> MCKITTERICK, Rosamond. Politics. In: MCKITTERICK, Rosamond (Org.). *The Early Middle Ages: Europe 400-1000*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 33-35.

<sup>137</sup> WICKHAM, Chris. The changing composition of early elites. In: BOUGARD, François; GOETZ, Hans-Werner; LE JAN, Régine (Orgs.). *Théorie et pratiques des élites au haut Moyen Âge...* *Op. cit.*, p. 9.

posteriores de *honor*), a exposição e a riqueza<sup>138</sup>. Os registros escritos não nos permitem concluir se todos aqueles que eram ricos detinham o poder. Mesmo que a riqueza permitisse a compra de terras e de lealdade, e também estivesse fortemente ligada ao exercício do poder, ela sozinha não garantia acesso automático a ele<sup>139</sup>.

Um grande número de atitudes das elites revela a necessidade de converter riquezas em direito legítimo de comandar e dominar. Essa “transformação” se refere à sua exibição ostensiva – e, eventualmente, ao seu consumo e destruição – em práticas particulares reservadas à aristocracia. Alguns exemplos são as práticas de dom, a construção de igrejas e monastérios, e a organização de cerimônias públicas, como os banquetes e os funerais. Para mostrar seu pertencimento à aristocracia é preciso não só agir de certa maneira, mas adquirir, gerir e consumir riqueza através de modos específicos que manifestassem não só o pertencer, mas também a vontade de se manter entre seus pares<sup>140</sup>. Essa exibição tem impactos materiais, demarcando a posse de terras e de tesouros – e também o direito de transmiti-los –, o direito de exercer funções administrativas, e também reforçava a reivindicação de uma sucessão.

Defendo que pensar em termos de construção e afirmação da memória é extremamente pertinente para se entender a prática de deposição de bens nos túmulos do Norte da Gália. Através da ostentação de riqueza em uma cerimônia pública característica de grupos aristocráticos, os descendentes se afirmavam dentro da comunidade, instrumentalizando os objetos e o espaço funerário para estabelecer sua relação com o inumado, que deixa de ser um indivíduo para se transformar em um ancestral. No decorrer do texto, discutirei como o gênero foi um elemento importante na seleção dos objetos nos túmulos femininos, dado a importância das mulheres na exibição e na transmissão da memória familiar, em vida e na morte.

---

<sup>138</sup> Cf. as contribuições de Wickham, Le Jan, Feller e Devroey em BOUGARD, François; GOETZ, Hans-Werner; LE JAN, Régine (Orgs.). **Théorie et pratiques des élites au haut Moyen Âge...** *Op. cit.*

<sup>139</sup> DEVROEY, Jean-Pierre. Conclusion. La richesse, entre réalités matérielles, pratiques sociales et représentations. In: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine (Eds.). **Les élites et la richesse au Haut Moyen Âge.** *Op. cit.*, p. 511. Existem evidências de habitats camponeses com boas condições econômicas (se comparados com suas vilas vizinhas), assim como de mercadores e cidades costeiras que acumularam riquezas através do comércio marítimo e fluvial. WICKHAM, Chris. **O Legado de Roma.** *Op. cit.*, p. 295-331; LOVELUCK, Christopher. Problems of the definition and conceptualization of early medieval elites, AD 450-900. In: BOUGARD, François; GOETZ, Hans-Werner; LE JAN, Régine (Orgs.). **Théorie et pratiques des élites au haut Moyen Âge...** *Op. cit.*, p. 21-69.

<sup>140</sup> FELLER, Laurent. Introduction: Formes et fonctions de la richesse des élites au haut Moyen Âge. In: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine (Eds.). **Les élites et la richesse au Haut Moyen Âge.** *Op. cit.*, p. 5-8.

Meu objetivo não é separar e classificar tipos de “memórias” diferentes. Nos ritos funerários, uma sucessão de “memórias” se interseccionavam, tanto “biográficas” (individuais) como “compartilhadas”<sup>141</sup> (reais, monásticas, étnicas, regionais etc.). O avanço nas análises dos esqueletos nos permite conhecer as histórias biológicas de indivíduos específicos, como sua alimentação, as doenças que conheceram e as atividades que exerciam. Contudo, na maioria dos casos, é muito difícil identificar os elementos referentes a etapas específicas da vida de cada um, especialmente sua identidade. Mesmo a presença de anéis sinetes, sem o cruzamento com outros dados, não é suficiente para identificar os sujeitos históricos. O discurso da memória familiar é o mais enfático nos túmulos em questão, e sua construção é fruto da combinação dos outros tipos de memória (a partir da escolha de espaços e objetos relacionados a eles), como as citadas acima.

O que é mais concreto para nós sobre os funerais é o fato de que foram depositados objetos dentro das sepulturas. Este ato nos revela sobre a exposição esperada e sobre público que estava presente, pelo menos durante uma parte da cerimônia<sup>142</sup>. Outras evidências nos indicam que os funerais se tratavam de rituais públicos e participativos. A primeira é a presença de moedas e de outros objetos menores (como miçangas, agulhas e novelos) encontrados em cima do corpo ou do caixão, ou no interior de pequenas bolsas, ou de pequenas caixas. Esses itens só poderiam ser vistos pela audiência se fossem depositados enquanto o inumado estava exposto e, dado o valor tanto físico quanto simbólico das moedas<sup>143</sup>, acreditamos ser nessa etapa que esses objetos eram colocados. Outra menção ao caráter participativo do ato de deposição vem do poema de Venâncio Fortunato, “*De Exicidio Thuringae*”, onde Radegonda lamenta não poder depositar objetos selecionados no túmulo de seu irmão<sup>144</sup>.

---

<sup>141</sup> É importante enfatizar que não estamos falando sobre “memória coletiva” ou “identidade coletiva” como um conjunto de significações compartilhadas por todos no mesmo espaço e mesmo tempo. Ao falar de identidades compartilhadas, estamos falando sobre elementos de filiações mais abrangentes (como a filiação familiar), que, por sua vez, são permeadas por outras categorias significativas (como gênero, estatuto social, idade etc.). CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013, p. 74-76. Como vimos ao longo do texto, somos contrários à classificação de indivíduos em categorias fechadas (especialmente “mulheres”), como se suas experiências fossem compartilhadas.

<sup>142</sup> CARTRON, *Ostentation ou humilité? Op. cit.*, p. 210–211.

<sup>143</sup> FISCHER, Svante; LIND, Lennart. The Coins in the Grave of King Childeric, **Journal of Archaeology and Ancient History**, 14, p. 2 – 36, 2015.

<sup>144</sup> Trecho está presente em CARTRON, Isabelle; CASTEX, Dominique. L’archéologie face à la restitution des funéraires et à la mémoire de la tombe : à propos de quelques cas aquitains du haut Moyen Âge. In: LAUWERS, Michel; ZEMOUR, Aurélie (Dirs.). **Qu'est-ce qu'une sépulture?...** *Op. cit.*, p. 404. “*Comme je le faisais quand tu vivais, j’aurai envoyé sur ta civière (feretrum) des présents choisis ; mon amour n’a même pas le droit de parer ta dépouille*” (Tradução de Cartron e Castex).

A segunda evidência, ainda mais significativa, se refere aos banquetes funerários. Os festins nas necrópoles são muito discutidos, tanto através dos vestígios materiais quanto pelos relatos escritos. As evidências, contudo, podem ser frequentemente contraditórias<sup>145</sup>. A associação entre a *Parentalia* romana e os banquetes funerários era repetidamente insinuada por clérigos no Oeste cristão, possivelmente mais preocupados em estabelecer uma distância maior entre sua fé e o paganismo. Na primeira metade do século VI, os bispos que se referiam de maneira pejorativa às refeições funerárias eram os mesmos que denunciavam os cristãos que faziam conversões superficiais e que voltavam aos seus estilos de vida anteriores. A necessidade de proibir esses costumes não é necessariamente indicativa de uma sobrevivência do paganismo como uma fé alternativa, mas sim de desafios contemporâneos encarados por líderes cristãos que exigiam um nível maior de obediência e de comprometimento de seus seguidores nas diretrizes que pregavam<sup>146</sup>.

Segundo Bonnie Effros, muitos indivíduos poderiam ter resistido a abandonar esse costume funerário, que serviu por muito tempo para honrar suas famílias e incutir um senso de estabilidade comunal depois da perda sofrida. Assim como em outras ocasiões de convívio, os banquetes providenciavam oportunidades para as famílias reforçarem suas conexões com seus contemporâneos e também de exibir seus recursos ao apresentar mais alimento do que poderia ser fisicamente consumido – inclusive, oferecendo uma porção simbólica ao morto<sup>147</sup>. Entretanto, as evidências materiais das práticas de banquetes funerários nas necrópoles são escassas e, em certos casos, contestáveis; vestígios de conflagrações em pequena escala podem estar relacionados a outros rituais de incineração parcial do corpo e vestígios de restos de animais espalhados pelo espaço podem ser contaminações de outros períodos de ocupação. Algumas evidências mais claras são os poços encontrados com vestígios de ossos, grãos e cerâmica em algumas necrópoles (como em Noiron-sous-Gevry, Thon-Samson, Hermes e Morley)<sup>148</sup>.

Mesmo que as refeições funerárias e a deposição de utensílios relacionados aos banquetes possam ter feito parte do mesmo gesto ou da mesma tradição funerária, não é possível afirmar que os últimos são evidências inegáveis dos primeiros, ou ainda que o cessar dos

---

<sup>145</sup> EFFROS, Bonnie. Funerary Feasting in Early Medieval Gaul and Neighboring Regions. *In*: EFFROS, Bonnie. **Creating community with food and drink in Merovingian Gaul**. Nova York: Palgrave Publishers, 2002, p. 69-91.

<sup>146</sup> *Ibid.*, p. 75.

<sup>147</sup> *Ibid.*, p. 73-75.

<sup>148</sup> *Ibid.*, p. 89.



depósitos significou o fim dos banquetes. Ainda assim, é preciso atentar-se para esses objetos que também são símbolos de status social, ao evocarem práticas de socialização características da aristocracia e da *Königsnähe*. Pelo que as evidências indicam até o momento, não existiu uma grande diferença entre homens e mulheres no que diz respeito ao depósito desses artefatos. Possivelmente, no caso feminino, eles evocavam o papel da mulher de servir as bebidas aos convidados e de anfitriã. No masculino, tanto o de organizador como o de homenageado. Em ambos casos, evocavam sua integração nesse universo reservado aos privilegiados<sup>149</sup>.

O papel das senhoras da casa durante os banquetes é mais conhecido nas fontes anglo-saxãs, especialmente no que diz respeito à distribuição de bebidas feita por elas entre os aliados de seus maridos. Ao servir a bebida seguindo uma lógica hierárquica, do membro mais notável até o menos, as mulheres reforçavam as posições dentro do grupo e serviam como portadoras da legitimidade daqueles que representam (seus maridos ou pais). Esse ritual buscava manter a coesão e a hierarquia, mas também poderia ser empregado para estabelecer alianças e acordos de paz, ou mesmo para marcar a inferioridade e a submissão de inimigos derrotados<sup>150</sup>.

É necessário enfatizar que os alimentos colocados nos túmulos não eram identificados pelos contemporâneos como algo a ser transportado para a vida após a morte. Presumidamente, as condenações clericais buscaram limitar o tipo de rituais usados pelos cristãos para comemorar seus mortos. Mesmo que os clérigos reconhecessem as oportunidades das celebrações funerárias para renovar os laços naturais e artificiais entre membros das comunidades, eles também as percebiam como fora de seu controle e então as viam como inteiramente inaceitáveis. Não havia um consenso nas posições sobre o assunto, como podemos notar nos vários exemplos de deposições de vestígios alimentares e de utensílios de banquetes em túmulos sepultados em edifícios religiosos<sup>151</sup>.

---

<sup>149</sup> NISSEN JAUBERT, Anne. La femme riche... *Op. cit.*, p. 316.

<sup>150</sup> No continente, conhecemos o exemplo narrado por Paulo, o Diácono, na *Historia Langobardorum*, sobre o noivado de Autário, rei dos lombardos, e Teodolinda, filha de Garibaldo I, duque da Baviera, em 588. Michel Enright nos dá a seguinte tradução: “‘*Since we see that the person of your daughter is such that we may properly wish her to become our queen, we would like if it please your mightiness, to take a cup of wine from her hand, as she will offer it to us hereafter*’. And when the king [Garibaldo] had assented to this that it should be done, she took the cup of wine and gave it first to him who appeared to be the chief. Then [...] she offered it to Authari, whom she did not know was her affianced bridegroom[...].” ENRIGHT, Michel J. Lady With a Mead-Cup. Ritual, Group Cohesion and Hierarchy in the Germanic Warband, *Frühmittelalterliche Studien*, 22, 1, p. 170-203, 1988.

<sup>151</sup> A prática é muito difundida para que todos os exemplos possam ser citados, mas alguns exemplos podem ser encontrados na Basílica de Saint-Denis e cidade de Colônia, focos desta pesquisa: dois túmulos do século V, na Igreja de São Severino, e dois do século VI, na Catedral de Colônia. EFFROS, Bonnie. Funerary Feasting in Early Medieval Gaul and Neighboring Regions. *Op. cit.*, p. 79-80.

O último elemento importante para a definição de estatuto a ser discutido é a preservação do patrimônio e os modos específicos de transmiti-lo. Em um primeiro momento, pode parecer contraditório pensar nas cerimônias funerárias como uma maneira de transmissão de patrimônio. Mas, ao expor objetos que eram transmitidos no interior de uma família, de uma maneira pública característica de uma camada privilegiada da sociedade, reforçava-se o estatuto elevado da família do inumado. Analisar a prática funerária a partir da noção de memória familiar nos permite então olhar para esses processos específicos e generificados de circulação e para a transformação no estatuto dos objetos, cujo valor está além do custo de sua produção.

### c. Mulheres e memória familiar

Parte da renovação dos estudos sobre a Alta Idade Média europeia deve-se à reconsideração dos papéis femininos no interior da sociedade. Os esforços não estão mais comprometidos a completar narrativas já estabelecidas, sem influenciar de forma decisiva as abordagens tradicionais. Eles também não estão mais preocupados com a nomeação de heroínas ou mesmo são considerados como estudos de nicho<sup>152</sup>. A vida das mulheres não era isolada das transformações do século VI e elas não podem ser estudadas isoladamente.

As discussões da história do gênero foram essenciais para as novas perspectivas, pois evidenciaram como o gênero foi integral nos meios pelos quais o poder era concebido, distribuído e representado na Alta Idade Média. Inseparável de outras esferas, ele é uma categoria de análise da mesma forma que “político”, “simbólico”, “institucional” etc<sup>153</sup>. Pensá-lo como uma construção histórica evidencia como os atributos, ou ideais, são formados a partir das interações, frequentemente mediadas pela cultura material. Essa afirmação indica a mutabilidade desses ideais, dado que as interações podem mudar de acordo com o contexto em que elas acontecem. O estudo das cerimônias funerárias organizadas para as mulheres não pode desconsiderar as relações generificadas que as precediam e que eram materializadas no conjunto funerário.

---

<sup>152</sup> LA ROCCA, Introduzione. Fonti scritte e fonti materiali... *Op. cit.*, p. 9.

<sup>153</sup> SMITH, Julia M. H. “Carrying the cares of state”: gender perspectives on Merovingian ‘Staatlichkeit’. In: POHL, Walter; WIESER, Veronika (Orgs.). **Der frühmittelalterliche Staat**—europäische Perspektiven. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2009, p. 228.

Guy Halsall aponta para uma possível mudança nos ideais de gênero no início da Alta Idade Média, que teria levado ao estabelecimento de categorias mais independentes de masculino e feminino. Segundo o autor, o sistema de gênero romano era construído, em linhas gerais, em torno da noção de masculinidade cívica, que girava em torno da razão e do controle das emoções. As mulheres, por sua constituição diferente no que diz respeito aos seus humores, nunca poderiam alcançar esse ideal (diferente dos bárbaros, que podiam ser assimilados, e dos meninos, que podiam aprender os modos corretos de agir). Elas eram julgadas pela proximidade ou pela distância do ideal masculino, mas, diferente dos homens, que podiam trabalhar para alcançá-lo, as mulheres nunca conseguiriam fazê-lo. Durante a Antiguidade Tardia, um novo sistema de gênero se formava: a masculinidade passou a ser cada vez mais definida por características marciais e o feminino, por outro lado, passou a ser construído a partir de um conjunto separado de ideais, não sendo mais visto como uma relativa ausência do masculino. Características ligadas à reprodução e ao casamento começaram a ser mais enfatizadas na construção dos ideais feminino e, conseqüentemente, estabeleceu-se uma ligação mais estreita (e, possivelmente, mais restrita) entre o sexo e o gênero dos indivíduos<sup>154</sup>.

Essa mudança no ideal clássico romano pode ter acontecido graças a um gradual declínio do modelo de masculinidade cívica após o assassinato de Valentiniano III, em 455. O modelo dependia fortemente do referencial imperial, particularmente nas províncias, onde gradativamente perdia sua legitimidade. Além do mais, um diferente tipo de masculinidade romana emergiu durante o século IV, seguindo a separação dos ramos civis e militares. Construído (pelo menos em parte), em oposição ao homem cívico, o modelo marcial foi menos afetado pela perda de legitimidade do governo central ocidental<sup>155</sup>.

Enquanto no contexto do Baixo Império, certos homens podiam enfatizar os traços da masculinidade marcial para criticar uma fraqueza na masculinidade cívica, outros (especialmente os filhos das famílias senatoriais) descreviam tais características como incivilizadas ou como algo “mulheril”. Portanto, mesmo com a emergência de uma leitura nova dos símbolos de masculinidade e da reinterpretação das bases da autoridade, ideias tradicionais permaneciam e continuavam em disputa. Identidade é um movimento constante em direção a

---

<sup>154</sup> HALSALL, Guy. Classical gender in deconstruction. *Op. cit.*, p. 29-34.

<sup>155</sup> *Ibid.*, p. 39.

um ideal; as renegociações, oscilações e redefinições de tal objeto inalcançável de identificação eram cruciais para o gênero “vivido” das pessoas do final do império<sup>156</sup>.

Os dois modelos principais de masculinidade coexistiram durante as gerações subsequentes à deposição de Romulus “Augustulus”, dado que os reis ocidentais continuaram a ocupar posições dentro da hierarquia imperial e, como um imperador, personificavam convergências entre as masculinidades cívica e marcial. No século VII, o modelo marcial já era dominante no Oeste do continente, apenas com o modelo religioso cristão de masculinidade existindo como uma alternativa<sup>157</sup>. Para Guy Halsall, a oscilação dentro do ideal masculino teria permitido a emergência de mais traços femininos ativamente idealizados, baseados fortemente no sexo, no corpo e na reprodução – não tão dependentes da emulação dos traços masculinos<sup>158</sup>.

Essas mudanças não estão isoladas de outras transformações do final do Império Romano no Ocidente e da formação dos reinos bárbaros. Para Julia Smith, elas podem não ter sido tão “*gender-neutral*” como a historiografia costuma colocar. Um exemplo é a reorganização das redes de produção e de troca, que podem ter acompanhado a redefinição da especificidade de gênero no trabalho artesanal ou na agricultura<sup>159</sup>. A mudança nos ideais femininos também está relacionada às transformações no casamento e nas tradições de herança, já enunciadas anteriormente

Essa mudança afetou profundamente o acesso das mulheres às riquezas fundiárias, mas não significou uma equivalência em direitos. As leis bárbaras nos mostram uma clara preferência pelos homens na herança das terras e reconhecem o interesse de parentes colaterais neste quesito. No caso dos territórios francos, as mulheres tinham acesso à terra, algumas vezes como proprietárias plenas, mas frequentemente na condição de que ela fosse passada aos filhos ou a beneficiários externos, como a Igreja<sup>160</sup>. Elas também ganhavam acesso aos bens fundiários ao se utilizarem de estratégias familiares mais amplas, mobilizando suas redes de aliança, como é o caso citado anteriormente de Brunilda e das terras pertencentes à sua falecida irmã.

---

<sup>156</sup> HALSALL, Guy. Gender in merovingian Gaul. In: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.), **The Oxford Handbook of the Merovingian World**, Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 168.

<sup>157</sup> HALSALL, Guy. Classical gender in deconstruction. *Op. cit.*, p. 39.

<sup>158</sup> HALSALL, Guy. Gender in merovingian Gaul. *Op. cit.*, p. 168.

<sup>159</sup> SMITH, Julia M. H. Did Women Have a Transformation of the Roman World?, **Gender & History**, 12, 3, p. 552–571, 2000, p. 558.

<sup>160</sup> *Ibid.*, p. 558-560.

Segundo Bruno Dumézil, as rainhas merovíngias do século VI não estão totalmente fora da *militia*. Como um aristocrata homem, Brunilda possuía muitas terras dispersas pelo reino, permitindo-a fixar seu estatuto e exercer um poder socioeconômico indiscutível. As rainhas também faziam doações e alienações de bens fiscais, além de conceder domínios para seus aliados, designar titulares de cargos públicos, participar da nomeação de bispos e assegurar proteção jurisdicional para seus aliados. Elas não controlavam um exército de estatuto reconhecido, mas isso não as impediu de ter combatentes fiéis<sup>161</sup>.

Na mesma linha de interpretação, Nira Pancer argumenta que não existiu um código de comportamento separado para os dois sexos. Especialmente na prática da violência, não existiria uma linha que separasse a ação masculina e a ação feminina, dado que o direito à prática seria uma categoria, ou uma estratégia, de “*classe*”. Para ela, as fontes não confirmariam unanimemente a importância de um sistema de valores fundado na oposição das funções masculinas e femininas. Mesmo em suas diferenças, os homens e as mulheres agiriam de maneira similar e recorreriam às mesmas estratégias de poder<sup>162</sup>. As carreiras das viúvas regentes são extraordinárias na Alta Idade Média, e, possivelmente, são um fenômeno quase exclusivamente merovíngio<sup>163</sup>. Esses exemplos reais nos mostram que as atribuições de gênero não estavam separadas da posição social e das redes em que as mulheres estavam envolvidas.

Por sua vez, as rainhas são dificilmente membros normais da sociedade, mesmo dentro dos círculos mais altos do poder. Além do mais, apenas uma minoria delas é mencionada nos documentos escritos como desempenhando algum papel relevante na cena descrita<sup>164</sup>. É possível que essas menções nos informem mais sobre a excepcionalidade de determinadas ações e de determinadas situações do que a inexistência de um sistema de gênero. Elas também evidenciam a variedade de lugares ocupados pelas mulheres e a redefinição de atributos generificados em situações de competição ou de tensões sociais.

A família e as redes de aliança através dela estabelecidas eram então essenciais para as mulheres e vice e versa, sendo o casal conjugal o centro da organização familiar. Definido como “*la structure portante de la société*”, a esfera matrimonial era uma rede de relações densas (para

---

<sup>161</sup> DUMÉZIL, Bruno. Les attributs du pouvoir et la compétition pour le pouvoir... *Op. cit.*, p. 86–88.

<sup>162</sup> PANCER, Nira. **Sans peur et sans vergogne**: de l'honneur et des femmes aux premiers temps mérovingiens. Paris: Albin Michel Littérature, 2001.

<sup>163</sup> JAMES, Edward. Elite women in the Merovingian period. In: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Merovingian world**. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 247.

<sup>164</sup> *Ibid.*, p. 253; PANCER, Nira. **Sans peur et sans vergogne**. *Op. cit.*, p. 20.

além da relação conjugal), onde sentimentos, direitos e deveres se misturam estreitamente<sup>165</sup>. Sobre o lugar das jovens no estabelecimento e na manutenção das alianças familiares, Sylvie Joye apresenta como exemplo a carta de Ruricius de Limoges, escrita entre 485 e 495, na ocasião da morte de sua nora. Ela traduz: “*j’ai perdu une fille, que je me réjouis d’avoir eu près de moi et qui soit venue de vous, la consolation de ma vie, l’espoir de ma postérité, le délice de ma famille, la joie de mon coeur, la lumière de mes yeux. Mais avec une fille j’ai perdu aussi mes parentes*”<sup>166</sup>.

O casamento é um momento decisivo na perpetuação biológica do grupo familiar e na organização da transmissão de patrimônio, a fim de garantir a continuidade material do novo núcleo e de firmar a aliança entre dois grupos. As mulheres não traziam apenas os bens materiais doados pelo seu pai, mas também o prestígio familiar de seus ancestrais, transmitindo-o para a casa de seu marido e para seus futuros filhos. Os maridos, como mencionado no tópico anterior, também presenteavam diretamente suas noivas com o contradote (*dotalicium*), que poderia ser composto de bens fundiários e móveis. Sua função era a de garantir a segurança material das mulheres caso elas ficassem viúvas, sendo que, caso houvesse a dissolução da união, elas também conservariam esses bens. Logo, o dote e o contradote são elementos centrais no patrimônio das esposas<sup>167</sup>.

Já o *Morgengabe*, ou “*don du matin*”, é uma parte da fortuna da esposa que lhe é ofertada na manhã seguinte de suas núpcias. Para Laurent Feller, o *Morgengabe* gratificava a virgindade da esposa e remunerava a aquisição definitiva dos direitos sexuais sobre a esposa pelo novo marido<sup>168</sup>. Essa prática possuía diferentes funções entre os burgúndios e os alamanos, mas, para os francos, ela parece cumprir mais uma função simbólica do que um real ganho econômico. Constituído de bens móveis, incluindo gado, o *Morgengabe* seria o meio pelo qual o marido elevaria sua mulher como legítima esposa e legítima senhora da casa familiar<sup>169</sup>.

---

<sup>165</sup> RÉAL, Isabelle. **Vies de saints, vie de famille...** *Op. cit.*, p. 163.

<sup>166</sup> JOYE, Sylvie. *Filles et pères à la fin de l’Antiquité et haut Moyen Âge...* *Op. cit.*, p. 228.

<sup>167</sup> FELLER, Laurent. "Morgengabe", dot, tertia: rapport introductif. *Op. cit.*, p. 3-12. Gregório de Tours relata que, quando Childerico mandou sua filha para casar no Reino dos Visigodos, Fredegonda deu-lhe tanto ouro e prata que os aristocratas próximos ficaram desconfortáveis com o acesso ilimitado da rainha aos fundos reais. Ela, por sua vez, afirmou que os presentes vieram de suas próprias propriedades, o que incluía bens que ela acumulou, presentes que ela recebeu e impostos que ela coletou. Dado sua suposta origem servil, supõem-se que parte desses bens foram recebidos como contradote e *Morgengabe*. DAILEY, E. T. **Queens, Consorts, Concubines: Gregory of Tours and Women of the Merovingian Elite**. Leiden: Brill, 2015, p. 110.

<sup>168</sup> FELLER, Laurent. "Morgengabe", dot, tertia: rapport introductif. *Op. cit.*, p. 15.

<sup>169</sup> *Ibid.*, p. 17-20.

Durante essas transações, os atributos de gênero de cada parte são trazidos para o primeiro plano e são concomitantemente construídos. Os casamentos e suas transferências de bens (móveis ou imóveis) se baseiam então no que venho chamando de relações generificadas, que, ao mesmo tempo que estabelecem as prerrogativas de cada gênero, moldam as suas expressões. As transmissões do patrimônio familiar, seja material ou simbólico, também são relações generificadas, pois são baseadas na desigualdade entre os gêneros e nas funções específicas que cada membro desempenhava em sua família. Como fruto de interações, esses papéis sempre mudavam de acordo com situações e interesses específicos. O gênero não pode ser analisado como uma fronteira intransponível que une indiferentemente todos os indivíduos de determinado sexo biológico.

Os objetos não só permeiam essas relações, mas ressignificam os símbolos de autoridade e prestígio. A mudança sutil na importância política das mulheres foi talvez manifestada em alguns aspectos de suas vestimentas: alguns motivos decorativos ligados ao universo masculino começaram a ser comuns em itens dos séculos V e VI, assim como a deposição de objetos ligados à autoridade militar<sup>170</sup>. Isso mostra que os objetos não são necessariamente generificados; eles ajudam na construção de gênero, mas são permeados com outros elementos que escapam do binarismo. Um exemplo é o cinto, cuja riqueza simbólica é altamente conhecida: eles são mencionados em rituais de poder (a entrega de armas ao final da aprendizagem de guerreiro), eles participam do estabelecimento e do rompimento de alianças e também foram objeto nas práticas de dom. Ligados à esfera guerreira e às antigas vestimentas marciais romanas, os cintos eram grandes marcas de autoridade, além de poderem ser feitos de metais valiosos e ser altamente decorados<sup>171</sup>.

A hipótese de Isabelle Cartron, ao cruzar as evidências funerárias com as fontes escritas, é que, no caso feminino, além de marcadores de estatuto social elevado, os cintos também estariam ligados às etapas matrimoniais da vida de uma mulher. A autora também cita exemplos onde os cintos são colocados em evidência quando autores descrevem as doações de adornos feitas por mulheres na ocasião de sua entrada nos monastérios. Essa possessão de símbolos de autoridade masculina não significa que as mulheres desempenhavam um papel militar ou mesmo que poderiam ocupar cargos públicos (salvo a regência das rainhas e as abadessas). Eles

---

<sup>170</sup> HALSALL, Guy. **Barbarians Migrations...** *Op. cit.*, p. 486.

<sup>171</sup> CARTRON, Isabelle. Variations autour d'un objet: La ceinture des femmes du haut Moyen Âge. In: JÉGOU, Laurent; JOYE, Sylvie; LIENHARD, Thomas; SCHNEIDER, Jens (Eds.). **Splendor Reginae**. Passions, genre et famille, Turnhout: Brepols, 2015, p. 129.

podem ter sido vistos como símbolos de um lugar proeminente dentro da família e dentro da sociedade local<sup>172</sup>. Portadoras do prestígio de suas famílias, as mulheres, tanto solteiras como casadas ou viúvas carregavam símbolos de distinção apropriados para cada etapa de sua vida. Diferentes indivíduos ocupavam diferentes posições nas estratégias familiares.

Como dito anteriormente, outro elemento a ser considerado na experiência do gênero era a sua idade social. É possível perceber nos sepultamentos tendências relacionadas a ela: enquanto a maioria dos homens permanecia “artefatualmente neutros” (raramente enterrados com armas) até aproximadamente seus vinte anos, a maioria das mulheres já recebia um conjunto de objetos específicos do gênero feminino a partir de seus doze anos, idade da maioridade para ambos<sup>173</sup>. Alguns autores, ao evidenciar que as deposições diminuía drasticamente quando as mulheres passavam dos cinquenta anos, atribuíram sua razão à capacidade reprodutiva das inumadas. Ou seja, as mulheres férteis possuiriam um valor mais elevado dentro da sociedade e desempenhariam funções mais elevadas dentro das estratégias familiares. Portanto, o gasto funerário precisaria ser equivalente às suas funções sociais e ao estresse causado por suas mortes precoces<sup>174</sup>.

Essa ligação me parece uma transposição dos valores atribuídos às penas (*wergeld*) presentes no *Pactus Legis Salicae*, onde, aquele que matasse uma mulher livre em idade fértil deveria pagar à sua família 600 *solidi*<sup>175</sup>; já aquele que matasse uma mulher livre que não podia mais ter filhos<sup>176</sup> ou uma com menos de doze anos, deveria pagar 200 *solidi*<sup>177</sup>. Contudo, os dois contextos, das leis e das cerimônias funerárias, servem a propósitos totalmente diferentes. Mesmo que as primeiras também estivessem relacionadas aos papéis e as hierarquias baseadas no gênero, o objetivo do *wergeld*, além da punição, era compensar a família pela sua perda econômica. Ademais, se reduzidas à função reprodutiva, qual seria o ganho familiar no investimento feito na cerimônia funerária de suas filhas falecidas? É preciso também insistir que os depósitos não eram reflexos diretos dos indivíduos e sua escolha faz parte de dinâmicas complexas, exploradas nesta dissertação.

---

<sup>172</sup> CARTRON, Isabelle. Variations autour d'un objet... *Op. cit.*, p. 129-138.

<sup>173</sup> HALSALL, Guy. Cemeteries and Society in Merovingian Gaul. *Op. cit.*, p. 302-303.

<sup>174</sup> NISSEN JAUBERT, Anne. La femme riche... *Op. cit.*, p. 314.

<sup>175</sup> DREW, Katherine Fischer. **The Laws of the Salian Franks**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991, p. 28;

<sup>176</sup> Idem.

<sup>177</sup> *Ibid.*, p. 69.



Eu defendo que a deposição de joias e de outros adornos de vestimentas nos túmulos de mulheres pode estar mais ligada ao seu dote e, se casada, ao contradote e ao *Morgengabe*, do que ao potencial reprodutivo das inumadas. Expor esses objetos reforçaria tanto o lugar da mulher dentro do grupo familiar e sua autoridade no interior da casa, como reforçaria as alianças entre sua família e a família do viúvo. Por mais que as joias fossem possessões das mulheres, elas eram partes do tesouro familiar e evidenciavam o prestígio da família<sup>178</sup>. Esperava-se que fossem transmitidas para as novas gerações, o que pode explicar a relativa ausência de adornos em túmulos de mulheres mais velhas.

De maneira geral, os mesmos objetos podiam circular segundo modalidades diferentes em função das qualidades que lhes eram atribuídas pelo seu detentor ou pela maneira que foram adquiridos. No caso de joias de família, pode ter havido uma impossibilidade ou uma recusa de lhes atribuir um valor monetário, pois sua virtude principal era a de circular através de doações no interior do parentesco e de adquirir um significado particular ao serem utilizadas por pessoas próximas<sup>179</sup>. Os adornos, pois, entram na categoria de “coisas” (em oposição a de “objetos”), definidas por Maurice Godelier como os itens que mantêm uma forte e indissolúvel relação com seus detentores. Se os objetos são alienáveis, as coisas não o são porque não há descontinuidade entre elas e as pessoas que os produzem, que as possuem e que, finalmente, as transmitem. Os adornos que circulam no interior das famílias deviam, pois, sair das circulações mercantis e não deviam ser objetos de transações comerciais, mesmo no interior do parentesco<sup>180</sup>.

Portanto, a exibição desses artefatos está também ligada a práticas familiares de transmissão de patrimônio<sup>181</sup>. Além de expor o valor de esposa atribuído às mulheres e as suas ligações com a família do marido, depositá-los reforçava seus lugares dentro de uma linhagem familiar, mesmo que por uma transmissão de bens “simbólica”. No entanto, acredito que, ao demonstrar a “circulação interrompida” daqueles objetos, elevava-se ainda mais o gasto do evento. O ato de destruir objetos tão valorosos reforçava ainda mais a posição da família do inumado (ou a posição que ela projetava para sua audiência), pois elevava a ostentação dos recursos que ela podia dispensar.

---

<sup>178</sup> POIGNANT, Stéphane ; RENOUE, Julie. Des bijoux brisés... *Op. cit.*, no prelo.

<sup>179</sup> FELLER, Lauren. Introduction. In: FELLER, Laurent; RODRÍGUEZ, Ana. **Objets sous contrainte**. *Op. cit.*, p. 8-18.

<sup>180</sup> GODELIER, Maurice. **En el fundamento de las sociedades humanas**. Lo que nos enseña la antropología, Buenos Aires: Amorrortu, 2014, p. 84-90.

<sup>181</sup> DEVROEY, Jean-Pierre. **Puissants et misérables**. *Op. cit.*, p. 241.

Pensar na circulação dos objetos familiares nos faz questionar também as nossas concepções de objetos de luxo ou de prestígio. As joias transmitidas só podem ser compreendidas se refletirmos sobre suas trajetórias, que lhes conferem seu carácter de “objetos preciosos” para além dos materiais utilizados em sua fabricação. É redutor interpretar o depósito de objetos reparados ou fragmentados como um sinal de inferioridade do sepultamento. Esses traços testemunham suas biografias, isto é, testemunham que foram manipulados, transportados, transmitidos e, por fim, que cristalizaram e veicularam a memória de seus portadores precedentes. Segundo Julie Renou e Stéphane Poignant, os traços de uso e de reparação podem ser símbolos da transmissão patrimonial desses objetos, feitas vertical e horizontalmente no interior das famílias da Alta Idade Média. Tratava-se de uma prática de grupos privilegiados para adquirir, assegurar e estruturar seus poderes, através da circulação de riquezas. Nesse sentido, às mulheres é atribuída uma função importante, pois carregavam e eram responsáveis pela transmissão de uma parte do tesouro<sup>182</sup>, sendo figuras importantes nas alianças e portadoras da memória familiar. Elas, principalmente as filhas de famílias reais, eram como “tesouros animados”, adornos de suas casas e contribuintes para seu prestígio<sup>183</sup>.

Os objetos caracteristicamente masculinos simbolizavam de maneira mais enfática as conquistas e os cargos ocupados. Ou seja, aquilo que os homens fizeram com coisas ou com outras pessoas. Os objetos caracteristicamente femininos, em comparação, dão ênfase aos ornamentos, implicando que as mulheres eram o objeto do olhar no espaço público. A identificação do poder feminino era performada corporal e publicamente no olhar da comunidade. Essa visibilidade não era exclusivamente feminina; a sociedade do Norte da Gália no século VI era “ótica”, como coloca Guy Halsall, onde os recursos eram altamente investidos na exibição pública e os rituais eram cruciais na ordenação social. O próprio *PLS* enfatiza a performance pública como um forte componente do procedimento legal<sup>184</sup>.

Até o momento, vimos em maiores detalhes como a idade e a posição social podem ter influenciado na maneira como os indivíduos experienciavam seus gêneros, em diferentes graus e em diferentes contextos. Esses fatores foram também determinantes nas expressões públicas do gênero feminino. A morte também pode ser considerada um atributo e, como em outros

---

<sup>182</sup> POIGNANT, Stéphane; RENO, Julie. Des bijoux brisés... *Op. cit.*, no prelo.

<sup>183</sup> STAFFORD, Pauline. Queens and treasure in the early Middle Ages. In: TYLER, Elizabeth M. (Org.). **Treasure in the Medieval West**. York: Boydell & Brewer, 2000, p. 61–82.

<sup>184</sup> HALSALL, Guy. Gender in merovingian Gaul. *Op. cit.*, p. 175.

estágios e eventos do ciclo de vida dos membros das elites, ela marcava um novo estatuto, com suas funções e possibilidades.

A pessoa morta não é a mesma que a pessoa viva. Alguns aspectos da exposição funerária já foram apontados neste capítulo, como o prestígio, as alianças e a memória familiar. Aspectos estes que estão relacionados às relações, ou mais especificamente, às circulações generificadas. Por sua vez, elas são também esforços coletivos, onde uma comunidade é reunida para lidar com o vazio social deixado pelas suas falecidas. Para adiantar parte da discussão do Capítulo 3, defendo que os presentes, em especial os recipientes, podem ter sido depositados como formas de facilitar a transição das mortas de suas comunidades para a memória de seus descendentes e para o círculo de seus ancestrais.

A análise dos espaços é igualmente importante para entender o lugar dos funerais na Gália. Eles também eram uma maneira de reforçar a ligação de uma família com espaços consagrados, através do sepultamento de familiares no interior de igrejas. Este espaço, reservado apenas para membros das camadas mais altas da sociedade, era um lugar extremamente cobiçado, pois trazia visibilidade, prestígio e proteção divina para os inumados<sup>185</sup>. A colocação de túmulos próximos a antigas ruínas romanas pode nos indicar uma tentativa de conectá-los com antigos marcadores de autoridade imperial, beneficiando-se de seu “capital cultural”<sup>186</sup>. A construção de *tumuli*<sup>187</sup>, como o de Childerico, também é um marcador impressionante de distinção, tanto pela disponibilidade de recursos que os organizadores precisavam dispensar para sua construção, quanto pelo grande marco que viravam na paisagem por séculos<sup>188</sup>.

É interessante notar que a topografia não apresenta preocupações tão enfáticas com a diferença dos gêneros dos indivíduos. Isso aponta para a manipulação de recursos diferentes para a construção da memória familiar, que pode ter dependido muito da audiência de cada etapa do processo funerário. Atribuições específicas das mulheres podem ter sido enfatizadas ou diminuídas durante ele, nos mostrando a complexidade das noções de gênero em um período de grandes transformações sociais, e, principalmente, sua relação com aquelas de poder e patrimônio. Uma vantagem de se estudar a Gália do século VI através das fontes materiais é a

---

<sup>185</sup> EFFROS, Bonnie. Beyond cemetery walls: early medieval funerary topography and Christian salvation, **Early Medieval Europe**, 6, 1, 1997, p. 5-15.

<sup>186</sup> BAYARD, Adrien. Matróna, socrus et mater familias... *Op. cit.*, p. 105.

<sup>187</sup> Montículos artificiais de terra.

<sup>188</sup> BONNABEL, Lola (Dir.). **Archéologie de la mort en France**. *Op. cit.*, p. 84-85.

abundância de vestígios se comparados aos textos<sup>189</sup>, especialmente no que diz respeito a menções a mulheres. A variedade dos remanescentes funerários também nos permite questionar as interpretações muito fechadas, como se sua única utilidade fosse nos informar sobre o gênero (ou pior, o sexo) e, no máximo, o status da pessoa enterrada, sem reconhecer a dinâmica retórica dos funerais.

Nenhuma análise social dos objetos é capaz de evitar por completo o que Arjun Appadurai chama de fetichismo metodológico. Este fetichismo, segundo o autor, pode ser um antídoto à tendência de atribuir um excessivo valor sociológico às transações realizadas através deles. Assim, embora do ponto de vista teórico, os atores humanos codifiquem as coisas por meio de significações próprias, de um ponto de vista metodológico são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social<sup>190</sup>. É o gesto de depositar certos bens materiais nos túmulos de mulheres que nos mostra a importância das relações generificadas nas cerimônias e nas dinâmicas sociais. A circulação de um objeto impacta substancialmente o cálculo de seu valor<sup>191</sup>, sendo impossível ignorar a mudança em seu estatuto a partir do momento em que foi exibido na cerimônia funerária para, ser posteriormente colocado debaixo da terra. Outro aspecto metodológico importante, que merece ser enfatizado mais uma vez no texto, é a constatação de que grande parte dos gestos funerários não deixaram para nós nenhum registro arqueológico. É preciso ser prudente mesmo com os dados que possuímos, pois eles constituem um reflexo deformado das práticas funerárias, dada a destruição ocasionada pelo tempo ou mesmo pelo fato de muitas necrópoles permanecerem sob as cidades modernas.

---

<sup>189</sup> HALSALL, Guy. Gender in merovingian Gaul, *Op. cit.*, p. 169.

<sup>190</sup> APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun (Ed.). **A vida social das coisas**. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EDUFF, 2008 [1986], p. 17.

<sup>191</sup> Sobre a importância da circulação na análise dos objetos e sobre o processo de valoração de um ponto de vista da Antropologia: cf. nota 103 e KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. (Ed.). **A vida social das coisas**. *Op. cit.*, p. 89-124. Para exemplos do período medieval, cf. FELLER, Laurent. RODRÍGUEZ, Ana (Orgs.). **Objets sous contrainte**. *Op. cit.*

## Capítulo 2 – “Tesouros animados” e onde foram enterrados

### a. Introdução

Neste tópico, apresentarei e discutirei os quatro túmulos selecionados para a pesquisa. Todos eles possuíam uma grande quantidade de objetos e foram classificados pelos arqueólogos como “túmulos femininos”, pertencentes a aristocratas e até a princesas e rainhas. Um critério importante para a seleção do arranjo foi a descoberta relativamente recente das sepulturas, sendo as mais velhas descobertas em 1959 e a mais recente em 2003. Isso implicou em uma maior padronização dos registros, em uma maior disponibilidade de informações e em uma maior possibilidade de contato com os responsáveis pela escavação e pela conservação dos objetos. Outro critério importante foi a notoriedade que esses túmulos possuem, que fez com que os objetos fossem restaurados e expostos. Este elemento se mostrou essencial ao longo da pesquisa, dado que a quantidade de informações disponíveis não é equivalente entre os túmulos. Isso quer dizer que, por mais que algumas sepulturas ainda não tenham passado pelo mesmo nível de análises que as demais, sua notabilidade (inclusive através materiais de divulgação) levou a menções localizadas em obras mais abrangentes. Outra diferença importante está no acesso aos objetos, pois mesmo que restaurados, nem todos conjuntos estão disponíveis para serem consultados ou fotografados.

A seguir, os túmulos selecionados, os principais materiais disponíveis e os desafios encontrados (os detalhes de cada um encontram-se sistematizados na tabela subsequente):

- Sepultura 12 de “La Tuilerie” (Saint-Dizier, França):

O túmulo foi descoberto em conjunto com outros quatro (dois homens e um cavalo) durante uma operação preventiva em dezembro de 2001. As escavações prosseguiram até fevereiro de 2002. Os objetos foram expostos no Musée de Saint-Dizier, onde permanecem até hoje na exposição “Nos ancêtres les barbares”. A descoberta e a abertura desta parte do museu, exclusiva para os três túmulos, levaram à publicação do catálogo *Nos ancêtres les barbares* (2008), dirigida por Cécile Varéon. O relatório da escavação foi publicado em 2009 sob a direção de Marie-Cécile Truc, que gentilmente me enviou os quatro volumes. Em 2019, uma importante obra foi publicada sob a direção da mesma autora, com informações mais atualizadas e estudos mais aprofundados. O interesse arqueológico da região também influenciou a preservação do espaço sepulcral vizinho, “Les Crassées”, e o investimento

municipal no estabelecimento de um programa anual de escavações. Os objetos foram analisados e fotografados pessoalmente e pude contar também com as fotografias enviadas por Clément Michon, curador do museu.

- Sepultura 146 de Bossut-Gottechain (Grez-Doiceau, Bélgica):

A necrópole de Bossut-Gottechain foi descoberta em 2002 durante uma operação preventiva e continuou sendo escavada intermitentemente até 2006. 436 túmulos puderam ser encontrados, enterrados em um intervalo de 180 anos. Os principais trabalhos disponíveis são os artigos publicados, na maioria sob a autoria ou direção de Olivier Vrielynck. É possível encontrar mais informações sobre itens específicos do túmulo 146 a partir de referências esparsas (por exemplo, menções a seu caixão ou às miçangas de seu colar em obras mais abrangentes). Nenhum estudo completo sobre seu mobiliário foi ainda realizado, o que dificultou o acesso a informações mais detalhadas. Os objetos foram restaurados e estão sob a tutela do Centre de Conservation et d'Étude de l'Agence Wallonne du Patrimoine (Namur, Bélgica). Foi possível consultá-los e fotografá-los pessoalmente e pude contar com as imagens e os planos da sepultura enviadas por Olivier Vrielynck.

- Sepultura B808 da Catedral de Colônia (Colônia, Alemanha):

A sepultura B808 foi descoberta em conjunto com a sepultura B809, no ano de 1959, durante as reformas no coro da Catedral de Colônia. Elas foram escavadas por Otto Doppelfeld, que publicou uma série de notícias sobre a investigação. Sebastien Ristow publicou alguns artigos sobre os túmulos e sobre o edifício antigo da Catedral, mas seu texto mais aprofundado está no catálogo *Königinnen Der Merowinger* (2013), dirigido por Patrick Périn e Egon Wamers. Análises pontuais foram realizadas no bracelete e nos remanescentes humanos na década de 2000 e o túmulo é frequentemente citado por trabalhos mais abrangentes sobre as práticas funerárias do período merovíngio. Contudo, as informações aprofundadas disponíveis são limitadas. Os objetos foram restaurados e estão expostos no Domschatzkammer da Catedral de Colônia, mas não é possível consultá-los. A análise do túmulo foi feita a partir das fotografias enviadas pelo arquivo da catedral, pelas imagens no catálogo *Königinnen Der Merowinger* e pelas descrições na bibliografia.

- Sepultura 49 da Basílica de Saint-Denis (Saint-Denis, França):

O túmulo do qual possuímos mais informações é o 49, encontrado na cripta da Basílica de Saint-Denis por Michel Fleury, em 1959. Ao todo, 48 sepulturas foram escavadas pelo arqueólogo neste espaço. Além dos artigos e dos catálogos publicados por Fleury e por outros especialistas responsáveis pelas primeiras análises, o túmulo compôs o *corpus* selecionado para um programa de pesquisa interdisciplinar, iniciado em 2003 e coordenado pelo Musée d'Archéologie Nationale e pelo Centre de Recherche et Restauration des Musées de France (C2RMF). Esse projeto teve muitas frentes e ampliou consideravelmente nosso entendimento sobre os remanescentes humanos, os vestígios têxteis e os objetos no interior do sarcófago 49. A inumada é o centro de muitos textos publicados por Patrick Périn, inclusive no *Königinnen Der Merowinger*. Os objetos estão atualmente expostos no Musée d'Archéologie Nationale (Saint-Germain-en-Laye, França), mas não puderam ser consultados dado a interdição da sala de exposições para a realização de reformas. Eu utilizei as fotografias das publicações e suas descrições e pude contar com as fotografias enviadas por Fanny Hamonic, curadora da coleção altomedieval do museu.

Graças às semelhanças de certos objetos, sobre os quais não possuímos muitas informações, com outros itens do *corpus* e com outros conjuntos funerários do mesmo contexto, foi possível inferir algumas características na tentativa de preencher lacunas de maneira cautelosa e de formular hipóteses. Todo material textual mencionado está referenciado na seção Fontes das Referências Bibliográficas.

A tabela a seguir apresenta de maneira sucinta os dados de cada conjunto:

	Sepultura 12	Sepultura 146	Sepultura B808	Sepultura 49
<b>Informações gerais</b>				
Sítio	La Tuilerie	Bossut-Gottechaim	Atual: Catedral de Colônia Contemporâneo: edifício construído no século VI, sem consenso sobre sua função	Atual: Basílica de Saint-Denis Contemporâneo: possível capela construída pela Santa Genoveva em homenagem a São Dinis
Cidade atual	Saint-Dizier	Grez-Doiceau	Colônia	Saint-Denis
Descoberta	2002	2002-2006	1959	1959

Acessibilidade do mobiliário	Objetos estão expostos em museu; foi possível analisá-los e fotografá-los pessoalmente	Objetos estão preservados em acervo; foi possível analisá-los e fotografá-los pessoalmente	Objetos estão expostos em museu, mas o acesso a eles é interdito; análise foi feita a partir de fotografias enviadas pela equipe do Dombauarchiv	Objetos estão expostos em museu; análise foi feita a partir de fotografias enviadas pela curadora do museu devido ao fechamento da sala de exposição para reformas
<b>Informações sobre as sepulturas</b>				
Datação	c. 520-530	c. 550	537 ± 10	571-582 ou 580-600
Espaço do sepultamento e estruturas tumulares	Caixão de madeira não preservado	Caixão de madeira não preservado	Câmara funerária não acessível e caixão de madeira não preservado	Cripta e sarcófago de calcário preservados e acessíveis
Localização	Agrupada a duas sepulturas de homens (cerca de 30 cm de distância entre as fossas) e de um cavalo (cerca de 5 m de distância entre sua fossa e a dos demais)	Agrupada a uma sepultura, provavelmente masculina (identificada pelo mobiliário e pela câmara funerária), dentro de uma necrópole utilizada do século V ao século VII	A leste da inumação, uma câmara funerária com um menino de cinco anos dentro de um caixão	No subsolo da suposta capela construída em homenagem a São Dinis de Paris, com 48 sarcófagos do período merovíngio
Paisagem	Agrupamento próximo das ruínas de uma <i>villa</i> , possivelmente abandonada no século V. Próximo à necrópole (“Les Crassés”) ligeiramente posterior e a 200 m de distância, e de	Necrópole próxima das ruínas de uma <i>villa</i> , possivelmente abandonada no século III; estruturas da Idade do Ferro (não é certo se eram aparentes no momento da	Edifício localizado <i>intra muros</i> , diferente das demais necrópoles da região. Próximo a centros de produção de vidro e de mercados e, possivelmente, próximo do <i>praetorium</i>	Necrópoles galo-romana e contemporânea fora do edifício; igrejas em homenagem aos santos Bartolomeu e Pedro



	dois habitats ocupados do século VIII até o século XII	fundação da necrópole)		
Mobiliário	116 itens no interior da fossa	104 itens no interior da fossa	100 itens no interior da câmara funerária	18 itens no interior do sarcófago
Idade da inumada	16 a 19 anos	“Jovem” <sup>192</sup>	c. 28 anos	60 anos (± 3 anos)
<b>Demais observações</b>				
			Por mais que sua identificação como a rainha Visegarda (esposa de Teodeberto) seja rara, a denominação “princesa” é recorrente nos trabalhos. Essa identificação não será utilizada aqui, mas discutiremos as evidências do suposto estatuto real	Autores a identificaram a rainha Aregonda (esposa de Clotário I); essa identificação não será utilizada aqui, mas discutiremos as evidências do suposto estatuto real

**Tabela 1** Síntese das sepulturas do *corpus*

A análise dos vestígios funerários precisa ser realizada em várias escalas e qualquer divisão pode ser prejudicial para o entendimento do conjunto. Por mais que dividir os objetos por materiais, por sua função ou por grandes categorias (*e.g.* joias, moedas, armas) seja uma solução prática e ajude na catalogação, é preciso considerar que esses itens estão inseridos em um contexto específico, que os embute de novos valores, e onde eles operam em conjunto<sup>193</sup>.

<sup>192</sup> Até o momento, o estudo biológico dos remanescentes humanos da sepultura 146 não foi feito, mas os autores a classificam como “*jeune*” nos trabalhos publicados. Essa denominação nos dá uma baliza etária larga, provavelmente entre a idade da menarca e da menopausa da inumada.

<sup>193</sup> VERHAEGHE, Frans. Objets, mobiliers, artefacts, matériel, portables et culture matérielle: quelques réflexions en guise d’introduction. In: HENIGFELD, Yves; HUSI, Philippe; RAVOIRE, Fabienne (Orgs.). **L’objet au Moyen Âge et à l’époque moderne**. Fabriquer, échanger, consommer et recycler: actes du XIe congrès international de la Société d’archéologie médiévale, moderne et contemporaine (Bayeux, 28-30 mai 2015), Caen:

No entanto, precisei dividir os materiais para facilitar a análise e organizar sua exposição. A divisão em três tópicos foi baseada no que chamo de três níveis da memória, ou seja, baseada nos recursos e discursos diferentes que foram mobilizados para construí-la. O primeiro nível é aquele que fica acima do solo: as estruturas funerárias e sua relação com as paisagens que as cercam. A meu ver, os recursos dispensados para a construção da memória familiar são aqueles direcionados a uma audiência mais ampla e intergeracional, e que transmitem mensagens mais ligadas ao território e que consideram suas características (por exemplo, fronteiras, rios, ruínas e edificações importantes). Embora relacionados, os recursos utilizados não parecem tão ligados aos atributos específicos das inumadas quanto aqueles empregados nas deposições, possivelmente por visarem um discurso mais amplo sobre a presença de um grupo em um lugar.

O segundo e o terceiro nível são aqueles vistos durante as cerimônias funerárias e que ficaram apenas na memória daqueles que dela participaram (ou que sobre ela escutaram). Nesses dois tópicos, a artificialidade da separação fica mais aparente, pois os objetos categorizados aqui como pertencentes a um nível, aparecem em outro no túmulo seguinte. Contudo, é possível perceber tendências em cada divisão e as exceções podem, na verdade, nos lembrar que todos os elementos empregados em uma cerimônia estão relacionados entre si.

O segundo nível é aquele dos objetos muito provavelmente depositados após fechado o caixão ou sarcófago. Em sua maioria, são os recipientes e as moedas. Esses itens aparentam ser aqueles mais relacionados à transição das inumadas de indivíduos vivos para o além, como se fossem os últimos presentes a serem dados a elas. Eles podem também ter carregado mensagens relacionadas a identidades comunitárias e não tão específicas do gênero feminino. Já o terceiro nível é aquele dos objetos expostos nos corpos das inumadas: as vestimentas e seus adereços e os adornos de corpo. Esse nível é aquele que mais está relacionado às relações generificadas que constroem os atributos femininos de cada uma. Parece-me também o nível mais impactado pelas identidades das inumadas em vida, interpretadas por aqueles que montaram a cena e por aqueles que eventualmente depositaram certos objetos durante a cerimônia.

A divisão dos tópicos também se mostrou proveitosa para a discussão de temáticas abrangentes, mas relacionadas aos materiais do *corpus*. Não foi meu objetivo discutir profundamente cada um dos itens depositados nas sepulturas. Extensas monografias

---

Publications du CRAHM, 2020, p. 16; GODELIER, Maurice. **En el fundamento de las sociedades humanas...** *Op. cit.*, p. 90.

concentraram-se em tipos específicos de objetos e, sendo impossível citar todas, reuni aquelas com as quais tive contato durante a escrita nas Referências Bibliográficas. Nenhum estudo próprio foi feito a partir dos esqueletos; todas as informações presentes, especialmente a referente ao sexo feminino estimado e lhes atribuído, foram retiradas de análises anteriores, referenciadas em Fontes.

### **b. Construir as paisagens funerárias: a topografia e os monumentos funerários**

Discussões recentes sobre a relação entre os indivíduos e o ambiente em que estão inseridos foram essenciais para o amadurecimento teórico da chamada Arqueologia da Paisagem. Anteriormente vista como um pano de fundo passivo ou, no lado oposto, como a maior força de determinação cultural, a paisagem é doravante vista como uma construção dinâmica de um mundo a partir de atividades cotidianas, de crenças e de valores. Ela engloba então todo tipo de edificação, vias de passagem e fronteiras. Uma vez estruturados, os ambientes são capazes de facilitar ou de inibir comportamentos, incluir ou excluir grupos sociais. Dessa forma, o jogo entre ambiente construído e as pessoas que o produziram revela os pressupostos que entraram em ação ao longo da produção de determinado espaço, materializando os traços organizacionais de uma sociedade, assim como os seus aspectos cognitivos<sup>194</sup>.

Mesmo que empregando um vocabulário diferente daquele comunicado pelos depósitos funerários, a localização e a marcação do túmulo também são frutos das interações entre pessoa inumada, seus descendentes e a comunidade envolvente dentro do processo de construção da memória na paisagem. Por sua vez, da mesma maneira que os bens não são um reflexo dos indivíduos, o simbolismo espacial dos espaços sepulcrais não é reflexo direto da organização hierárquica da sociedade. Eles foram produtos de escolhas conscientes existentes dentro de fronteiras sociais<sup>195</sup>.

---

<sup>194</sup> KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. **Arqueologia da Paisagem**. Labeca - MAE/USP [revisão LABECA], p. 1–21, 2014. [http://labeca.mae.usp.br/media/filer\\_public/2014/07/16/kormikiari\\_arqueologia\\_paisagem.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/filer_public/2014/07/16/kormikiari_arqueologia_paisagem.pdf) (consultado em 23/11/2021)

<sup>195</sup> EFFROS, Bonnie. **Merovingian Mortuary Archaeology...** *Op. cit.*, 176.

A Gália conheceu uma variedade de espaços funerários, especialmente entre os séculos V e VI<sup>196</sup>. Os mais frequentemente encontrados são as necrópoles a céu aberto (*Reihengräberfelder*) e as inumações no interior ou próximas de igrejas (de diferentes tamanhos e estatutos). Outros espaços e marcações também são conhecidas, como os *tumuli* e outras estruturas de madeira sob o solo, as inumações próximas a ruínas romanas e monumentos megalíticos, e os sepultamentos no interior dos habitats. Monumentos epigráficos, mais presentes no Sul, também aparecem em contextos funerários no Norte<sup>197</sup>, assim como a prática de cremação, mais comum em territórios fora do antigo *limes* romano<sup>198</sup>. Essa pluralidade de espaços e monumentos é provavelmente o fruto da sobrevivência do costume romano, que legava a gestão dos funerais às famílias dos mortos. Essa concepção gradualmente muda no período carolíngio, com um maior interesse por parte dos clérigos em controlar e padronizar as cerimônias funerárias e as práticas de rememoração<sup>199</sup>.

Duas das sepulturas escolhidas foram colocadas em agrupamentos aparentemente delimitados. A sepultura 12 de Saint-Dizier foi encontrada em um agrupamento isolado de quatro sepulturas, em uma zona arqueologicamente virgem; a 146 de Grez-Doiceau foi encontrada com uma inumação, em um agrupamento separado, mas pertencente a uma necrópole já existente. Tanto a sepultura 49 de Saint-Denis quanto a B808 de Colônia foram colocadas no subsolo de edifícios já existentes: a primeira foi encontrada na suposta capela construída pela Santa Genoveva em homenagem ao São Dinis de Paris (hoje cripta da Basílica de Saint-Denis)<sup>200</sup>; a segunda foi encontrada em uma estrutura construída no século V e expandida no século VI, mas a função religiosa do edifício é contestada pelos arqueólogos<sup>201</sup>. Ambos espaços já possuíam inumações prévias às inumadas em questão.

As análises de ADN feitas com os remanescentes humanos de cada necrópole não conseguiram identificar nenhum traço de parentesco biológico entre as inumadas de Saint-Dizier, Grez-Doiceau e Colônia com os demais indivíduos próximos, mas os sepultamentos

---

<sup>196</sup> CARTRON, Isabelle. Quelques réflexions sur les sépultures en milieu rural en Gaule : pratiques funéraires et organisation des nécropoles. In: GAILLARD, Michèle (Org.). **L’empreinte chrétienne en Gaule du IVe au IXe siècle**. Turnhout: Brepols, 2014, p. 491–509.

<sup>197</sup> EFFROS, Bonnie. Grave Markers as Memoria. *Op. cit.*, p. 79–138.

<sup>198</sup> CARTRON, Isabelle. Quelques réflexions sur les sépultures en milieu rural en Gaule... *Op. cit.*, p. 497.

<sup>199</sup> LAUWERS, Michel. **O nascimento do cemitério**. Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval. Campinas: Editora da Unicamp, 2015, p. 38-40.

<sup>200</sup> BROWN, Elizabeth A. R.; SAUVAGEOT, Claude. **Saint-Denis**. La basilique. Saint-Léger-Vauban: Zodiaque, 2001, p. 42-43; p. 52.

<sup>201</sup> FARMER, Thomas R. **The Transformation of Cologne**: From a Late Roman to an Early Medieval City. Ann Harbor: ProQuest/ UMI, 2012, p. 136.

dentro de cada agrupamento parecem ser simultâneos ou muito próximos temporalmente. A exceção é a sepultura 49 de Saint-Denis, que possuía laços biológicos com seis dos doze inumados a seu redor. É tentador afirmar haver uma distribuição familiar dos sarcófagos na cripta, mas, dado que apenas 13 dos 49 inumados possuíam graus de conservação suficiente para análises desse tipo, a hipótese não pode ser desenvolvida<sup>202</sup>.

O agrupamento de “La Tuilerie”, de Saint-Dizier, é composto por três sepulturas humanas (com uma distância média de 30 centímetros entre as fossas) e uma sepultura de um cavalo (com uma distância de aproximadamente 5 metros das demais) (fig. 3.2.1). Os indivíduos das sepulturas 11 e 13 foram identificados como homens de cerca de 30 e 50 anos, respectivamente. A inumada da sepultura 12 foi identificada como uma mulher de 17 a 19 anos de idade<sup>203</sup>. Os dois homens foram colocados em caixões feitos de carvalho dentro de uma câmara funerária (tipo Morken) e a mulher foi colocada em um caixão do mesmo material, mas depositado diretamente na terra. Os três foram inumados com um grande número de objetos, como variados tipos de armamentos para os homens e diferentes adornos para a mulher. Louça de materiais diversos foi encontrada nas três sepulturas.

A região da atual cidade de Saint-Dizier foi ocupada desde a Idade do Bronze Final, como mostram os vestígios de aglomerações difusas de habitats. Esse padrão esparsa de ocupações parece continuar até o século XII, momento da fundação de uma fortificação na atual cidade de Saint-Dizier<sup>204</sup>. A época arqueologicamente melhor documentada, em número de vestígios e em densidade, é a Alta Idade Média: além de “La Tuilerie”, dois habitats (“La Marina” e “Le Chêne Saint-Amand” – séculos VIII-XII) foram escavados<sup>205</sup>, assim como a necrópole “Les Crassés” (final do século VI)<sup>206</sup>. Todos os vestígios anteriores ao século XII se encontram no lado sul do vale do rio Marne<sup>207</sup> (fig. 3.2.2).

---

<sup>202</sup> PÉRIN, Patrick. Les tombes mérovingiennes de la basilique de Saint-Denis: Nouvelles recherches interdisciplinaires. In: FRIESINGER, Herwig; VON FREEDEN, Uta; WAMERS, Egon (Orgs.). **Glaube, Kult und Herrschaft: Phänomene des Religiösen im 1. Jahrtausend n. Chr. in Mittel- und Nordeuropa.** Akten des 59. Internationalen Sachsensymposiums und der Grundprobleme der frühgeschichtlichen Entwicklung im Mitteldonauraum. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH, 2009, p. 173–174.

<sup>203</sup> TRUC, Marie-Cécile. **Sépultures aristocratiques et habitat du haut Moyen Âge.** Volume 1: le texte. Rapport de fouille archéologique préventive. Châlons-en-Champagne: Inrap, 2009, p. 57-60.

<sup>204</sup> *Ibid.*, p. 24-26.

<sup>205</sup> TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne): trois sépultures d’élite du VIe siècle.** Caen: Presses universitaires de Caen, 2019, p. 31-34.

<sup>206</sup> DESBROSSE-DEGOBERTIÈRE, Stéphanie; DUROST, Raphaël. **Saint-Dizier “Les Crassés” (Haute-Marne).** L’établissement rural antique; L’occupation funéraire. Rapport de fouille programmée. Bilan du deuxième programme triennal. Châlons-en-Champagne: Inrap, 2019, p. 14-15.

<sup>207</sup> FROUIN, Milena. Contexte géographique et géologique. In: TRUC, Marina-Cécile (Org.). Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)... *Op. cit.*, p. 21.

A presença de elementos mais frequentes na Gália setentrional – como as câmaras Morken, as espadas com pomos para anéis e o enterramento do cavalo – levou os arqueólogos a classificar os homens de “La Tuilerie” como enviados de Clóvis ou de seus descendentes para controlar a região. Seus sepultamentos seriam então evidências da expansão franca na Gália, controlada pelos reis merovíngios<sup>208</sup>. No capítulo 1, propus argumentos contra essas leituras do registro funerário como representações diretas do estatuto dos indivíduos, especialmente quando atrelados a uma identidade franca. Acrescento-lhes o fato de que a ideia da migração como o único fator explicativo para mudanças nas práticas funerárias já é rebatida de maneira sistemática desde o movimento pós-processualista na Arqueologia<sup>209</sup>.

De fato, a região de Saint-Dizier parece ser estrategicamente importante: próxima da fronteira com o Reino dos Burgúndios (anexado em 534) e da fortaleza em Vitry-en-Perthois (cerca de 30 km do centro atual de Saint-Dizier), construída no início século VI para controlar o rio Saulx; eixo de *transloading/rupture de charge*<sup>210</sup> do rio Marne; e próxima de vias romanas que continuavam a ser mantidas, pelo menos até o final do século VII<sup>211</sup>. Arqueólogos sugerem também que a atividade metalúrgica identificada a 700 m sudoeste de “La Tuilerie” e datada dos séculos VIII a IX pode ter se iniciado séculos antes (figs. 3.2.2; 3.2.3 e 3.2.4)<sup>212</sup>. Essas características apontam para a existência de um considerável fluxo de pessoas e de mercadorias, e podem ser indicativas da proeminência da posição de controle da região em círculos sociais diversos.

Não nego então a possibilidade dos homens de “La Tuilerie” terem ocupado cargos importantes em nome do rei merovíngio, mas critico os apontamentos que definem os depósitos como “francos” e que excluem da análise outros fatores que teriam levado à ostentação funerária. Se considerarmos que mais recursos foram gastos no sepultamento do homem mais

---

<sup>208</sup> TRUC, Marie-Cécile, Probable Frankish burials of the sixth century AD at Saint-Dizier (Haute-Marne, Champagne-Ardenne, France). In: ANNAERT, Rica; DE GROOTE, Koen; HOLLEVOET, Yann; THEUWS, Frans; TYS, Dries; VERSLYPE, Laurent (Orgs.). **The very beginning of Europe?** Cultural and Social Dimensions of Early-Medieval Migration and Colonisation (5th-8th century). Bruxelas: Flanders Heritage Agency, 2012, p. 60; 62.

<sup>209</sup> HODDER, Ian, **Theory and Practice in Archaeology**, Nova York: Routledge, 1995; HÄRKE, Heinrich, Archaeologists and migrations. A problem of attitude? In: NOBLE, Thomas F. X. (Org.). **From Roman provinces to Medieval kingdoms**. Rewriting histories, Nova York: Routledge, 2006, p. 262–276.

<sup>210</sup> *Transloading* ou *rupture de charge* é o processo de transferir carga de um meio de transporte a outro. Nesse caso, a região de Saint-Dizier seria o ponto onde a carga vinda de barco precisaria ser transportada por vias terrestres caso tivesse por objetivo seguir a norte.

<sup>211</sup> ROMS, Cédric. Le Perthois dans le monde mérovingien: une zone frontalière et royale. In: TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 24-26.

<sup>212</sup> TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 28.

novo, é possível retomar a hipótese da competição como um fator relevante nas práticas funerárias<sup>213</sup>. Sua morte pode ter deixado mais incerta a posição de seus familiares dentro da comunidade, mas especialmente a de seus herdeiros, provavelmente ainda muito jovens. Os depósitos podem ter sido utilizados para evidenciar o prestígio do inumado e, conseqüentemente, o de sua família, como parte do que a historiografia alemã chama de *Herrschaftsansprüche* (traduzível como “reivindicações do poder”). A mesma lógica pode ser aplicada à sepultura 12: a morte de uma jovem pode ter abalado alianças de casamento recém-estabelecidas, levando os responsáveis a enfatizar os elementos materiais que simbolizavam a ligação entre os dois grupos.

A competição sozinha não é uma explicação suficiente para as deposições, especialmente se considerarmos a inumação repleta de objetos do homem mais velho. A quantidade menor, se comparada com o homem mais novo, pode ter sido causada pela transmissão de suas armas para os membros mais novos de seu grupo. Além do mais, a suposta inserção da região em rotas comerciais e a sua importância militar podem ter atraído um grande número de participantes para os funerais, o que pode ter levado a mais doações de objetos aos três indivíduos e a maiores banquetes funerários.

Os arqueólogos responsáveis pela escavação apontam para a possível existência de um *tumulus* que cercaria os três sepultamentos. Esses montes artificiais, além de servirem para a ostentação funerária, marcavam de maneira permanente a paisagem da região em que eram construídos. Através deles, os grupos marcavam a memória de seus antepassados naquela localidade por muitas gerações, podendo se tornar um polo funerário atrativo mesmo para aqueles que não possuíssem um laço próximo de parentesco<sup>214</sup>. Outro benefício dos *tumuli* é que podem ser mais efetivos na proteção contra pilhagens, como sugere o menor número de evidências de perturbações em túmulos que estavam enterrados debaixo de algum tipo de monumento. Dois fatores podem ser sua maior visibilidade na paisagem da comunidade e sua utilização como ponto de reunião, tornando a prática mais difícil de ser escondida. As necrópoles a céu aberto são grandes alvos para pilhagens, sendo sua grande maioria

---

<sup>213</sup> Guy Halsall é um dos principais autores que argumenta a favor da competição como catalisadora das práticas funerárias. Uma discussão aprofundada de suas hipóteses pode ser conferida em HALSALL, Guy. **Cemeteries and Society in Merovingian Gaul...** *Op. cit.*

<sup>214</sup> BILLOIN, David. Pouvoir et monuments tumulaires: l'exemple de la nécropole mérovingienne d'Hégenheim (Haut-Rhin). In: ALDUC-LE-BAGOUSSE, Armelle (Org.). **Inhumations de prestige ou prestige de l'inhumation?** Expressions du pouvoir dans l'au-delà (IVe-XVe siècle). Caen: Publications du CRAHM, 2009, p. 112.

contemporânea às inumações (como parece ser o caso da necrópole de Bossut-Gottechain), quando as demarcações ainda estariam visíveis e quando os ladrões saberiam quais sepulturas eram as mais interessantes<sup>215</sup>.

Não foi encontrada nenhuma evidência material de um *tumulus* em Saint-Dizier, mas é possível levantar hipóteses a partir das evidências presentes. A primeira é o vazio entre “La Tuilerie” e “Les Crassées”, que pode indicar a presença de um monumento como esse, que teria marcado a localização das três sepulturas e que teria sido respeitado pelas fundações posteriores. A segunda diz respeito à proximidade dos três inumados (indicativa da simultaneidade dos enterramentos), que pode revelar a existência de um monumento único que os englobaria. A terceira se baseia em outros exemplos de *tumuli* com cavalos enterrados nas suas bordas exteriores, como os encontrados em Tournai (Bélgica) e Beckum (Alemanha). Por fim, a quarta está relacionada à proximidade do Reino dos Burgúndios, visto que os *tumuli* também foram construídos como meios de marcar as fronteiras<sup>216</sup>. No caso de “La Tuilerie”, caso houvesse um *tumulus*, ele poderia ter sido visto do rio, dada a posição elevada do terreno. “La Tuilerie” também pode ter atraído os indivíduos de “Les Crassées” para se inumarem em sua proximidade. A escolha de criar um espaço funerário tão perto pode ser indicativa de uma vontade da comunidade de reconhecer o caráter excepcional de seus antepassados imediatos, mas mesmo assim de relacionar espacialmente a memória de seus mortos a eles.

A sepultura 146 de Bossut-Gottechain também se encontrava em um agrupamento separado das demais sepulturas do período, mas nenhuma evidência aponta para a existência de um monumento funerário. A necrópole possui 436 túmulos<sup>217</sup> e nenhum assentamento associado a ela foi encontrado; a única evidência de ocupação do período merovíngio no território da atual comuna é um pedaço de cerâmica encontrado no centro da cidade de Grez, a cerca de 1700 metros da necrópole<sup>218</sup>. Alguns sítios de *habitats* galo-romanos são conhecidos

---

<sup>215</sup> NAUMANN-STECKNER, Friederike. Death on the Rhine. Changing burial customs in Cologne, 3rd-7th century. In: WEBSTER, Leslie; BROWN, Michelle (Orgs.), **The Transformation of the Roman World (AD 400-900)**. Berkeley: University of California Press, 1997, p. 143–179.

<sup>216</sup> TRUC, Marie-Cécile. Y avait-il une signalisation en surface ? In: TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 88.

<sup>217</sup> Segundo os arqueólogos, ela foi escavada em sua totalidade.

<sup>218</sup> VRIELYNCK, Olivier. The Merovingian cemetery of Bossut-Gottechain (Grez-Doiceau, Belgium). In: **Transformations in North-Western Europe (AD 300-1000):** Proceedings of the 60th Sachsensymposium, 19.-23. September 2009 Maastricht Volume 3 de Neue Studien zur Sachsenforschung, Stuttgart: Konrad Theiss Verlag, 2011, p. 259.



no território, sendo o mais próximo localizado a menos de 500 metros da necrópole, no fundo do vale do riacho de Lambais, e ocupado dos séculos I ao III<sup>219</sup>.

Abaixo da necrópole, foram encontrados vestígios da Idade do Ferro de uma grande fossa (cerca de 40 m) com múltiplas entradas, e de três fossas menores, das quais uma é um silo. Contudo, enquanto a reutilização de objetos galo-romanos nas sepulturas é recorrente (fivelas, miçangas e pedaços de cerâmicas foram transformados em diferentes tipos de ornamentos), os fragmentos dessas estruturas nos túmulos mais antigos são residuais e não foi possível encontrar nenhuma evidência que apontasse para o conhecimento delas pela população que fundou o espaço funerário (fig. 3.2.5)<sup>220</sup>.

A necrópole foi utilizada por cerca de 180 anos, desde o último quarto do século V. As orientações irregulares das sepulturas (norte-sul, leste-oeste) na primeira fase de ocupação indicam a coexistência de práticas ou crenças da população inumada<sup>221</sup>. Os dois túmulos isolados dessa fase (146 e 250) estão a leste dos demais e são presumidamente os mais elaborados da necrópole: o 146 foi considerado o mais rico já encontrado na Bélgica (após o suposto túmulo de Childerico, em Tournai); o 250, mesmo que pilhado, pode ter possuído uma quantidade similar de objetos prestigiosos. Essa hipótese é baseada apenas na presença da câmara Morken e nas evidências de um grande monumento de madeira acima do solo. Esses elementos podem indicar que a pessoa inumada era do sexo masculino, mas o seu esqueleto foi completamente decomposto. A retirada dos objetos parece ter ocorrido ainda no período merovíngio e apenas um chifre de beber feito de vidro foi encontrado em seu interior<sup>222</sup>.

Ambas as sepulturas discutidas até aqui parecem seguir a constatação de que não houve no Norte da Gália nenhum “túmulo fundador” feminino isolado e sozinho embaixo de estruturas funerárias. Outros exemplos de mulheres encontradas em contextos semelhantes aos descritos estão associadas a túmulos de homens<sup>223</sup>. É possível que essa tendência esteja relacionada ao fato das mulheres, privadas na maior parte das situações de assumir posições de poder, não terem suas funções ligadas ao território. Mesmo que elas pudessem usufruir da exploração fundiária e até da coleta de impostos (como parece ter sido o direito de Galsuinta ao ganhar

---

<sup>219</sup> VRIELYNCK, Olivier; VANMECHELEN, Raphaël. Bossut-Gottechain et Haillot (Belgique): deux cimetières mérovingiens, deux expressions de la sépulture privilégiée. In: ALDUC-LE-BAGOUSSE, Armelle (Org.), **Inhumations de prestige ou prestige de l'inhumation?...** *Op. cit.*, p. 26-27.

<sup>220</sup> VRIELYNCK, Olivier. The Merovingian cemetery of Bossut-Gottechain... *Op. cit.*, p. 259-260.

<sup>221</sup> *Ibid.*, p. 260.

<sup>222</sup> *Ibid.*, p. 264.

<sup>223</sup> NISSEN JAUBERT, Anne. La femme riche... *Op. cit.*, p. 322-323.

idades como parte do contradote), sua memória não seria um atributo suficiente para despender recursos na construção de um monumento funerário exclusivo que marcasse a paisagem do local. As mulheres que ocuparam posições de comando, como as rainhas e as abadessas, não tirariam sua autoridade de um controle territorial – além de possivelmente terem acesso a locais mais privilegiados de enterramento *ad sanctos*.

Contudo, o fato delas terem sido enterradas nesses agrupamentos separados e não em conjunto com as demais sepulturas indica uma intencionalidade de ligá-las à memória desses homens e um reconhecimento comunitário dessa distinção. No caso de Saint-Dizier, por se tratar de um espaço vazio e exclusivo, é possível imaginar que a família da jovem buscou demonstrar uma posição importante na região, mesmo que não fosse diretamente administrativa e que fosse dependente das figuras masculinas. Em Grez-Doiceau, as evidências não parecem apontar para gestos preocupados com um discurso de controle do território e nem com uma memória que perdurasse por gerações, mas com a distinção de pequenos núcleos (outras sepulturas isoladas foram identificadas em outras fases da necrópole), o que pode indicar a presença de grupos buscando seus espaços próprios dentro da comunidade sepulcral. A chave encontrada na sepultura 146 (fig. 3.2.6), por exemplo, alude ao papel de senhora da casa familiar.

Não é possível identificar os motivos por trás dos esforços de separação. Segundo Laurent Verslype, os marcadores monumentais e culturais, funerários ou não, não materializam apenas uma filiação do poder ou familiar: eles diferenciam assim os núcleos familiares, tanto no cemitério da comunidade quanto no habitat, em possíveis situações de competição ou mesmo de rejeição ideológica ou de oposição<sup>224</sup>.

As necrópoles de Saint-Dizier e de Grez-Doiceau também foram colocadas próximas a *villae* do Baixo Império. No primeiro caso, a *villa* parece ter sido abandonada no século IV e, posteriormente, foi reapropriada como espaço sepulcral para uma sepultura masculina da segunda metade do século VI<sup>225</sup>. No segundo caso, a *villa* parece ter sido abandonada no século

---

<sup>224</sup> VERSLYPE, Laurent. À la vie, à la mort. Considérations sur l'archéologie et l'histoire des espaces politiques, sociaux et familiaux mérovingien. In: NOËL, René; SOSSON, Jean-Pierre; PAQUAY, Isabelle (Orgs.). **Au-delà de l'écrit: les hommes et leurs vécus matériels au Moyen Âge à la lumière des sciences et des techniques.** Nouvelles perspectives. Actes du Colloque international de Marche-en-Famenne, 16-20 octobre 2002, Court-Saint-Étienne: Brepols, 2003, p. 427.

<sup>225</sup> DUROST, Raphaël. La villa antique des "Crassées". In: TRUC, Marie-Cécile (Org.), **Saint-Dizier "La Tuilerie" (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 31.

III<sup>226</sup>. Os arqueólogos acreditam que, no momento do estabelecimento das necrópoles, as ruínas dessas *villae* ainda estavam visíveis na paisagem. Como dito no Capítulo 1, outros exemplos como estes são conhecidos pela Gália e podem demonstrar uma tentativa de conectar os novos espaços de memória (e os indivíduos enterrados neles) com símbolos de autoridade imperial<sup>227</sup>. As abundantes reutilizações de artefatos do período romano como adornos encontradas na necrópole de Bossut-Gottechain podem evidenciar ainda mais a importância do referencial romano para os inumados.

A sepultura B808 foi colocada no interior da cidade de Colônia, no seu único complexo funerário *intra muros*. Os enterros em espaços urbanos ainda eram raros no século VI. A presença de relíquias e o crescimento do privilégio do sepultamento em comunidades religiosas levaram ao seu aumento no século IV, mas o estigma duradouro implicou no enterramento externo até dos indivíduos mais notáveis, como o da rainha Radegonda (m. 587), sepultada fora de seu monastério em Poitiers, para a grande tristeza das monjas enclausuradas que nunca puderam visitar seu túmulo. Outro exemplo vem do século VII, na hagiografia escrita por Jonas de Bobbio sobre Santo Vedasto (bispo de Arras, m. 650), que menciona a resistência do santo aos túmulos *intra muros* durante a sua vida<sup>228</sup>.

A localização da sepultura B808, associada com a grande quantidade de bens depositados (especialmente o bracelete de ouro), levou os arqueólogos a classificar o túmulo como principesco. Menos recorrentes, mas significativos, são os trabalhos que identificam a inumada com a rainha Visegarda, esposa de Teodeberto I e filha de Vacão (Waccho), rei dos lombardos<sup>229</sup>. Sua trajetória é brevemente narrada por Gregório de Tours, no Livro III dos *LHD*: o casamento arranjado por Teodorico I e Vacão; o longo noivado com Teodeberto, que, por se relacionar com uma galo-romana (Deuteria), recusava-se a casar com a princesa; o eventual casamento e, pouco tempo depois, a morte de Visegarda<sup>230</sup>.

As evidências apontadas, para além da riqueza, são a proximidade temporal da inumação com os eventos relatados de Gregório de Tours e as supostas características

---

<sup>226</sup> VRIELYNCK, Olivier; VANMECHELEN, Raphaël. Bossut-Gottechain et Haillot (Belgique)... *Op. cit.*, p. 27.

<sup>227</sup> BAYARD, Adrien, Matrona, socrus et mater familias... *Op. cit.*, p. 105.

<sup>228</sup> EFFROS, Bonnie. *Merovingian Mortuary Archaeology...* *Op. cit.*, p. 215–216.

<sup>229</sup> Uma publicação recente é PÉRIN, Patrick; WAMERS, Egon. Königinnen Der Merowinger. *Op. cit.*, 78-99.

<sup>230</sup> GREGÓRIO DE TOURS. *Gregorii episcopi Turonensis historiarum libri X*. KRUSCH, B.; LEVISON, W.; HOLTZMANN, W. (Eds.) *Monumenta Germaniae Historica*, Scriptorum Rerum Merovingicarum I (Hanover, 1937 – 1951), III, 27, p. 124.

lombardas de sua vestimenta<sup>231</sup>. Outro argumento é a importância da cidade na região, ainda que não tão significativa quanto Reims ou Metz, que justificaria a inumação de membros da família real. Relatos escritos descrevem a visita de Teodorico à cidade, que teria ficado na *aula regia* (traduzido frequentemente para “palácio real” e que, possivelmente, se refere ao antigo *praetorium*), assim como de Childeberto II, que a visitou duas vezes. Assembleias no final do século VI e fugas de reis no início do século VII também fazem parte dos relatos sobre a Colônia merovíngia<sup>232</sup>. Contudo, as evidências levantadas são insuficientes para identificar a inumada como Visegarda, especialmente aquelas baseadas na suposta origem dos objetos.

A sepultura foi encontrada em um edifício cujas primeiras estruturas são datadas do final do século IV ou início do século V, mas que foi provavelmente elaborada no momento de sua extensão, na primeira metade do século VI. Para Thomas Farmer, não é possível afirmar que o local já tenha sido considerado uma igreja no início do século VI. O provável é que tenha sido um espaço de reunião que se transformou em um espaço de memória com a implementação das sepulturas. Apenas na segunda metade do mesmo século, há um consenso sobre a função religiosa do edifício, com a construção de um ambo e de um batistério<sup>233</sup> (fig. 3.2.7). De todo modo, parece evidente a importância do local na cidade, visto que foi escolhido para receber a futura catedral.

Até o momento, cinco câmaras funerárias foram encontradas de maneira esparsa pelo edifício do século VI, sendo a B808 e a B809<sup>234</sup> as únicas que não foram saqueadas (fig. 3.2.8)<sup>235</sup>. A oeste, na entrada do complexo, a sepultura B1135 parece ser a mais antiga do conjunto. A leste, foram encontradas as câmaras B838, maior até o momento, e a B865. Todas aparentam pertencer ao mesmo nível stratigráfico e, salvo a B1135, foram “cavadas” logo

---

<sup>231</sup> KOCH, Ursula, *Die weibliche Elite im Merowingerreich...* *Op. cit.*, p. 37–58.

<sup>232</sup> FARMER, Thomas. **The Transformation of Cologne...** *Op. cit.*, p. 149. Para a descrição da ida de Teodorico I da Austrásia à cidade, *ibid.* p. 127-128; HUFFMAN, Joseph, *Rupture or Continuity?: Merovingian Cologne (A.D. 456-686)*. In: HUFFMAN, Joseph. **The Imperial City of Cologne**. From Roman Colony to Medieval Metropolis (19 B.C.–1125 A.D.). Amsterdã: Amsterdam University Press, 2018, p. 55

<sup>233</sup> FARMER, Thomas. **The Transformation of Cologne...** *Op. cit.*, p. 136-137; HUFFMAN, Joseph. *Rupture or Continuity?...* *Op. cit.*, p. 70.

<sup>234</sup> Túmulo de uma criança de cinco anos que continha armas (sendo a maioria adaptada para sua estatura), louça, moedas e vestígios têxteis. RISTOW, Sebastian. *Prunkgräber des 6. Jahrhunderts in einem Vorgängerbau des Kölner Domes*. In: PÉRIN, Patrick; WAMERS, Egon (Orgs.). **Königinnen Der Merowinger...** *Op. cit.*, p. 87.

<sup>235</sup> O B1135 foi saqueado, provavelmente durante a Idade Média. O B838 e o B865 parecem terem sido abertos e esvaziados no momento da construção da primeira catedral, no século IX. *Ibid.*, p. 94.

abaixo do piso B214<sup>236</sup>. Em algum momento do século VII, o chão foi nivelado (piso B244) e os túmulos foram cobertos<sup>237</sup>(fig. 3.2.9).

Todas as igrejas fundadas na Antiguidade Tardia e da Alta Idade Média em Colônia (Basílica de São Gereão, Basílica de São Severino, Basílica de São Cuniberto e Basílica de Santa Úrsula<sup>238</sup>) foram construídas em antigas necrópoles, com a função de servirem como igrejas cemiteriais protegidas por patronos considerados como os heróis da cristandade na cidade<sup>239</sup>. O cemitério do período romano ao longo da estrada até Bonna (atual Bonn) continuou a ser usado no período franco e as necrópoles a céu aberto, associadas a pequenos assentamentos, também são muito presentes em: Köln-Müngersdorf, Junkersdorf, Rodenkirchen, Godorf, Köln-Poll, Köln-Deutz e Porz (fig. 3.2.10)<sup>240</sup>. Contudo, como dito anteriormente, os túmulos na região da catedral foram os únicos encontrados *intra muros* (fig. 3.2.11). O edifício também estava próximo ao *praetorium*, que provavelmente ainda era utilizado pelos reis merovíngios em suas visitas, à maneira dos antigos imperadores romanos. O prédio parece ter sido nivelado apenas no século IX, após um terremoto na cidade que deixou rachaduras nas suas fundações<sup>241</sup>.

Por mais que seja impossível determinar a identidade dos inumados, o fato de terem sido colocados dentro das muralhas, em uma estrutura antiga (anterior ao controle dos francos<sup>242</sup>) e símbolo do poder político (possivelmente ainda em uso), atesta a influência que suas famílias exerciam. Além de ancorar a memória de seus antepassados na paisagem central da cidade e talvez de construir um discurso de continuidade política a partir da associação das sepulturas com marcos físicos da vida pública de Colônia, sua posição próxima ao Reno pode evidenciar a visibilidade desejada pelos organizadores, dado a centralidade da cidade ao longo de rotas de trocas e de comunicações<sup>243</sup>. Uma análise feita em 2005 revelou a presença de altas concentrações de chumbo e de molibdênio nos dois esqueletos dos túmulos B808 e B809, o que

---

<sup>236</sup> RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts... *Op. cit.*, p. 90-94.

<sup>237</sup> FARMER, Thomas. **The Transformation of Cologne...** *Op. cit.*, p. 177.

<sup>238</sup> A patrona da basílica é a Santa Úrsula desde o período carolíngio, mas sua denominação é incerta para os períodos anteriores. HUFFMAN, Joseph. Rupture or Continuity?... *Op. cit.*, p. 70.

<sup>239</sup> *Ibid.*, p. 71.

<sup>240</sup> NAUMANN-STECKNER, Friederike. Death on the Rhine... *Op. cit.*, p. 154-156.

<sup>241</sup> HINZEN, Klaus-G.; SCHÜTTE, Sven. Evidence for Earthquake Damage on Roman Buildings in Cologne, Germany, **Seismological Research Letter**, 74, 2, 2003, p. 138.

<sup>242</sup> A narrativa de uma tomada violenta da cidade pelos francos e de seu colapso subsequente é extremamente criticada pela historiografia recente. Descobertas arqueológicas continuam a mostrar que a vida urbana da cidade continuou durante a época franca com extensivos projetos de construção e produção (especialmente de itens de vidro) e comércio de longa distância. HUFFMAN, Joseph. Rupture or Continuity?... *Op. cit.*, p. 51.

<sup>243</sup> *Ibid.*, p. 53.

pode indicar a morte por envenenamento<sup>244</sup>. Esses dados colocam a questão dos possíveis conflitos existentes entre as elites e a necessidade das famílias dos inumados, especialmente após suas mortes, de marcar fisicamente sua posição na cidade. A diversidade de núcleos funerários pode evidenciar um poder mais polinuclear nos centros urbanos e a coexistência de grupos com crenças e práticas mais diversas. Ela também pode ser indicativa, de maneira mais marcada que em Bossut-Gottechain, de discursos de distinção, oposição e também de rejeição de certas tradições.

O último caso a ser discutido neste tópico é o sepultamento 49, na atual cripta da Basílica de Saint-Denis. A mulher inumada foi logo identificada como a rainha Aregonda, esposa de Clotário I e mãe de Chilperico I. Ela é mencionada apenas uma vez nas fontes escritas, no livro IV dos *LHD*: Ingonda (irmã de Aregonda e esposa atual do rei Clotário), pede ao marido que encontre um esposo afortunado e competente para sua irmã. O rei, cheio de desejo, vai então à *villa* onde Aregonda se encontrava e se casa com ela. Ao retornar, declara a Ingonda: “resolvi conceder a graça que me pediu. Procurando um homem rico e inteligente para casar com sua irmã, não encontrei ninguém melhor do que eu mesmo”<sup>245</sup>.

A base para sua identificação está no anel sinete encontrado dentro do sarcófago, com um monograma central e a inscrição A R N E G U N D I S (figs. 3.2.12 e 3.2.13). Outras evidências mobilizadas são a presença de tecidos excepcionais (especialmente de seda tingida de púrpura) e o local privilegiado do sepultamento. Não devemos, contudo, assumir uma ligação próxima entre a realeza e a basílica neste período, algo que se estreitaria só a partir da dinastia capetiana, mesmo com a presença de sepultamentos importantes do período franco, como o de Dagoberto I, de Carlos Martel e de Carlos o Calvo<sup>246</sup>.

O mobiliário do túmulo será discutido no último tópico deste capítulo, mas faz-se necessária a apresentação das críticas à identificação da inumada a partir de seu anel. A primeira é a grafia de Arnegundis, que é similar, mas não idêntica à Aregundis, como é escrito por Gregório de Tours. A segunda diz respeito à interpretação proposta do monograma, pois “REGINE” não é a única opção de leitura. Um exemplo foi a revisão do antes chamado de

---

<sup>244</sup> RISTOW, Sebastian, *Prunkgräber des 6. Jahrhunderts...* *Op. cit.*, p. 89.

<sup>245</sup> “Tractavi mercedem illam implere, quam me tua dulcitus expetiit. Et requirens virum divitem atque sapientem quem tuae sorori deberem adiungere, nihil melius quam me ipsum inveni”. GREGÓRIO DE TOURS. **Gregorii episcopi Turonensis historiarum libri X**. KRUSCH, B.; LEVISON, W.; HOLTZMANN, W. (Eds.) **Monumenta Germaniae Historica, Scriptores Rerum Merovingicarum**, t. I (Hanover, 1937 – 1951), IV, 3, p. 136-137.

<sup>246</sup> BROWN, Elizabeth; SAUVAGEOT, Claude. **Saint-Denis...** *Op. cit.*, p. 48.

“monograma de Radegonda”, agora identificado como “Gregoria”. Isabel Moreira também questiona o propósito de deixar o nome do portador legível, mas obscurecer sua posição social, especialmente no caso de uma mulher cujos status e autoridade eram tão estreitamente ligados aos de seu marido. Ademais, não é preciso procurar por rainhas para achar donas de anéis; a grande quantidade desses monogramas e de anéis sinetes, em uma variedade de metais e estilos, sugere que eles não eram confinados a reis e rainhas, nem a aristocratas galo-romanos e nem a bispos. Mulheres de diferentes status sociais podiam utilizá-los para sinalizar sua riqueza, sua posição, sua identidade e sua religião. O monograma podia também sinalizar o nome do grupo familiar ou mesmo o nome de seu marido<sup>247</sup>.

As escavações em Saint-Denis relevaram muitos vestígios do século IV, como os de edifícios de pedra, os de uma pequena exploração rural e os de uma necrópole, o que indica uma ocupação contínua da área (fig. 3.2.14). Acredita-se que o São Dinis, enviado à Gália para ser o primeiro bispo de Paris, foi enterrado no solo da posterior basílica, por volta de 250<sup>248</sup>. Entre 460 e 480, a primeira construção foi edificada e túmulos mobiliados foram colocados em seu interior<sup>249</sup>. Esse edifício pode ter sido aquele mencionado na *Vita sanctae Genovefae*, que relata a visita de Genoveva ao santuário e a edificação de uma capela maior a seu comando. Não é revelado as motivações de sua veneração pelo santo, mas o autor da *vita* afirma que se baseou em um escrito focado na carreira do papa Clemente, que teria enviado Dinis a Paris para evangelizar os Parisii<sup>250</sup>.

Para Claude Dubois e Michaël Wyss, essa “missão” seria uma invenção da época de Clóvis e Childeberto para justificar as pretensões políticas dos reis e a escolha de Paris como residência. Genoveva, como membro da elite parisiense, teria contribuído fundamentalmente ao desenvolver o culto do primeiro bispo da cidade<sup>251</sup>. A devoção ao santo e a importância do santuário tornaram-se consideráveis nos séculos VI e VII, não só atraindo fiéis, mas servindo

---

<sup>247</sup> MOREIRA, Isabel. Rings on Her Fingers. Merovingian Rings and Religion in Late Antiquity. In: ELLISON, Mark D.; GINES TAYLOR, Catherine; OSIEK, Carolyn (Orgs.). **Material Culture and Women's Religious Experience in Antiquity**. An Interdisciplinary Symposium. Londres: Lexington Books, 2021, p. 319–320.

<sup>248</sup> PÉRIN, Patrick. Un *mausoleum* du Bas-Empire? In: WYSS, Michaël (Org.). **Atlas historique de Saint-Denis**. Des origines au XVIIIe siècle. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1996, p. 28.

<sup>249</sup> WYSS, Michaël. Saint-Denis : évolution d'un paysage urbain vue au travers de l'archéologie, Comprendre les paysages urbains. **Actes du 135 Congrès national des sociétés historiques et scientifiques, « Paysages », en Neuchâtel**, 2013, p. 74.

<sup>250</sup> DUBOIS, Claude; WYSS, Michaël. La légende de saint Denis durant le Moyen Âge. In: WYSS, Michaël (Org.). **Atlas historique de Saint-Denis... Op. cit.**, p. 19.

<sup>251</sup> Idem.

de espaço de resolução de conflitos entre grandes famílias do reino<sup>252</sup>. A presença da *villa regalis*, no domínio de Clichy (Clippiacum), pode ter favorecido seu desenvolvimento, especialmente por Clotário II, Dagoberto e Clóvis II a terem escolhido como residência por sua devoção ao santo<sup>253</sup>.

A norte do edifício, desenvolveu-se a enorme necrópole *ad sanctos* (com 200 sarcófagos conhecidos, mas com estimativas de que seriam próximos a 2 mil). A partir do século VI, foram construídas três ou quatro igrejas: Saint-Barthélemy, Saint-Pierre, Saint-Paul e, possivelmente, Saint-Jean (fig. 3.2.15). No plano jurídico, essa disposição arquitetural, que delimitava a área sagrada da necrópole, beneficiava-se do mesmo direito de asilo que a basílica. Todas essas igrejas serviam à comunidade de clérigos que, no reino de Dagoberto, foi dotada de uma feira e de diversos privilégios que a permitiram organizar a circulação de bens nesse vasto domínio<sup>254</sup>.

Das sepulturas do período merovíngio no interior da basílica escavadas por Michel Fleury entre 1957 e 1959, apenas 13 sujeitos puderam ser antropologicamente estudados (fig. 3.2.16). O estado de conservação dos ossos e dos dentes dificultou a análise comparada do estado sanitário do grupo, mas foi possível realizar testes de ADN na sepultura 49 e identificar laços de parentesco biológico com seis indivíduos próximos a seu sarcófago. Não foi possível identificar nenhuma distribuição espacial específica entre homens, mulheres e crianças. A única diferença pode ser a presença de mobiliário no interior dos sarcófagos, que é mais recorrente nos túmulos identificados como femininos do que nos masculinos<sup>255</sup>. É possível perceber que os traumatismos só aparecem nos homens e a localização de sequelas é limitada aos membros inferiores. A presença de um possível cavaleiro idoso e a presença de túmulos com muito

---

<sup>252</sup> Ver relato de Gregório de Tours (**LHD**, V, 32) em PÉRIN, Patrick. Portrait posthume d'une reine mérovingienne. Arégonde († c. 580), épouse de Clotaire Ier († 561) et mère de Chilpéric Ier († 584), **Le corti nell'Alto Medioevo, Settimane di Studio della Fondazione Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo LXII**, 2014, p. 1044.

<sup>253</sup> WYSS, Michaël. Les étapes du développement de Saint-Denis. In: WYSS, Michaël (Org.). **Atlas historique de Saint-Denis...** *Op. cit.*, p. 188.

<sup>254</sup> WYSS, Michaël. Saint-Denis : évolution d'un paysage urbain vue au travers de l'archéologie. *Op. cit.*, p. 75; 86.

<sup>255</sup> Grande parte dos esqueletos que não puderam passar pelo exame de ADN foi "generificada" a partir do mobiliário. Desse modo, as mulheres seriam predominantes na cripta. Segundo Patrick Périn, uma possível hipótese para essa predominância seria que as mulheres das elites teriam perpetuado a devoção da Santa Genoveva e desejariam se repousar próximas ao túmulo do santo, mas também do edifício construído por ela. PÉRIN, Patrick, Portrait posthume d'une reine mérovingienne. Arégonde († c. 580)... *Op. cit.*, p. 1044. Contudo, a tendência parece oposta na necrópole exterior à basílica: de 105 indivíduos identificados, 71 foram sexados como homens, enquanto 29 foram atribuídos a mulheres. WYSS, Michaël. Le haut Moyen Âge. In: WYSS, Michaël (Org.). **Atlas historique de Saint-Denis...** *Op. cit.*, p. 112.



mobiliário podem indicar que os inumados pertenciam às camadas privilegiadas da sociedade<sup>256</sup>.

O espaço sepulcral *ad sanctos* era extremamente disputado e limitado; ter acesso a esses espaços privilegiados é uma grande demonstração de poder, além de ligar a história do santo (que continuaria a intervir na esfera terrena) à história familiar. A localização também demonstrava o mérito religioso dos indivíduos que mereceram estar enterrados em espaços cristãos altamente valorizados. A topografia dos sepultamentos nesses contextos pode então reforçar uma hierarquia mortuária, onde os clérigos reivindicariam de maneira implícita o direito de julgar os corpos físicos dos mortos. Junto ao aumento da importância da liturgia nos costumes mortuários e comemorativos, a administração dos cemitérios cristãos caía cada vez mais sob os auspícios clericais. Diferente dos espaços rurais, onde os grupos pareciam ter autonomia para gerir seus funerais, a igreja começou a desempenhar um papel maior no controle da alocação de locais cristãos privilegiados e na determinação de quem teria o acesso negado a eles<sup>257</sup>. A vantagem dos enterramentos *ad sanctos* também está na proteção que o santo oferece contra ladrões de túmulos, preocupação recorrente nas leis merovíngias e carolíngias<sup>258</sup>.

Assim como Colônia, Saint-Denis também estava em uma região extremamente bem conectada. A nove quilômetros ao norte de Paris, o assentamento é situado no corredor de muitas rotas partindo da capital e em uma rede densa de vias secundárias que ligavam a exploração agrícola da área<sup>259</sup>. A proximidade de Paris e das margens do rio Sena também pode ter contribuído para uma maior visibilidade do complexo, para a maior atração de peregrinos e, conseqüentemente, para o maior destaque para aqueles que residiam eternamente sob ou próximos às construções santificadas. Todas as evidências apontam para uma área muito visada e, portanto, aqueles que conseguiam um espaço particular para seus familiares deveriam possuir muita influência dentro dessa comunidade.

Desse modo, as construções funerárias manifestam o prestígio de uma maneira mais duradora do que os depósitos de bens, mostrando que, em determinados momentos, a ancoragem da memória na paisagem mostrou-se tão ou mais importante que os contatos entre

---

<sup>256</sup> PÉRIN, Péric. Les tombes mérovingiennes de la basilique de Saint-Denis... *Op. cit.*, p. 173-175.

<sup>257</sup> EFFROS, Bonnie, Beyond cemetery walls: early medieval funerary topography and Christian salvation, **Early medieval Europe**, 6, 1997, p. 10-23.

<sup>258</sup> NAUMANN-STECKNER, Friederike. Death on the Rhine... *Op. cit.*, p. 158.

<sup>259</sup> WYSS, Michaël. Le réseau routier aux abords de la ville. In: *In: WYSS, Michaël (Org.). Atlas historique de Saint-Denis...* *Op. cit.*, p. 339.

os participantes dos funerais, mediados pelos inumados e pelos depósitos. Ao comparar os locais de enterro das inumadas, percebe-se que possuem semelhanças (dois foram colocados em uma necrópole a céu aberto, próximos de *villae* romanas; dois foram colocados em edifícios, em centros conectados, com ligações à religião cristã). Contudo, o grande número de diferenças aponta para uma variedade de gestos empregados, com objetivos específicos e que se relacionam estreitamente com cada paisagem específica. A análise da topografia nos informa sobre as possíveis hierarquias entre as sepulturas do *corpus* e aquelas aos seus redores, especialmente no caso da sepultura 49, dentro da basílica, enquanto outras sepulturas foram colocadas em seu exterior. É possível colocar hipóteses sobre diferentes desejos de separação, que podem ter se originado a partir de uma divergência de crença ou de filiação familiar, mas também de uma situação de competição. Inserir os espaços sepulcrais em um contexto local mais amplo permite relacioná-los com outras estruturas, evidenciando discursos de conexão com o passado e mensagens visadas ao presente e ao futuro.

É possível notar que os recursos utilizados para a construção da memória no espaço não se alimentam tanto dos atributos específicos de cada inumada quanto nas outras etapas. Suas inumações em determinados ambientes estão relacionadas a estas mulheres, especialmente no que diz respeito à filiação ao grupo ou ao mérito religioso atribuído, mas, após o enterramento, as marcas que permanecem parecem fracamente ligadas a elas e às relações que estabeleceram. A diversidade de modos pode também ser um fruto dos diferentes ambientes (rurais, urbano e religioso), que permitiram gestos e adaptações diferentes. A racionalidade do uso dos recursos pode estar ligada às especificidades territoriais e a manifestações de identidades coletivas mais amplas que pudessem durar e serem vistas por inúmeras gerações.

### **c. Construir a comunidade: os contentores, os recipientes e as oferendas**

Assim como as estruturas funerárias e a escolha do espaço sepulcral das inumadas, os objetos tratados aqui estão relacionados às mulheres, sem a mesma ênfase dos adornos nos atributos de gênero. Contudo, com estes últimos eles partilham a especificidade de possuir funções que são manifestas apenas no momento da exibição dos corpos. Certos recipientes podem evocar o papel feminino de distribuição de bebidas nos banquetes, mas é impossível separá-los dos demais. Em geral, o depósito da louça pode ter desempenhado outras funções além da exibição dessa função específica, ainda que importante. O mesmo pode ser dito da

deposição de moedas, que além da manifestação de riqueza, pode ter significados que, se não apotropaicos, de conexão entre o doador e aquela que as recebe. Outro elemento importante a ser discutido é o contentor selecionado para abrigar as inumadas, o que não só demonstrava riqueza, mas também possíveis preocupações com seus futuros no além.

As exceções mencionadas na Introdução deste capítulo surgirão neste tópico: o frasco de vidro depositado na 49 e os recipientes depositados na 146 foram depositados no interior dos contentores, flexibilizando a denominação “nível 2”. Eles serão discutidos neste tópico independente do momento em que estavam visíveis, assim como a moeda colocada na boca da inumada 146. As facas, mesmo presas às vestimentas das inumadas, serão discutidas aqui em conjunto com seus suportes, dado sua utilização nos banquetes. Já as moedas nos colares da inumada B808 e a presa nas vestimentas da inumada 12 serão discutidas no tópico seguinte, incluindo suas especificidades que as diferenciam de outros adornos. Os objetos relacionados à costura e que possuem uma ligação mais estreita com as inumadas serão também discutidos no próximo tópico, em conjunto com os amuletos. Logo, a caixa com vestígios de novelos da sepultura B808 estará também no próximo tópico, mesmo que fora do caixão de madeira.

Sepultura 12	Sepultura 146	Sepultura B808	Sepultura 49
Caixão retangular de carvalho	Caixão retangular de carvalho com tampa de telhado duas águas	Caixão retangular de madeira em câmara	Sarcófago de calcário
Quatro pregos	Bacia de liga de cobre com duas alças e pé circular	Pregos (número não especificado)	Frasco de vidro
Bacia de liga de cobre com borda de decoração perolada	Balde de madeira com aplicações e alça de liga de cobre e ferro	Balde de madeira com aplicações e alça de bronze	
Vasilha de cerâmica	Grande vasilha de cerâmica decorada	Um prato de vidro com base circular	
Vasilha de vidro	Copo ápode campaniforme de vidro	Vasilha de vidro	
Frasco de vidro	Faca com cabo envolto em uma placa de ouro decorada	Três garrafas de vidro	

Faca com cabo de madeira com virola de liga de cobre	<i>Solidus</i> Teodeberto I	Copo ápole campaniforme de vidro	
	Moeda romana	Faca com cabo envolto em uma placa de ouro decorada	
	Fragmentos de corrente de prata e fivela (cinto)	<i>Solidus</i> Anastácio I	
		<i>Siliqua</i> Teodorico, o Grande	
		Meia <i>siliqua</i> Teodorico, o Gandre	
		Meia <i>siliqua</i> Atalarico	
		Apliques de ouro em cordões de couro e fivela (cinto)	
		Tecido de lã	
		Concha de caramujo	

**Tabela 2.** Itens centrais para o tópico “c”

A inumada 49 de Saint-Denis foi colocada em um sarcófago trapezoidal de calcário, de origem borgonhesa (fig. 3.3.1). O cocho tem 2,08 m x 0,66 m x 0,43 m na extremidade da cabeça; 0,31m de largura e 0,37m de altura na extremidade dos pés. A tampa tem 2,1 m x 0,66 m x 0,29 m na extremidade da cabeça; 0,3 m de largura e 0,23 m de altura na extremidade dos pés. As paredes de ambas as partes têm 0,8 m de espessura, sendo todo o comprimento decorado com ranhuras horizontais. As paredes das extremidades têm decorações de ranhuras verticais em zigue-zague, divididas em quatro quadrantes. A divisão é marcada por duas faixas lisas que se cruzam no centro das paredes<sup>260</sup>. Segundo Daniel Morleghem, o sarcófago trapezoidal é considerado uma invenção do período merovíngio e especificamente do Norte da Gália. Contudo, esse formato tem antecedentes no mundo mediterrâneo antigo, antes mesmo de ser

<sup>260</sup> WYSS, Michaël, Der Sarkophag der Königin Arnegunde. In: PÉRIN, Patrick; WAMERS, Egon (Orgs.). *Königinnen Der Merowinger...* Op. cit., p. 123.

considerado um recipiente cristão. Para Morleghem, os sarcófagos trapezoidais são uma continuidade do sarcófago antigo de um ponto de vista funerário, artístico e econômico<sup>261</sup>.

Dado o custo de produção e transporte, os sarcófagos (especialmente aqueles feitos a partir de uma só pedra) não são muito encontrados ao norte do Loire, enquanto são encontrados em grande quantidade no Sul, onde os maiores centros de extração e de produção estão localizados<sup>262</sup>. O sarcófago 49 é um destes exemplares e a sua fragilidade e o fato de que precisou ser transportado por navio pelos rios Yonne e Sena (por, pelo menos, 200km), sugere que sua chegada a Saint-Denis deve ter sido um empreendimento custoso. Em seu interior, apenas um frasco de vidro opaco foi encontrado, sem nenhum indício de líquido em seu interior<sup>263</sup>.

A escolha do sarcófago pode não ter sido orientada apenas pelo desejo de manifestar riqueza e status, mas pode também estar ligada ao território em que repousaria. A pesquisa de Laure-Anne Finoulst mostrou que nas necrópoles rurais do vale do Mosa, apenas um ou dois sarcófagos são encontrados e sempre em lugares de culto significativos (como em Liège, Huy e Amay). Em grandes aglomerações, como em Maastricht, dezenas são encontrados, sendo que a esmagadora maioria estava *ad sanctos*<sup>264</sup>. Percebe-se então sua importância para a manifestação da fé cristã e a sua sistemática presença em lugares de culto pode indicar uma importação mais facilitada pelas comunidades que os gerem ou mesmo a existência de outras pedreiras em seus arredores.

Os sarcófagos desempenhavam o papel de casa eterna (*domus aeterna*), que dificultaria as perturbações posteriores e que preservaria os corpos até o momento da ressurreição<sup>265</sup>. Por sua origem antiga, que poderia ter aproximado os inumados dos primeiros anos do cristianismo, os sarcófagos conservavam uma aura de prestígio e foram altamente simbólicos durante toda a

---

<sup>261</sup> MORLEGHEM, Daniel. **Production et diffusion des sarcophages de pierre de l'Antiquité tardive et du haut Moyen Âge dans le Sud du Bassin parisien**. 2016. 394 f. Tese (Doutorado em *Archéologie et Préhistoire*) - Université François Rabelais, Tours, 2016, p. 30.

<sup>262</sup> DIERKENS, Alain. Les sarcophages mérovingiens de Gaule : quelques réflexions conclusives. In: CARTRON, Isabelle; HENRION, Fabrice; SCUILLER, Christian (Orgs.). **Les sarcophages de l'Antiquité tardive et du haut Moyen Âge**: fabrication, utilisation, diffusion. Actes des XXXe Journées internationales d'archéologie mérovingienne, Bordeaux, 2009, Bordeaux: Éditions de la Fédération Aquitania, 2015, p. 463-469.

<sup>263</sup> WYSS, Michäel. Der Sarkophag der Königin Arnegunde. *Op. cit.*, p. 123-124.

<sup>264</sup> FINOULST, Laure-Anne. **Les sarcophages du haut Moyen Âge dans le Benelux actuel (Ve-Xe s.)**. Catalogue, état de la question et perspectives de recherches, Mémoire de licence en Histoire de l'Art et Archéologie, Université Libre de Bruxelles, Bruxelles, 2006.

<sup>265</sup> EFFROS, Bonnie. **Merovingian Mortuary Archaeology...** *Op. cit.*, p. 186.

Alta Idade Média<sup>266</sup>. Esses fatores, em conjunto com o custo, podem explicar o uso de sarcófagos de gesso como uma alternativa, o que não significa um menor grau de elaboração ou de importância das pessoas em seus interiores. Na necrópole exterior aos edifícios do complexo de Saint-Denis, todos os indivíduos até então descobertos foram enterrados em sarcófagos de gesso.

Durante a Antiguidade e na Alta Idade Média, o sarcófago constitui um tipo de sepultura entre muitas outras (fig. 3.3.2). A inumada de “La Tuilerie” foi colocada em um caixão retangular feito de carvalho (2,25 m x 0,8 m, prof. ±20 cm), identificado a partir de traços na bacia de liga de cobre, em uma fossa (2,25 m x 0,8 m) (figs. 3.3.3 e 3.3.4). Outras evidências da existência de um caixão, em oposição ao sepultamento diretamente na terra, são: a presença de quatro pregos e o padrão de deslocamento dos ossos (que sugere a decomposição do corpo em espaço vazio). Se o número de pregos encontrados é o número original (o que não é certo, dada à má conservação dos elementos ósseos e ferrosos), a junção do caixão deve ter sido mista e mantida por elementos que não deixaram traços arqueológicos<sup>267</sup>.

Sobre os recipientes, é difícil saber se a bacia de borda perolada de liga de cobre (fig. 3.3.5) foi colocada originalmente em cima do caixão ou nos pés da mulher. A leve inclinação da vasilha de cerâmica (fig. 3.3.6) que se encontrava ao lado permite supor que foi o caso. Traços de linho detectados na borda da bacia podem ser interpretados como um tecido colocado sobre o caixão ou ligados à vestimenta da mulher. A vasilha de vidro e o frasco de vidro (figs. 3.3.7 e 3.3.8) foram, sem dúvida, colocados sobre o caixão<sup>268</sup>. Nenhum traço de alimentos ou líquidos foi encontrado nos recipientes das três sepulturas de “La Tuilerie”, mas sinais de uso no caldeirão (sepultura 11) e no balde de madeira (sepultura 13) foram identificados<sup>269</sup>.

A vasilha de vidro tem uma coloração verde água, possui algumas bolhas, mas sem nenhum traço de iridescência. Possui uma decoração helicoidal em sua base e fios muito finos de esmalte na borda. Já o frasco tem uma coloração azulada, com nervuras e traços de bolhas. Segundo os arqueólogos, todo o conjunto de vidro das três sepulturas é excepcional na região

---

<sup>266</sup> MORLEGHEM, Daniel. **Production et diffusion des sarcophages...** *Op. cit.*, p. 41.

<sup>267</sup> PARESYS, Cécile; TRUC, Marie-Cécile. Architecture et rites funéraires. *In*: TRUC, Marie-Cécile. (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 57.

<sup>268</sup> PARESYS, Cécile; TRUC, Marie-Cécile. Architecture et rites funéraires. *In*: TRUC, Marie-Cécile. (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 61-64.

<sup>269</sup> BELL, Bruno; TRUC, Marie-Cécile. Les récipients en alliage cuivreux. *In*: TRUC, Marie-Cécile. (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 158-159.

pelos tamanhos, decorações e qualidade<sup>270</sup>. A abundância da louça de vidro e de liga de cobre, e a relativa ausência de cerâmica (apenas a vasilha da sepultura 12 foi encontrada) é notável. A forma desta vasilha é conhecida desde a Antiguidade Tardia e a qualidade da argila e a ausência de decorações diferenciam essa peça de exemplares mais encontrados em contexto funerário no período merovíngio, sendo mais encontrada em contextos de produção e de consumo doméstico<sup>271</sup>.

A inumada de Bossut-Gottechain também foi colocada em um caixão retangular de carvalho (2,40 m x 0,90 m), em uma fossa de (3,20 m x 1,41 m, prof. 1,45 m) (figs. 3.3.9 e 3.3.10). A amplitude e a profundidade da fossa são significativas, sendo preciso considerá-las na estimativa do trabalho despendido na montagem do túmulo. Pelo padrão de dispersão dos ossos, a inumada não parece ter sido enterrada em um caixão talhado em um único tronco de árvore (classificados de *monoxyles* na literatura francesa). Não foi encontrado nenhum vestígio de materiais que segurariam as paredes do caixão, sendo incerto se o caixão foi construído com materiais perecíveis ou se foi construído *in situ* e mantido pela terra que preencheu a fossa (chamados de *assemblés* em francês). Evidências de travessas embaixo do caixão, que servem para apoiar e estabilizar o caixão, e a ausência de pedras que apoiassem as estruturas indicam uma ligação mínima entre as paredes verticais. Ademais, no curso da decomposição da madeira, é frequente que os eixos centrais das paredes verticais entrem no interior do caixão, conferindo uma forma côncava às paredes vistas no plano. Que as extremidades permaneceram no lugar na sepultura 146, com ângulos agudos nos cantos do caixão, parece indicar uma ligação entre as paredes<sup>272</sup>. Duas grandes diferenças entre os dois contentores de madeira apresentados até então são a amplitude e a profundidade da fossa, muito mais significativas na 146 do que na 12. Esses fatores precisam ser considerados na interpretação dos recursos e do trabalho empregados na elaboração do conjunto funerário.

Além dos vestígios de carvalho na sepultura 146, preservados pelas condições de solo, o padrão de deslocamento dos ossos sugere uma decomposição em espaço vazio, assim como os vestígios de uma tampa em formato de telhado duas águas, cujas empenas teriam um ângulo

---

<sup>270</sup> CABART, Hubert. La vaisselle de verre. In: TRUC, Marie-Cécile. (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 171-180.

<sup>271</sup> AHÛ-DELOR, Anne. La céramique. In: TRUC, Marie-Cécile. (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 180.

<sup>272</sup> VRIELYNCK, Olivier; VAN BUYLAERE, Muriel, Les aménagements funéraires en bois du cimetière mérovingien de Bossut-Gottechain (commune de Grez-Doiceau, Belgique). In: CARRÉ, Florence; HENRION, Fabrice (Orgs.). **Le bois dans l’architecture et l’aménagement de la tombe: quelles approches?** Actes de la table ronde d’Auxerre, 15-17 octobre 2009, Saint-Germain-en-Laye: Mémoires publiés par l’AFAM, 2012, p. 296-299.

de  $\pm 45^\circ$  e cerca de 30 cm de altura (figs. 3.3.11). A tampa parecia ter uma viga horizontal que mantinha as duas placas no cume, similar a outras tampas encontradas em territórios alamanos, como em Oberflacht. Em Bossut-Gottechain, duas outras sepulturas foram encontradas com vestígios de tampas semelhantes<sup>273</sup>.

Pela posição dos recipientes no momento da escavação, eles parecem ter sido colocados no interior da estrutura de carvalho. Na parte inferior do caixão, havia uma bacia de liga de cobre (figs. 3.3.12 a 3.3.14); na parte superior, havia: uma grande vasilha de cerâmica decorada com pequenas incisões (figs. 3.3.15 e 3.3.16); um balde de madeira com aplicações decoradas e alça de liga de cobre e ferro (fig. 3.3.17), com um copo ápode campaniforme de vidro esverdeado no interior (fig. 3.3.18). A forma desse copo é a mais comum na Gália merovíngia. Os utensílios de vidro são mais raros que os demais nas sepulturas do período e frequentemente encontrados naquelas com mais depósitos. Já os recipientes metálicos são apenas encontrados nessas situações. Apenas oito itens de vidro e dois metálicos (bacia mencionada e um prato de liga de chumbo e estanho na sepultura 234) foram encontrados na necrópole de Bossut-Gottechain<sup>274</sup>.

Infelizmente ainda não foi feito um estudo detalhado sobre o mobiliário da sepultura 146, mas foi possível identificar semelhanças entre seus objetos e aqueles depositados em outras sepulturas do *corpus*. Tanto o copo ápode quanto o balde e a bacia de liga de cobre são semelhantes aos objetos depositados na sepultura 13 de Saint-Dizier (pertencente ao homem mais velho)<sup>275</sup>. Um copo e um balde similares também foram encontrados na sepultura B808, dispostos da mesma maneira. A bacia de liga de cobre e o balde são também semelhantes àqueles encontrados no túmulo B809 (criança enterrada na Catedral de Colônia).

A mulher de Colônia foi inumada em um caixão de madeira (1,7 m x 0,5-0,55 m, cujas tábuas de 2,2 cm de espessura, assim como os pregos, estavam preservadas no momento da descoberta). O contentor foi colocado na parte oeste de uma câmara funerária (exterior: 3,25 m x 1,15 m x 1,3 m; interior: 3 m x 0,85 m x 0,76 m), feita com placas de traquito<sup>276</sup> e com uma parede do período romano como quarta parede (figs. 3.3.19 e 3.3.20). Para Bonnie Effros, essa

---

<sup>273</sup> *Ibid.*, p. 299.

<sup>274</sup> VRIELYNCK, Olivier; VANMECHELEN, Raphaël. Bossut-Gottechain et Haillot (Belgique)... *Op. cit.*, p. 33.

<sup>275</sup> BELL, Bruno; TRUC, Marie-Cécile. Le basin à anses. *In*: TRUC (Org.), **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)**... *Op. cit.*, p. 162; BELL, Bruno; TRUC, Marie-Cécile. Le seau. *In*: TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)**... *Op. cit.*, p. 167.

<sup>276</sup> RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts... *Op. cit.*, p. 80.



composição teria sido “improvisada”, tendo sido coberta com uma grossa camada de lama<sup>277</sup>. Contudo, os vestígios analisados apontam para uma camada de argila com pinturas de tinta de cal na área do caixão. O piso foi coberto com tábuas de madeira, que não preenchem completamente a extensão da câmara, e os espaços entre as paredes laterais e o piso também foram cobertos de argila. A câmara foi fechada com placas de traquito e ela encontrava-se a 60 cm-75 cm abaixo da superfície<sup>278</sup>.

Parece não haver dados suficientes para classificar os gestos de improvisados ou não, especialmente neste caso onde as evidências indicam um alto nível de elaboração, que vai além dos depósitos e do espaço funerário. Elas também ajudam a nos lembrar que muitos outros elementos percebíveis podem ter sido utilizados nas cerimônias funerárias, como flores e vegetais<sup>279</sup>, e podem ter sido muito mais frequentes do que os raros remanescentes que encontramos.

O estudo dos itens depositados nesta sepultura mostrou-se extremamente desafiador. Um plano da câmara funerária foi desenhado no momento de sua descoberta com mais de 50 itens identificados e numerados (fig. 3.3.19). No entanto, esse plano é a única referência de alguns deles, que não são mencionados nos artigos da década de 1960, nem nas obras posteriores. Não consegui identificar os motivos por trás dessa ausência; pode ser que esses itens tenham sido perdidos em alguma transferência dos achados ou que não foram considerados relevantes para os objetivos das publicações posteriores. O plano pode ser comparado com o elenco dos objetos neste e no próximo tópico.

No extremo leste da câmara, recipientes diversos foram identificados, sendo excepcional a quantidade de itens de vidro (3.3.21): um prato com decorações de esmalte na borda e no pé circular (inv. 26); uma vasilha com decorações circulares de esmalte (inv. 25); uma grande garrafa cilíndrica descolorida, que estava 1/3 cheia de líquido<sup>280</sup> (inv. 27); uma pequena garrafa cilíndrica levemente esverdeada (inv. 28), com uma concha de caramujo dentro; uma garrafa *Fadenglas (reticello)* (inv. 29); um copo descolorido com uma decoração em espiral de esmalte (inv. 30)<sup>281</sup>. As duas garrafas foram depositadas no interior de um balde de madeira com aplicações e alça de bronze (inv. 32). Na sua borda, foram encontrados

---

<sup>277</sup> EFFROS, Bonnie. *Merovingian Mortuary Archaeology...* *Op. cit.*, p. 184.

<sup>278</sup> RISTOW, Sebastien. *Prunkgräber des 6. Jahrhunderts...* *Op. cit.*, p. 80.

<sup>279</sup> CARTRON, Isabelle. *Ostentation ou humilité?...* *Op. cit.*, p. 209.

<sup>280</sup> A garrafa foi aberta em 1959 e o líquido não foi perdido na análise, que foi inconclusiva.

<sup>281</sup> RISTOW, Sebastian. *Prunkgräber des 6. Jahrhunderts...* *Op. cit.*, p. 86.

fragmentos de uma luva de couro (inv. 39a/fig. 3.3.22). Foram encontrados também: uma bacia de bronze com alças e base redonda de três pés (inv. 31/fig. 3.3.23), onde pequenos vestígios soldados foram interpretados como restos de folhagem dourada; fragmentos de um chifre de beber de metal (material desconhecido) com seus acessórios e suporte (*Aufhängevorrichtung*) (inv. 38abc/fig. 3.3.24); e, finalmente, uma garrafa de couro (inv. 54). Dentro do caixão, foram encontrados vestígios de uma nadadeira de peixe. Por fim, ele foi coberto de um tecido de lã de origem determinada como do “sudeste do Mediterrâneo”<sup>282</sup>.

O costume de depositar conchas ou mesmo fósseis de caramujos não é incomum no Norte da Gália e por muito tempo eles foram interpretados como símbolos de fecundidade e da crença na ressurreição. Como a prática é muito antiga na Gália, presente antes da chegada do cristianismo ou mesmo dos “povos germânicos”, Édouard Salin defendeu que ela teria sido interrompida quando a população foi cristianizada. Contudo, Bonnie Effros argumenta que ela permaneceu até, pelo menos, o final do século VIII, com as conchas servindo de amuleto, de símbolo comemorativo ou da fertilidade e até mesmo como elemento decorativo<sup>283</sup>. Discutiremos os outros itens que podem ter sido utilizados como amuletos no tópico seguinte.

A prática de deposição de moedas na boca dos falecidos, conhecida como “óbolo para Caronte” também foi considerada uma sobrevivência do paganismo no Norte da Gália. Um *solidus* de Teodeberto I foi recuperado na boca da inumada 146 (fig. 3.3.25 e 3.3.26), mas não penso ser possível identificá-la como pagã, especialmente se compararmos com as outras referências cristãs nos depósitos (os dois pingentes cruciformes e o terceiro pingente com uma incrustação de granadas em formato de cruz). Para Jean-Marc Doyen, a prática pode ter sido reinterpretada como paralela ao viático cristão<sup>284</sup>. Por sua vez, ao olharmos para a proximidade da necrópole com as ruínas de uma *villa* do Baixo Império, para a miçanga central do colar na sepultura 146 – feita de material cerâmico silício do século I ou II –, e para reutilização frequente de objetos do período romano nos adornos encontrados na necrópole, é perceptível que o referencial romano estava muito presente nas expressões materiais dessa população. As fíbulas em formato de ave da sepultura 146 podem ser sinais dessa valorização, como será

---

<sup>282</sup> *Ibid.*, p. 83-87.

<sup>283</sup> EFFROS, *Merovingian Mortuary Archaeology...* *Op. cit.*, p. 168.

<sup>284</sup> DOYEN, Jean-Marc. Une monnaie pour le mort - des monnaies pour les vivants. L’obole à Charon: la fin d’un mythe?, *In*: HANUT, Frédéric (Org.). **Du bûcher à la tombe**. Diversité et évolution des pratiques funéraires dans les nécropoles à crémation de la période gallo-romaine en Gaule septentrional. Namur: Institut du Patrimoine wallon, 2017, p. 94-97.

explicitado no próximo tópico. Os estilos dos brincos de pingentes poliédricos e do anel, mais frequentes no Império Romano Oriental, também podem ser indícios da influência imperial.

Ao todo, 14 moedas foram encontradas em contextos e em formatos diversos em três das quatro sepulturas (nenhuma foi depositada no sarcófago 49). Neste tópico, discutirei aquelas colocadas de maneira independente, ou seja, que não faziam parte da vestimenta ou dos colares das inumadas. Na sepultura 146, além do *solidus*, uma moeda romana foi encontrada: não foi possível identificar sua posição original no túmulo ou mesmo identificar sua cunhagem, mas é possível distinguir a imagem de duas Vitórias no reverso (figs. 3.3.27 e 3.3.28). Na sepultura B808, foram encontradas: ao lado do caixão, uma *siliqua* de Teodorico, o Grande e um *solidus* de Anastácio I; já a localização das meias *siliquae* de Teodorico, o Grande e Atalarico é incerta (fig. 3.3.29). Sebastian Ristow pensa que elas poderiam estar em uma bolsa, com a tesoura, que teria se decomposto, mas é possível que elas tenham sido depositadas na tampa do caixão.

Todas as figuras representadas nessas moedas foram importantes reis contemporâneos às inumações, e é possível que alguns estivessem vivos no momento das deposições. Desse modo, o ato pode estar relacionado à manifestação de riqueza e de status, dado a natureza do material, mas também à demonstração de fidelidade a um partido real específico. O discurso pode estar relacionado às inumadas, mas ele se direciona ao público que observava a colocação de cada item<sup>285</sup>. Podemos nos questionar sobre a identidade dos indivíduos que as depositavam; se eram aqueles que organizaram diretamente as cerimônias ou se faziam parte da audiência. Os sentidos específicos por trás desse gesto nos escaparam, mas é possível que as moedas tenham sido dadas às inumadas e, indiretamente, aos seus familiares, para estabelecer uma relação entre doadores e receptores, tendo os primeiros deixado suas marcas pessoais na memória da cerimônia. O mesmo pode ser dito sobre os recipientes.

Vimos no primeiro capítulo que a presença de recipientes, de alimentos ou de líquidos não evidencia a prática de banquetes funerários e nenhum vestígio que a evidenciasse foi encontrado nos espaços analisados nesta pesquisa. Por mais que os banquetes sejam bem documentados no período das inumações do *corpus*, não posso seguir adiante com a hipótese que poderiam ter ocorrido nessas ocasiões. No entanto, defendo que a presença desses itens nos túmulos evoca simbolicamente os banquetes, funcionando como marcadores de uma identidade

---

<sup>285</sup> *Ibid.*, p. 97.

coletiva, partilhada por aqueles que tinham recursos para frequentar e organizar esse tipo de evento social.

Segundo Alain Dierkens e Liliane Plouvier, os festins eram lugares excepcionais de convivialidade e de *mise en scène* do poder, que estabeleciam lugares horizontais e verticais entre os participantes: os horizontais eram baseados em solidariedade e integração, colocando todos em pé de igualdade e reforçando alianças políticas e comerciais. Os verticais eram baseados na manifestação pública das hierarquias, que colocavam em evidência aqueles que financiavam e presidiam a cerimônia<sup>286</sup>. A deposição dos recipientes pode ter visado demonstrar o lugar das inumadas nesse círculo privilegiado, tanto como organizadoras dos banquetes quanto como convidadas.

Outro elemento significativo desses objetos é seu simbolismo ligado às práticas cristãs. O banquete era considerado uma celebração da colheita milagrosa de Deus e servia como meio de estabelecer os laços entre a comunidade e reforçar sua identidade cristã. Testemunhos hagiográficos indicam que muitos santos, em imitação da vida de Jesus como escrita nos evangelhos, providenciavam comida e bebida abundante aos seus fiéis. Esse comportamento pode ter sido emulado pelos organizadores dos banquetes, sendo que, através dele, os indivíduos manifestavam publicamente seu status e seu acesso a bens alimentícios limitados<sup>287</sup>.

Desse modo, defendo que tanto em vida quanto na morte, esses utensílios faziam parte dos investimentos familiares na expressão ritual de identidades privilegiadas e religiosas. Assim como a louça era frequentemente presenteada na Antiguidade e nas cortes bizantinas, merovíngias e carolíngias<sup>288</sup>, sua presença nos túmulos pode também ser fruto de presentes que ocorreram ao longo da celebração.

Outros itens ligados à produção e ao consumo de alimentos são as facas (presentes nas sepulturas 12, 146 e B808 – figs. 3.3.30 a 3.3.32) e o cutelo (presente na sepultura 146 – fig. 3.3.33). As inumadas 146 e B808 parecem ter carregado suas facas presas em cordões amarrados em seus cintos. Na 146, fragmentos de fechos de prata foram encontrados logo acima da faca, assim como uma fivela de liga de cobre, indicando a presença de um cinto (fig. 3.3.34

---

<sup>286</sup> DIERKENS, Alain; PLOUVIER, Liliane, *Festins mérovingiens*, Bruxelas: Le Livre Timperman, 2008, p. 18-19.

<sup>287</sup> EFFROS, Bonnie. The ritual significance of vessels in the formation of Merovingian christian communities. In: CORRADINI, Richard; DIESENBERGER, Max; REIMITZ, HELMUT (Orgs.). **The construction of communities in the Early Middle Ages**. Texts, Resources and Artefacts. Leiden: Brill, 2003, p. 217-227.

<sup>288</sup> EFFROS, Bonnie. The ritual significance of vessels... *Op. cit.*, p. 224.

e 3.3.35). O cabo era envolvido por uma placa torcida de ouro, com decorações de filigranas próximas ao pomo e muitos sinais de uso (fig. 3.3.36). O cutelo era de ferro e foi encontrado na parte noroeste da sepultura, ao lado do balde.

Na sepultura B808, a faca parece ter sido suspensa por dois cordões de couro com aplicações de finas placas de ouro com decorações de filigranas. A fivela de liga de cobre também parece indicar o porte de um cinto. O cabo foi envolto por uma placa de metal e possuía uma cruz entalhada no pomo. É possível que esse exemplar estivesse dentro de uma bainha cuja apenas a ponta de ouro, e mais nada, sobreviveu<sup>289</sup> (fig. 3.3.29). Já a faca da sepultura 12 possui uma virola de liga de cobre que mantém o cabo de madeira e onde traços de seda foram encontrados. O objeto estava entre os joelhos da mulher e junto a uma grande miçanga de cristal de rocha, sendo provável que ambos estivessem suspensos por um cordão de couro não conservado<sup>290</sup>.

O cutelo e as facas podem ser os objetos mais relacionados às inumadas como pessoas históricas dentre os categorizados neste tópico. As facas, em específico, eram individuais e os participantes dos banquetes as levavam e as utilizavam durante a celebração<sup>291</sup>. Enquanto os recipientes e as moedas podem ter sido colocados como presentes que reforçariam os laços entre os participantes (baseados em identidades religiosas ou alianças políticas), as facas e o cutelo podem estar relacionados às inumadas através de seu uso cotidiano (além de evocar as mesmas referências simbólicas dos alimentos).

A elaboração dos caixões, sarcófagos e câmaras funerárias e a escolha dos objetos discutidos parecem mais relacionados à formação de laços comunitários e à manifestação de identidades religiosas e de grupo através de símbolos cristãos, de status e de riqueza. Desse modo, por mais que tivessem feito parte de relações generificadas, os gestos que sobreviveram parecem mais relacionados a elementos partilhados pelo grupo do que a atributos ligados a um gênero. Ademais, o simulacro do banquete e os presentes podem indicar o reconhecimento de cada mulher na vida social de suas comunidades e o desejo de incluí-las em sua última celebração.

---

<sup>289</sup> RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts... *Op. cit.*, p. 96.

<sup>290</sup> BELL, Bruno; TRUC, Marie-Cécile. Les couteaux. In: TRUC, Marie-Cécile. (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)**... *Op. cit.*, p. 153-156

<sup>291</sup> DIERKENS, Alain; PLOUVIER, Liliane. **Festins mérovingiens**... *Op. cit.*, p. 28.

#### d. Construir o feminino: adornos do corpo e das vestes

A presença sistemática de adornos em túmulos de mulheres, em oposição a sua ocorrência nos túmulos de homens, é notável. O uso e a transmissão desses objetos parecem essenciais na fabricação do “feminino” e em todos os papéis que ele determinava. Não é possível identificar as posições que as mulheres do *corpus* ocupavam no momento de suas mortes, nem ao menos se os adornos depositados em seus túmulos eram de sua posse individual. Contudo, é possível construir hipóteses sobre as funções dessas deposições na construção dos discursos funerários. Diferente dos itens discutidos nos tópicos precedentes, os objetos aqui expostos são aqueles que mais estão relacionados ao gênero feminino, às etapas de cada inumada, às relações que elas podem ter estabelecido e, principalmente, aos objetivos de sua família, que escolhiam quais artefatos seriam melhor investidos na cerimônia funerária do que na circulação familiar.

Sepultura 12	Sepultura 146	Sepultura B808	Sepultura 49
2 fíbulas arqueadas assimétricas com cabeça radiada de cinco pontas	2 fíbulas em formato de ave	2 fíbulas arqueadas	2 fíbulas discoides
2 fíbulas discoides	Anel de ouro de pasta de vidro	2 fíbulas rosetas	Anel sinete
Anel de ouro com granadas	Colar de âmbar e silício	2 anéis de ouro	Cinto
Bracelete pistão	Pingentes de ouro	Bracelete pistão	Brincos de cesto
Colar de miçangas variadas	Brincos de pingentes poliédricos	Brincos de pingentes poliédricos	2 pinos de véu
“Plastrão” de miçangas variadas	Fivela de sapato	Apliques de jarreteira	Grande pino
Pingente Marco Antônio	Aplicações de ouro da <i>vitta</i>	<i>Vitta</i>	Apliques de jarreteira
Miçanga de cristal de rocha	Tesoura	3 colares de miçangas variadas	Fivelas de sapato
Miçanga de vidro esverdeado	Fechadura da caixa	Esfera metálica	

Miçanga de cervídeo		Esfera de cristal de rocha	
		2 miçangas de cristal de rocha	
		Fusaiola de argila	
		Tesoura	
		Caixa	

**Tabela 3.** Itens centrais para o tópico “d”

Quatro fíbula foram encontradas na sepultura 12 de Saint-Dizier: na altura do pescoço, duas fíbula discoides de ferro, com o exterior damasquinado com fios de liga de cobre dourado, e decoração *cloisonné* com granadas almandinas da Índia, colocadas sob uma placa de prata dourada<sup>292</sup> (fig. 3.4.1); no abdômen, duas fíbula arqueadas assimétricas com cabeça radiada de cinco pontas, feitas de prata dourada, com uma granada em cada ponta e na base (sendo todas almandinas indianas)<sup>293</sup> (fig. 3.4.2). O sistema de fixação estava presente nas quatro e as fíbula aparentavam estar em posição funcional (figs. 3.4.3 a 3.4.6). Autores afirmam que o túmulo seguia a moda do século VI de usar duas fíbula discoides no peitoral e duas arqueadas no abdômen, mas, pela posição de uma das fíbula discoides (inv. 19), é possível que ela tenha servido para fechar um tecido ou uma mortalha. Também foram encontrados vestígios de pele humana no seu reverso, indicando que estava diretamente sobre ela<sup>294</sup>. Vestígios de couro nas fíbula arqueadas podem indicar que as vestimentas possuíam bordas de couro ou que serviram para prender o suposto cordão que seguraria a faca<sup>295</sup>.

A inumada B808 foi encontrada com fíbula em posições semelhantes e formatos ligeiramente parecidos: duas fíbula rosetas de ouro na altura do pescoço, decoradas com granadas almandinas e filigranas. É possível que as cavidades centrais tivessem sido ocupadas por algum material perecível, como a madrepérola; na região do abdômen, duas fíbula arqueadas de ouro com decorações *cloisonné* de granadas almandinas (fig. 3.4.7). Todas as

<sup>292</sup> TRUC, Marie-Cécile. Les fibules discoïdes. In: TRUC, Marie-Cécile. (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 90-91.

<sup>293</sup> TRUC, Marie-Cécile. Les fibules ansées asymétriques. In: TRUC, Marie-Cécile. (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 92

<sup>294</sup> RAST-EICHER, Antoinette. Les restes de textiles et de fourrures. In: TRUC, Marie-Cécile. (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 192.

<sup>295</sup> TRUC, Marie-Cécile. Les fibules ansées asymétriques. *Op. cit.*, p. 92.

granadas são originárias da Índia. As agulhas e os porta-agulhas das fíbulas arqueadas eram de prata folhada a ouro e estavam fragmentados<sup>296</sup>. Não foi possível saber se a fragmentação foi anterior à inumação ou causada por ela, assim como não foi possível identificar na bibliografia o estado dos dispositivos de fecho das fíbulas rosetas.

Já uma das fíbulas em formato de ave (figs. 3.4.8 e 3.4.9) foi possivelmente enterrada com o porta-agulhas fragmentado<sup>297</sup>, sem a capacidade de reunir duas peças de vestimentas, o que pode ser interpretado como uma evidência da importância do objeto na *mise en scène* funerária e/ou como um presente colocado durante a cerimônia. As duas fíbulas são de liga de cobre com incrustações de prata, de granadas e de pasta de vidro. As representações de aves de rapina referiam-se ao poder da águia imperial romana, mas, com o avanço do cristianismo, é provável que ela tenha passado a ser associada ao Cristo, como o salvador e o transportador das almas<sup>298</sup>. Considerando as características da necrópole de Bossut-Gottechain já elencadas e especialmente a miçanga central do colar na sepultura 146 (fig. 3.4.10), é perceptível que o referencial romano se fazia muito presente nas manifestações materiais daquela comunidade.

O bracelete pistão de ouro encontrado na sepultura B808, em posição funcional, é extremamente raro (fig. 3.3.29). Outros exemplos de liga de cobre ou de prata, como o da sepultura 12 (também em posição funcional) (fig. 3.4.11), são mais comuns em comparação, mas não passam de 10% das sepulturas de mulheres já escavadas na Gália<sup>299</sup>. O bracelete e as fíbulas da B808 foram utilizados como indícios de uma origem gépida ou lombarda da inumada, mas nenhuma evidência corrobora essa interpretação<sup>300</sup>. Isso se mostra ainda mais evidente quando são comparados aos outros objetos da sepultura que parecem ser feitos de materiais diversos e a partir de influências variadas. Como eles não podem ser retirados sem se deformar, eles podem estar ligados a uma manifestação muito precoce de riqueza, pois precisariam ser colocados quando os indivíduos ainda eram jovens. Segundo Barbara Wührer, aqueles encontrados em túmulos de crianças são mais leves que os exemplares encontrados em indivíduos mais desenvolvidos<sup>301</sup>, o que pode indicar sua participação em rituais ligados a

---

<sup>296</sup> RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts. *Op. cit.*, p. 187.

<sup>297</sup> VRIELYNCK, Olivier; VANMECHELEN, Raphaël. Bossut-Gottechain et Haillot (Belgique)... *Op. cit.*, p. 33.

<sup>298</sup> ADAMS, Noël. **Bright Lights in the Dark Ages: the Thaw Collection of Early Medieval Ornaments**. Londres: Giles, 2014, p. 150.

<sup>299</sup> TRUC, Marie-Cécile. Le bracelet *In*: TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)**... *Op. cit.*, p. 101–103.

<sup>300</sup> KOCH, Die weibliche Elite im Merowingerreich... *Op. cit.*, p. 37.

<sup>301</sup> WÜHRER, Barbara. **Merowingerzeitlicher Armschmuck aus Metall** apud TRUC, Marie-Cécile. Le bracelet *Op. cit.*, p. 101.



etapas aristocráticas do ciclo de vida. As evidências da presença de *vittae* também são raras e, segundo Sebastian Ristow, sempre estão associadas a muitas deposições. A *vitta* da sepultura B808 foi composta de fios de ouro com seda e possuía uma granada almandina no seu centro<sup>302</sup> (fig. 3.4.12). Já a *vitta* de sepultura 146 não foi preservada, salvo as aplicações de ouro com decorações de filigranas<sup>303</sup> (figs. 3.4.13 e 3.4.14).

Outro objeto que poderia estar ligado a fases específicas da vida de uma mulher é o anel. Segundo Reine Hadjadj, o porte de anéis na mão esquerda seria o mais frequente da época merovíngia e o estudo da necrópole “Grande Oye”, em Doubs (França), parece indicar que o uso na mão direita indicaria a disponibilidade da mulher para o casamento. A hipótese baseou-se na observação de que as mulheres mais velhas dessa necrópole foram enterradas com anéis na mão esquerda, enquanto as adolescentes, na mão direita<sup>304</sup>. A tendência em “Grande Oye” pode ser reveladora, mas é preciso reunir dados de outras necrópoles para que ela possa ser efetivamente confirmada. No Sul da Gália, por mais que homens e mulheres fossem enterrados com anéis, a variação de posições e de formatos não permitem nenhuma conclusão nesse sentido<sup>305</sup>.

Todos as inumadas do *corpus* usavam anéis e todos aparentavam estar em posição funcional. A sepultura 12 possuía um anel de ouro com decoração superior cruciforme, com incrustações de granadas almandinas indianas e filigranas ao redor da cruz e nos detalhes lateais (fig. 3.4.15 e 3.4.16). A forte usura das filigranas e das pelotas de ouro indicam que o anel foi altamente usado. Durante a inumação, ele foi encontrado entre o segundo e o terceiro metacarpos direitos. Para Hadjadj, esse tipo de anel cruciforme é considerado como uma evidência mediterrânea, mais precisamente bizantina<sup>306</sup>. O mesmo pode ser dito sobre o anel da sepultura 146 (figs. 3.4.17 e 3.4.18) e o anel n.º 9 da sepultura B808 (fig. 3.3.29), dado suas semelhanças com exemplares encontrados em regiões imperiais. O anel da 146 foi feito de ouro com uma incrustação central de pasta de vidro e foi encontrado no lado direito da sepultura. Como os ossos da mão direita desapareceram, não é possível afirmar que ele foi portado durante a inumação, mas os trançados laterais apresentam marcas de uso<sup>307</sup>. O anel n.º 9 da sepultura

---

<sup>302</sup> RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts. *Op. cit.*, p. 83.

<sup>303</sup> VRIELYNCK, Olivier; VANMECHELEN, Raphaël. Bossut-Gottechain et Haillot (Belgique)... *Op. cit.*, p. 33.

<sup>304</sup> HADJADJ, Reine. Le bague. In: TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)**... *Op. cit.*, p. 106–108.

<sup>305</sup> RENOUE, Julie. Rings of power... *Op. cit.*, p. 20.

<sup>306</sup> HADJADJ, Reine. Le bague. *Op. cit.*, p. 106.

<sup>307</sup> VRIELYNCK, Olivier; VANMECHELEN, Raphaël. Bossut-Gottechain et Haillot (Belgique)... *Op. cit.*, p. 33

B808 é de ouro, com uma decoração central de uma estrela de doze pontas preenchida de pasta de vidro. É possível que o anel tenha sido utilizado na mão direita durante a inumação. A inumada possuía outro anel (fig. 3.3.29), provavelmente portado na mão esquerda, feito de ouro, mas com as cavidades centrais vazias<sup>308</sup>. O anel encontrado na sepultura 49 (fig. 3.2.12) já foi discutido no tópico “b” deste capítulo, mas é importante acrescentar que é provável que ele tenha sido portado durante a inumação na mão esquerda e que possuía marcas de uso em seu aro.

As inscrustações de granadas e de filigranas em formato de cruz dos pingentes dos colares das sepulturas 146 (fig. 3.4.19) e B808 (fig. 3.4.20) também podem ser consideradas indícios da influência bizantina, assim como os brincos poliédricos de ambas (figs. 3.4.20 e 3.4.21), como já mencionado anteriormente. Paralelos destes últimos, em específico, foram encontrados na Panônia, datados do século IV<sup>309</sup>. O par da sepultura B808 é feito de ouro com granadas almandinas e o par da sepultura 146 é feito de ouro com granadas não especificadas e com pasta de vidro<sup>310</sup>. Os quatro brincos e todos os pingentes pareciam estar em posição funcional. É interessante notar as diferenças entre o par de brincos da sepultura 146, onde um deles (fig. 3.4.22) possui muitas marcas de desgaste e decorações assimétricas, além de técnicas de montagem bem distintas daquelas observadas no outro exemplar (fig. 3.4.23). É possível que essa diferença venha de momentos de produção ou mesmo de centros de produção diferentes. Uma análise da composição das granadas, do ouro e do vidro pode auxiliar no desenvolvimento de novas hipóteses.

Três pares de objetos da sepultura 49 também apresentam diferenças em sua montagem: as fíbulas discoides de ouro com granadas (figs. 3.4.24), os brincos de cestos de ouro (figs. 3.4.25) e dois apliques de prata da jarreteira (fig. 3.4.26). A presença desses objetos intrigou os arqueólogos que buscavam uma suposta coerência entre a identificação da inumada com a rainha Aregonda e vestígios de tecidos encontrados neste túmulo com esses três exemplares que consideravam de ser de má qualidade. Para Michel Fleury, esses objetos eram, sem dúvidas, cópias locais feitas a partir do exemplar original de boa qualidade, sendo a fíbula “mais bonita” uma importação<sup>311</sup>.

---

<sup>308</sup> RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts... *Op. cit.*, p. 187.

<sup>309</sup> ADAMS, Noël. **Bright Lights in the Dark Ages...** *Op. cit.*, p. 118.

<sup>310</sup> VRIELYNCK, Olivier; VANMECHELEN, Raphaël. Bossut-Gottechain et Haillot (Belgique)... *Op. cit.*, p. 34.

<sup>311</sup> CALLIGARO, Thomas; GALLIEN, Véronique; PÉRIN, Patrick. La tombe de la reine mérovingienne Arégonde († v. 580) épouse de Clotaire Ier (511-561) et mère de Chilpéric Ier (561-584). In: DE VINGO, Paolo; MARANO, Yuri A.; GIL, Joan Pinar (Orgs.). **Sepulture di prestigio nel bacino mediterraneo (secoli IV-IX).**

O reexame dos restos orgânicos do túmulo no projeto interdisciplinar do MAN com o C2RMF indicou a provável presença de uma mortalha de linho ou de cânhamo, como indicam os traços visíveis no frasco de vidro. Sob esse pano, encontraram vestígios de um tecido “felpudo” de cor vermelha escura, composto de lã e de fibras de castor, correspondendo aos restos de um manto ou uma capa. Sob essa vestimenta, vestígios de um sobretudo aberto de seda púrpura, excepcional e único entre os túmulos da cripta. As bordas da abertura eram decoradas por uma trança de fios de lã, de seda e de fibras vegetais não identificadas, tingidos de *garance* – cor vermelha extraída da *Rubia tinctorium* – e de púrpura. As mangas foram enfeitadas com um samit de seda, ornado de padrões geométricos em fios de ouro. Um samit de seda bizantino de cores vermelha (*garance*) e amarelo foi identificado em cima do sobretudo, supostamente um grande véu que cobriria a cabeça da mulher e desceria até os joelhos. Alguns fios de ouro (identificados na descoberta, mas não preservados), vistos pela radiografia da cabeça e nas análises químicas dos traços de cabelo, podem ter feito parte de uma *vitta*. Por fim, fragmentos de tecido de lã e linho parecem corresponder a uma túnica que a mulher usava debaixo do sobretudo<sup>312</sup>.

Fragmentos dos sapatos de couro também foram encontrados, o que é considerado uma raridade pelos autores. A morfologia bizantina dos sapatos na sepultura 49 e a decoração evocariam ornamentações romanas, o que levou os autores a argumentar que eles teriam sido fabricados em Roma durante a ocupação romana-oriental<sup>313</sup>. Vestígios do exemplar direito também foram identificados no túmulo B808, além de quatro apliques de prata com decorações de granadas almandinas das jarreteiras (fig. 3.3.29)<sup>314</sup>. É também possível que a fivela de prata com agulha de liga de cobre (fig. 3.4.27) da sepultura 146 fizesse parte de um sapato cujo material se decompôs<sup>315</sup>.

Outro item considerado excepcional é o cinto, cujas fivelas tem uma moldura de prata com placas de ouro, decoração de filigranas, granadas e pasta de vidro (fig. 3.4.28). A correia foi feita de couro e o tamanho e a morfologia octogonal das perfurações dos pinos de sustentação das fivelas não correspondem aos pinos retangulares presentes, o que pode significar que o couro foi reutilizado. Segundo Patrick Périn, a composição de sua decoração é

---

Definizione, immagini, utilizzo. 1. Saggi. Atti del convegno, Pella (NO), 28-30 giugno 2017. Florença: All’Insegna del Giglio, 2021, p. 350.

<sup>312</sup> *Ibid.*, p. 348.

<sup>313</sup> PÉRIN, Patrick. Portrait posthume d’une reine mérovingienne... *Op. cit.*, p. 1034.

<sup>314</sup> RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts... *Op. cit.*, p. 187.

<sup>315</sup> VRIELYNCK, Olivier; VANMECHELEN, Raphaël. Bossut-Gottechain et Haillot (Belgique)... *Op. cit.*, p. 33.

totalmente inovadora para o período, sendo sua montagem uma mistura de estilos diferentes de produção. Ao comparar com exemplares similares em liga de cobre na Aquitânia, o autor defende que o cinto teria sido, sem dúvida, obra de um ourives aquitano<sup>316</sup>.

No Capítulo 1, discuti sobre as evidências materiais e textuais da continuidade dos títulos e das estruturas de governo romanos nos reinos bárbaros, assim como o emprego de símbolos, especialmente militares, que evocavam autoridade e distinção social. Um dos exemplos discutidos foi a descrição dos cintos: eles são mencionados em rituais de poder (a entrega de armas ao final da aprendizagem de guerreiro), eles participam de trocas conflituosas (confiscação na ruptura de alianças) e também foram objeto nas práticas de dom. Ligados à esfera guerreira e às antigas vestimentas marciais romanas, os cintos eram grandes marcas de autoridade. Quando presentes em túmulos de mulheres, podem estar relacionados ao seu estatuto matrimonial e, especialmente em túmulos de mulheres com idades avançadas (como é o caso da mulher na sepultura 49 de Saint-Denis), podem ser vistos como símbolos de um lugar proeminente dentro da família e dentro da sociedade local. Outro exemplo é a chave da sepultura 146 (fig. 3.2.6), que podia sinalizar um estatuto social distinto dentro da comunidade.

Para Patrick Périn, Thomas Calligaro e Véronique Gallien, os itens discutidos seriam opostos aos pares de objetos assimétricos, dada sua qualidade superior. Essa convicção foi acentuada pelas novas análises do projeto interdisciplinar que revelaram composições distintas da prata e do ouro utilizado nas fabricações. Os objetos considerados “cópias” são feitos de materiais menos puros que seus pares (tabelas 3.4.1 a 3.4.3)<sup>317</sup>.

Os novos dados levaram Patrick Périn a interpretar a diferença como um desejo da inumada de adaptar sua maneira de se vestir à moda “germânica” de portar um par de fíbulas no peito, ao invés de uma só como na moda “mediterrânea” em voga<sup>318</sup>. Já os brincos teriam uma origem ítalo-bizantina e não seriam comuns na Gália, o que pode indicar que o ourives local que realizou a cópia não tinha experiência. Sobre as aplicações de prata da jarreteira, Michel Fleury e Albert France-Lanord já tinham notado a diferença nas decorações e nas espessuras, o que indica que elas não teriam sido feitas a partir da mesma matriz. Somado com os dados das diferentes composições, os traços de usura da peça “B” e as técnicas

---

<sup>316</sup> PÉRIN, Patrick. Portrait posthume d'une reine mérovingienne... *Op. cit.*, p. 1020–1032.

<sup>317</sup> CALLIGARO, Thomas; GALLIEN, Véronique; PÉRIN, Patrick. La tombe de la reine mérovingienne Arégonde... *Op. cit.*, p. 350.

<sup>318</sup> CALLIGARO, Thomas; GALLIEN, Véronique; PÉRIN, Patrick. La tombe de la reine mérovingienne Arégonde... *Op. cit.*, p. 351.

“rudimentares” do exemplar “A”, os pesquisadores do projeto interdisciplinar defendem que a peça “B” seria o exemplar original<sup>319</sup>. Desse modo, a explicação para a presença de itens supostamente contraditórios é que a inumada teria sido enterrada com seus adornos mais queridos, que ela usou por muito tempo<sup>320</sup>.

Contudo, como argumentei no Capítulo 1 e como será discutido no Capítulo 3, não é possível transpor as concepções de valor do período contemporâneo para a Gália do século VI. Objetos fragmentados e reparados podiam ter um grande valor memorial por guardar parte do estatuto daquelas que as possuíram anteriormente. Esses objetos também podem ter sido símbolos das circulações, evocando um caráter ilustre e ancestral para aquele que os portava. Um objeto que também pode ter sido muito valorizado por sua antiguidade é o grande pino (fig. 3.4.39), cujo poliedro central revela que foi feito com técnicas dos séculos II e III EC do Leste do Mar Negro e do Cáucaso. A composição do ouro também diverge dos demais elementos do pino, com um grau de pureza mais elevado e com uma composição que se assemelha ao ouro de objetos encontrados nos territórios bizantinos<sup>321</sup>.

Outro ponto a ser discutido é a dificuldade de estabelecer a origem precisa dos objetos baseados nos seus estilos. Como será discutido no Capítulo 3, a composição dos materiais e as técnicas podem servir como evidências de sua proveniência, mas a grande circulação de matéria-prima, de objetos e também de técnicas de produção no Norte da Gália podem ser mais indicativas da apropriação de influências diversas do que da difusão de objetos que provêm exclusivamente de centros de produção específicos.

As miçangas de vidro dos colares do *corpus* são exemplos de objetos cujos materiais são originários do mundo índico-pacífico, mas que podem ter sido trabalhadas na Gália, especialmente em ateliês do Vale do Mosa<sup>322</sup>. A sepultura de Saint-Dizier possui uma enorme quantidade de exemplares, que podem ser divididos em dois grupos diferentes com base na sua posição: o colar (fig. 3.4.29), composto de 33 miçangas de âmbar e de vidro do Oriente-Próximo, em posição funcional, e um grupo de 68 miçangas de formas e materiais variados

---

<sup>319</sup> *Ibid*, p. 351.

<sup>320</sup> PÉRIN, Patrick. Portrait posthume d'une reine mérovingienne... *Op. cit.*, p. 1045.

<sup>321</sup> CALLIGARO, Thomas; GALLIEN, Véronique; PÉRIN, Patrick. La tombe de la reine mérovingienne Arégonde... *Op. cit.*, p. 352.

<sup>322</sup> PION, Constantin. Les perles en verre en Gaule mérovingienne (Ve-VIIIe siècles). À la découverte d'un savoir-faire au service des dames, **Koregos**, revue et encyclopédie multimédia des arts, reparticle 56, 2013, n. p. <http://www.koregos.org/cgi?usr=cg6bgn3q8m&lg=fr&pag=1861&tab=317&rec=78&frm=0&> (Consultado em 04/05/2020).

(vidro, âmbar, cristal de rocha e um *denarius* de Marco Antônio do século I AEC), descobertos entre o pescoço e o abdômen. As miçangas tipo *annulaire* possivelmente vieram do Subcontinente Indiano. Dada sua posição e sua raridade no Norte da Gália, os arqueólogos denominaram esse conjunto de plastrão, mas acreditam que, pela disposição encontrada no momento da escavação, as miçangas estavam costuradas nas bordas das vestimentas ou em um tecido depositado sobre a inumada. A moeda (fig. 3.4.30), duas grandes miçangas de cristal de rocha e de vidro (figs. 3.4.31 e 3.4.32) e três pequenas miçangas *annulaires* de vidro incolor foram penduradas a partir de um fio metálico de prata ou de liga de cobre<sup>323</sup>.

As miçangas de âmbar, inclusive as 51 encontradas no colar da sepultura 146 (em posição funcional) possivelmente têm como origem o Mar do Norte<sup>324</sup>. O mesmo pode ser dito das 2 miçangas de âmbar do menor colar da sepultura B808, que possuía outras 16 miçangas de vidro (origem não informada) e uma miçanga de ouro com decorações de filigranas (fig. 3.4.20). Dois outros colares foram encontrados neste túmulo: um contava com 16 miçangas de ouro de formatos variados e com decorações diversas de filigranas e 2 compostas por granadas almandinas; 5 pingentes achatados de ouro com decorações de filigranas; 7 pingentes feitos a partir de moedas e, por fim, 3 pingentes de ouro com incrustações de granadas almandinas. O outro colar é composto de um cordão de ouro e de um pingente feito a partir de uma moeda (fig. 3.4.20). Os desgastes nas filigranas dos três colares evidenciam que foram usados antes de serem depositados na sepultura.

É possível inferir um padrão cronológico na ordenação das moedas no colar da sepultura B808, sendo aquelas mais afastadas do centro os exemplares mais antigos. São elas, da esquerda para a direita: um *solidus* de Honório (395 – 423), cunhado em Milão; três *solidi* de Anastácio I (491 – 518), um cunhado em Constantinopla e dois em Ravena; um *solidus* de Justino I (518 – 527), cunhado em Constantinopla; e, por fim, dois *solidi* de Valentiniano I (364 – 375). O outro pingente, no cordão de ouro, foi feito de um *solidus* de Teodósio II (408 – 450)<sup>325</sup>.

Segundo Jean-Marc Doyen, o ato de perfurar as moedas para fazer pingentes é relativamente tardio se comparado a sua invenção, que situa em 600 AEC. Foram encontrados exemplos no mundo cartaginês e, aparentemente, em uma zona limitada do litoral narbonense,

---

<sup>323</sup> Não foi possível fotografar essas miçangas individualmente. BELL, Bruno; CABART, Hubert; TRUC, Marie-Cécile. Les perles. In: TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** Op. cit., p. 94-101.

<sup>324</sup> PION, Constantin. Les perles en verre en Gaule mérovingienne (Ve-VIIIe siècles). Op. cit., n. p.

<sup>325</sup> RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts... Op. cit., p. 187.

datados do século III ou II AEC, sem qualquer relação aparente entre as duas regiões. A generalização da prática de perfuração parece ocorrer sob os Julio-Claudianos, com a diminuição no final do Império e a retomada na Alta Idade Média. O emprego dessas moedas se mostra muito presente na Itália lombarda, na Gália merovíngia e na Inglaterra anglo-saxã, e as moedas romanas compõem a grande maioria dos vestígios<sup>326</sup>. Assim como as moedas depositadas diretamente nos túmulos, é possível que as moedas nos colares transmitissem mensagens específicas relacionadas a alianças a grupos políticos. A particularidade das moedas perfuradas e transformadas está no fato de que foram modificadas para serem utilizadas no corpo e colocadas em exibição. É possível que elas sejam marcadores de riqueza, dado o seu valor intrínseco, mas também pela antiguidade de certos exemplares (como os do *corpus*). Para Genevra Kornbluth, elas também pode ter sido transformadas em amuletos, que poderiam evocar a “força” e o poder dos reis e imperadores que representam<sup>327</sup>.

Nesse sentido, na última parte do capítulo, gostaria de discutir sobre os objetos que, como os amuletos, podem ter sido os mais ligados às inumadas enquanto indivíduos particulares. Como já dito anteriormente, é impossível identificar a modalidade de circulação de cada item, mas aqueles relacionados à costura e os identificados como amuletos podem ter sido ligados a elas em vida por atividades cotidianas ou por suas forças protetoras.

As fontes textuais sugerem que as atividades ligadas à costura eram estereotipicamente praticadas por mulheres, e os objetos que remetem a ela, especialmente as fusaiolas, são encontrados em sua grande maioria com indivíduos do sexo feminino. A tendência aponta também para uma diferenciação baseada na idade, pois as fusaiolas são raramente encontradas em túmulos de meninas ou de mulheres acima dos cinquenta anos<sup>328</sup>. No *corpus*, apenas a sepultura B808 tinha uma fusaiola identificável em seu interior, sendo de argila marrom com decorações vermelhas em zigue-zague (fig. 3.3.29). Outros itens ligados à costura também foram identificados: as caixas da sepultura 146, da qual apenas a fechadura sobreviveu (fig. 3.4.33) e a caixa da sepultura B808, originalmente de tília e com adornos de bronze e dobradiças de ferro (fig. 3.4.34). A fusaiola estava dentro desta caixa, em conjunto com duas miçangas de

---

<sup>326</sup> DOYEN, Jean-Marc. Entre amulettes et talismans, les monnaies trouées: ce qui se cache sous les apparences, *The Journal of Archaeological Numismatics*, 3, 2013, p. 2–4.

<sup>327</sup> KORNBLUTH, Genevra. Amulets and Identity in the Merovingian World. In: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.). *The Oxford Handbook of the Merovingian World*. *Op. cit.*, p. 946.

<sup>328</sup> KORNBLUTH, Genevra. Merovingian rock crystal: practical tools and status markers. In: KIRK, Hanneke; WILLEMSSEN, Annemarieke (Orgs.). *Golden Middle Ages in Europe*. New research into early-medieval communities and identities. Proceedings of the second “Dorestad Congress” held at the National Museum of Antiquities. Leiden, The Netherlands 2-5 July, 2014. Turnhout: Brepols, 2015, p. 50.

crystal de rocha e fragmentos têxteis (fig. 3.3.29)<sup>329</sup>. As tesouras encontradas em ambos (fig. 3.4.35) os túmulos também podem estar relacionadas a esta e a outras atividades cotidianas desempenhadas pelas inumadas, assim como as facas, já discutidas no tópico precedente.

O uso das fusaiolas não era estritamente funcional, pois exemplos são encontrados pendurados em colares ou nas vestimentas por um cordão de tecido ou de metal<sup>330</sup>. Ao considerar a posição e o tamanho do aro interno, é possível que a miçanga de chifre de cervídeo na sepultura 12 (fig. 3.4.36) tenha possuído essa mesma função, mas o alto desgaste atual não nos permite procurar por sinais de sua utilização para este propósito. É possível também que tenha uma função amulética ou que tenha sido depositada durante a cerimônia.

Por sua vez, os cristais de rocha são documentados nas fontes escritas por suas capacidades protetoras. Além dos já citados dos exemplares costurados nas vestimentas da sepultura 12 e dos encontrados na caixa da sepultura B808, temos no *corpus* o exemplo da esfera de cristal de rocha em uma armação de ouro (fig. 3.4.37). Segundo Kornbluth, enquanto as moedas e os dentes de predadores encarnavam uma força visível, os cristais tinham poderes invisíveis, que poderiam proteger de doenças e de forças maléficas. Os indivíduos são descritos guardando essas pedras perto de seu corpo e, por mais que os exemplares pendentes como o da sepultura B808 só sejam encontrados com indivíduos do sexo feminino, exemplos de miçangas de cristal de rocha foram encontrados próximas aos pomos das espadas com indivíduos do sexo masculino<sup>331</sup>. A moeda colocada na boca da inumada da sepultura 146 também pode ter servido como um artefato apotropaico, mas o gesto só foi realizado durante o sepultamento, enquanto os outros aqui apresentados, por estarem ligados às vestes ou a um cinto, poderiam ter sido utilizados em vida.

Os materiais empregados na fabricação das esferas de cristal eram extremamente variados, assim como as decorações e o formato das molduras. Para Kornbluth, essas variações são evidências de preferências regionais e de diferentes centros de produção espalhados pela Gália, pela Renânia, pelo Sul da Inglaterra e pelas atuais Hungria e Itália, locais onde mais exemplos são recuperados<sup>332</sup>. Essas esferas não foram as primeiras a serem suspensas desse

---

<sup>329</sup> RISTOW, Sebastian. *Prunkgräber des 6. Jahrhunderts...* *Op. cit.*, p. 87.

<sup>330</sup> KORNBLUTH, Geneva. *Amulets and Identity in the Merovingian World.* *Op. cit.*, p. 954.

<sup>331</sup> KORNBLUTH, Geneva. *Transparent, translucent, and opaque: Merovingian and Anglo-Saxon crystal amulets.* In: HAHN, Cynthia; SHALEM, Avinoam (Orgs.). **Seeking Transparency.** Rock crystals across the medieval Mediterranean. Berlim: Gebr. Mann Verlag, 2020, p. 69.

<sup>332</sup> KORNBLUTH, Geneva. *Transparent, translucent, and opaque...* *Op. cit.*, p. 74.



modo: exemplares de nódulos de minério natural, de liga de cobre ou de seixos cinzas encontrados foram datados do século V e do primeiro quarto do século VI. É possível que a esfera de prata (chamada de *bullā* pelos autores), parcialmente banhada a ouro e com decorações de palmetas e folhas de uva (fig. 3.4.38), tenha sido influenciada por esses exemplos. Segundo Ristow, Doppelfeld identificou um buquê de flores em seu interior, mas seus vestígios não foram documentados posteriormente<sup>333</sup>.

O material apresentado neste tópico é extremamente variado entre si, assim como as relações que estabelecem com as inumadas. Os adornos podem referenciar de modo mais evidente as circulações generificadas entre as inumadas e os grupos ao seu redor. Eles não só retêm as identidades dessas mulheres, mas também daqueles que os transmitiram. Já os amuletos, que também podem ter sido considerados adornos, e os objetos relacionados ao uso individual (as caixas, as tesouras e também as facas) podem estar mais estreitamente relacionados a funções específicas a elas. Essas categorias não podem ser absolutas e intransponíveis, pois não é possível restituir as relações que os indivíduos desenvolviam com os materiais ao seu redor. Contudo, elas nos estimulam a pensar nos diferentes modos de posse dos itens e em como eles afetaram as escolhas dos depósitos e a percepção do discurso funerário construído nas cerimônias. Mais do que marcadores do gênero feminino, este conjunto nos mostra que o gênero, as manifestações religiosas, o status, a ancestralidade e muitas outras identidades são construídas de maneira concomitante e em relação às outras etapas do processo funerário.

---

<sup>333</sup> RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts... *Op. cit.*, p. 80.

### Capítulo 3 – Os funerais entre as estratégias familiares e a circulação de bens

#### a. Túmulos femininos, túmulos de mulheres

Na Introdução, afirmei que o objetivo deste trabalho é analisar as cerimônias funerárias elaboradas para mulheres dentro de uma perspectiva mais abrangente das dinâmicas sociais do século VI, no Norte da Gália. Como já explicitado no decorrer do texto, a escolha pelo recorte de gênero se deu pelo pressuposto de que ele não é uma interpretação cultural das diferenças sexuais dos indivíduos, mas um elemento integral na estruturação das sociedades. Na pesquisa histórica, ele é uma categoria de análise que, assim como o “político”, o “social” e o “simbólico”, nos permite apreender fenômenos dentro do nosso escopo de pesquisa. Por esta razão, todas as questões levantadas nesta dissertação foram desdobramentos da seguinte pergunta: podemos chamar os túmulos deste *corpus* de “femininos”?

A cautela com o vocabulário empregado parte da preocupação em não atribuir a categoria “feminino” de maneira acrítica, como se a identificação do sexo da inumada bastasse para classificar, ou generificar, um sepultamento. Muitas mulheres foram inumadas no século VI, em diferentes partes da Gália, mas estariam todos os organizadores preocupados em enfatizar ideais generificados na celebração funerária? Como dito anteriormente, apenas nos casos onde encontramos uma grande quantidade de depósitos podemos ver uma diferenciação baseada no gênero. Além do mais, mesmo que minoritários, certos exemplos nos mostram que nem sempre os túmulos mais mobiliados apresentam os mesmos referenciais generificados<sup>334</sup>.

No geral, a preferência neste texto por “túmulos de mulheres” ao invés de “femininos” não é um preciosismo e não implica no apagamento do sistema de gênero no qual todos e todas estavam inseridos, independente da quantidade de joias e armas que tinham em seus túmulos. Os corpos eram generificados desde cedo e as mulheres adultas, por mais que compartilhassem certas prerrogativas com os demais membros de sua família ou de sua organização monástica,

---

<sup>334</sup> Um exemplo é o do homem enterrado na Basílica de São Severino com muitos objetos relacionados à higiene e aparência, e outros relacionados a viagens (cantil e pederneira), mas o mais notável dentre eles é a lira de carvalho altamente decorada: “*Evidence of high culture also appears in the aristocratic grave found within a few feet of the two princes in St. Severin, complete with a male corpse dressed in a gold-bordered garment, white linen hose, leather shoes with straps wound around the calves, and long gloves with leather sleeves. Care for personal appearance is expressed by the enclosed shaving blade, comb, and scissors, which are joined by travel gear (a costrel and a flint kit for making a fire). But the most important object buried with him is a beautiful six-string lyre of oak adorned with dog rose (Heckenrosen) and perhaps even lavender patterns.*” HUFFMAN, Joseph. Rupture or Continuity?... *Op. cit.*, p. 59-60.

tinham suas funções majoritariamente moldadas pelo gênero a elas atribuído, especialmente as funções ligadas à perpetuação biológica do grupo e à formação de alianças e manutenção do prestígio familiar. Podemos então falar em “mulheres”, mas sem perder de vista a heterogeneidade de suas experiências e suas expectativas e sem naturalizar essa categoria que é, em última instância, historicamente construída. Por sua vez, considero os túmulos do *corpus* “femininos”, não necessariamente pelo sexo das inumadas, mas pelos objetos encontrados em suas sepulturas<sup>335</sup>. A categoria “feminino” não é entendida como um conjunto fechado de símbolos e comportamentos específicos, mas como uma denominação que coloca em evidência a intencionalidade da performance de ideais (múltiplos e em constante disputa) atribuídos ao sexo feminino. Os funerais em questão nos informam sobre as inumadas através das lentes dos organizadores, que manipulavam elementos materiais e imateriais segundo necessidades contemporâneas e com vistas ao futuro, tanto o do grupo quanto o das falecidas.

As famílias mobilizavam diferentes recursos para cada etapa do processo funerário e é perceptível no *corpus* que o momento da exibição dos corpos com os depósitos é o mais dispendioso. Isso nos informa sobre a importância da exibição pública e da participação do coletivo durante a cerimônia funerária, em oposição aos marcadores posteriores sobre o solo. O fato dos objetos escolhidos reforçarem os atributos de gênero das inumadas pode ser uma pista das dinâmicas que regiam essa sociedade; esses itens podem ter sido vetores de relações entre os grupos e de etapas e funções atribuídas ao gênero feminino, sem que seja possível identificar o significado específico de cada ou os percursos que percorreram para chegar nos túmulos. Dada a importância das redes de amizade e considerando a competição pelos cargos locais, enfatizar o status e o prestígio das mulheres, mas também as relações sociais que elas mantinham ao desempenhar funções ligadas ao gênero feminino, pode ter se mostrado essencial para a manutenção e a expansão da posição familiar nas hierarquias da Gália. Os túmulos do *corpus* não são apenas túmulos de quatro mulheres, mas também são túmulos femininos, independente das identificações pessoais de cada uma delas.

Os objetos em si não são exclusivamente, ou mesmo individualmente, marcadores do gênero de seus portadores. O gênero não é um atributo dentro de um conjunto de identidades determinadas; nenhum atributo o é. As identidades são frutos de relações e negociações

---

<sup>335</sup> Não se trata de atribuir um sexo à pessoa a partir dos objetos.

historicamente contextualizadas, entre indivíduos específicos em situações particulares<sup>336</sup>, e que podem impregnar os suportes materiais. Os adornos nunca são apenas emblemas de status, de riqueza ou de gênero, pois também estão envolvidos na criação dessas qualidades<sup>337</sup>. O que nos levou a caracterizar os túmulos como femininos é a interação entre diferentes objetos e as circulações em que podiam estar envolvidos, que embasavam as funções generificadas na vida e na morte. A discussão sobre as relações de posse são parte integral da análise dessas transferências patrimoniais e na formação da memória familiar.

Existiram diferentes modos de associação entre indivíduos e objetos, que permanecem ou se transformam na morte. Os últimos objetos mencionados no Capítulo 2 são aqueles que podem ter mantido uma relação mais estreita com as inumadas enquanto indivíduos, tanto pelo uso pessoal (as tesouras, os itens ligados à costura e também as facas) quanto apotropaico (a esfera metálica, os cristais de rocha, as nozes, a concha de caramujo e as moedas). A chave da sepultura 146 e o anel da sepultura 49, mesmo sendo símbolos de status, podem também ser considerados itens estreitamente conectados (e talvez exclusivos) às respectivas inumadas.

Emma Brownlee afirma que os itens mencionados (agrupados e chamados de “*inseparable possessions*” pela autora) continuaram a ser depositados, mesmo após o declínio das outras deposições, dado uma mudança do *locus* da personalidade (*personhood*), especialmente no século VIII. Para ela, o cadáver gradualmente deixou de ser percebido como uma pessoa, que mantém relações de posse com os objetos, para ser um receptáculo, tendo a maioria de sua personalidade já desaparecido. Desse modo, essa mudança teria reduzido a habilidade do corpo de manter seus relacionamentos com suas possesões e apenas os objetos considerados como parte dele continuariam a ser enterrados<sup>338</sup>. Alison Klevnäs desenvolve a ideia ao especificar que essas possesões não poderiam ser separadas dos corpos porque eram “*too closely linked to their owners not legally or symbolically, but through bodily labour or gradual accumulation as part of a life course. Here we begin to see consideration of the materiality not only of the owned objects, but also of the owning body*”<sup>339</sup>. Entre as várias outras definições possíveis de “posse” abordadas por Klevnäs, um significado particular é seu

---

<sup>336</sup> HALSALL, Guy. Subject, individual, exclusion: some theoretical reflections and frankish applications. In: GIOANNI, Stéphane; JOYE, Sylvie; LA ROCCA, Cristina (Orgs.). **La construction sociale du sujet exclu (IVe-XIe siècle)**. Discours, lieux et individus. Turnhout: Brepols, 2019, p. 15–16.

<sup>337</sup> SØRENSEN, Marie Louise Stig. Gender, Things and Material Culture. *Op. cit.*, p. 84.

<sup>338</sup> BROWNLEE, Emma. The Dead and their Possessions... *Op. cit.*, p. 406-427

<sup>339</sup> KLEVNÄS, Alison. Introduction: the nature of belongings. In: HEDENSTIERNA-JONSON, Charlotte; KLEVNÄS, Alison (Orgs.). **Own and be owned**. Archaeological approaches to the concept of possession. Estocolmo: Publit, 2015, p. 14.

emprego para indicar uma identificação próxima entre o dono, ou donos, e aquilo que possui/possuem<sup>340</sup>. Seriam os adornos (as fíbulas, os anéis, os braceletes, os colares e seus pingentes *etc.*) possuídos pelas inumadas do mesmo modo que os itens anteriores?

No Capítulo 1, vimos como as mulheres eram personagens importantes na transmissão de status e patrimônio, mas também como eram “metonímicas”, portadoras públicas do prestígio familiar. Argumentei também que o gênero dos indivíduos é formado no momento das transições patrimoniais, que trazem para o primeiro plano os ideais e as funções a ele específicas. No caso do gênero feminino, as circulações de bens no momento do noivado e do casamento são as que mais o enfatizam, sendo os objetos trocados os vetores das novas relações estabelecidas e os símbolos dos papéis da parte receptora e da parte doadora. Dar implica sempre em manter na coisa dada algo da pessoa que dá<sup>341</sup>, fazendo com que os objetos na posse das mulheres carregassem sua memória como noiva e esposa e também a das duas famílias por trás da transação matrimonial.

Os adornos depositados – ao menos, parte deles – podem então ser originários de presentes, notadamente relacionadas ao dote, contradote e *Morgengabe* das inumadas. Exporlos nos funerais é também referenciar o ciclo de trocas a que foram submetidos, que, por sua vez, é característico de grupos aristocráticos. Por exemplo, metade das fíbulas descritas no texto é oferecida às mulheres como presentes<sup>342</sup>. Seria falacioso tentar identificar quais itens dentre os depósitos foram encomendados pelas inumadas e quais foram dados a elas, por qual pessoa e através de que modo de transmissão. Por outro lado, é provável que parte da audiência da cerimônia conhecesse essas informações, sendo preciso considerar o impacto que esse conhecimento tinha na percepção da memória que se construía.

Esses adornos situavam as mulheres no grupo familiar e podem ter sido expostos para reforçar sua inserção dentro do grupo de seu esposo, reforçando visualmente a ligação entre os dois, que esperava-se manter mesmo após o desaparecimento do elo físico que os unia. É possível também que alguns adornos no *corpus* tenham sido fruto de presentes no momento da inumação, onde o doador reforça ou estabelece uma conexão com a inumada e, conseqüentemente, com seus próximos. O fato da fíbula n.º 3 não possuir seu alfinete pode

---

<sup>340</sup> KLEVNÄS, Alison. Introduction: the nature of belongings. *Op. cit.*, p. 11

<sup>341</sup> GODELIER, Maurice. **En el fundamento de las sociedades humanas...** *Op. cit.*, p. 89.

<sup>342</sup> BARBIERA, Irene. *Sudata marito fibula: oggetti di prestigio e identità di genere tra pubblico e privato in età tardo antica e altomedievale*. In: BIANCHI, Giovanna; LA ROCCA, Cristina; LAZZARI, Tiziana (Orgs.). **Spazio pubblico e spazio privato tra storia e archeologia (secoli VI-XI)**. Turnhout: Brepols, 2018, p. 338.

indicar que o objeto não estava em sua posição funcional, mas sim que foi depositado no momento de sua exibição. A falta de “funcionalidade” do objeto também pode evidenciar sua importância na *mise en scène* funerária, mais do que seu papel de juntar duas partes de uma veste.

Portanto, mais do que um símbolo de status, os adornos são essenciais no estabelecimento das relações; as mulheres, como receptoras, não os portam apenas como indivíduos, mas como todo o grupo familiar (vide a expressão “mulher metonímica”). E como parte do tesouro familiar, esperava-se que fossem transmitidos para as novas gerações, o que pode explicar sua ausência, ou presença diminuta, em túmulos de mulheres mais velhas. Essa tendência pode não significar a desvalorização das mulheres que passaram seu período fértil, mas uma mudança na sua posição social que implicou em outras formas de manifestação no espaço público. Mais uma vez, a quantidade dos depósitos não é diretamente correspondente à importância ou à posição exata de qualquer indivíduo, e o sepultamento como um todo não é apenas uma identificação do gênero atribuído às inumadas.

Defendo, pois, que os adornos não são possuídos da mesma maneira que os objetos primeiramente discutidos. As pessoas não são “inteiros” sociais, mas possuem uma personalidade fractal, onde um indivíduo e um coletivo se unem em diferentes escalas e em diferentes contextos<sup>343</sup>. Essas constatações são importantes, pois nos levam a pensar que o túmulo não é tão individual, ou o reflexo da pessoa viva, independente da quantidade de esqueletos no seu interior.

A divisão em dois “tipos” de objetos discutidos até aqui não pretende ser estritamente fechada, principalmente pela impossibilidade de reconhecer as modalidades de circulação dos objetos e a relação que as mulheres estabeleciam com eles. Ambos “tipos” estão relacionados ao gênero feminino, mas o primeiro pode ser mais ligado a possessões individuais, enquanto os adornos nos informam mais sobre as relações que eles medeiam. Essas fronteiras não são intransponíveis e, para utilizar a expressão de Janet Hoskins, os objetos agem como metáforas do indivíduo (*self*) e dos outros<sup>344</sup>. Os anéis, por exemplo, podem ser um dos artefatos que mais encapsulam essa dualidade, especialmente aqueles com monogramas em seus *chatons*, que

---

<sup>343</sup> FOWLER, Chris. Relational personhood as a subject of anthropology and archaeology: comparative and complementary analyses. In: GARROW, D; YARROW, T (Orgs.). **Archaeology and Anthropology: understanding similarities, exploring differences**. Oxford: Oxbow Books, 2010, p. 141; THEUWS, Frans. Burial Archaeology and the Transformation of the Roman World... *Op. cit.*, p. 139.

<sup>344</sup> KLEVNĀS, Alison. Introduction: the nature of belongings. *Op. cit.*, p. 5.

indicam um relacionamento ainda mais estreito entre o indivíduo e o objeto. Quando sinetes, os anéis eram necessários na administração da casa e na identificação de sua portadora, mas, de modo geral, serviam como vetores de alianças (o que pode ter levado à sua deposição nos túmulos como presentes), de manifestações religiosas, étnicas e familiares<sup>345</sup>.

À luz dessas afirmações, gostaria de retomar as discussões sobre os objetos depositados na sepultura 49. É perceptível a preocupação dos autores que identificaram a inumada com a rainha Aregonda em justificar a presença de adornos com marcas de uso e de reparo, de pares assimétricos e de objetos produzidos com técnicas consideradas por eles como rudimentares. Para Patrick Périn, é impossível pensar que a escolha desses itens tenha sido feita por uma economia por parte dos organizadores, especialmente ao considerar o alto custo das vestimentas. A única explicação para o autor é que teria sido a própria rainha que escolheu ser enterrada com as joias que ela mais gostava e mais utilizava<sup>346</sup>.

Ao comparar a quantidade de depósitos entre as quatro mulheres, percebemos que a sepultura 49 é a que possui menos exemplares. É plausível que a mulher mais velha não carregasse os mesmos símbolos que as mulheres mais novas: de um lado, sua posição social diferia, não possuindo as mesmas prerrogativas que as demais; de outro, seus objetos familiares já podiam ter sido passados para as meninas mais novas de sua família, ou o foram após sua morte. Desse modo, o que pode ter levado seus descendentes a não enterrá-la com tantos objetos, se comparada com as demais, não é seu suposto estatuto inferior, mas o fato de que seus adornos – sendo parte do patrimônio de sua família – já teriam sido passados adiante. A sua ausência situa a inumada dentro de uma linhagem familiar da mesma maneira que sua presença nos túmulos das demais. Outro elemento importante a ser considerado é a possível doação de parte desse patrimônio às comunidades eclesíásticas; as fontes textuais que citam essas doações mencionam explicitamente os adornos como sendo parte do tesouro<sup>347</sup>.

No entanto, a maior crítica às interpretações que consideram esses objetos como sendo inferiores diz respeito às noções limitadoras de valor que esses autores possuem, extremamente ligadas a preferências contemporâneas. Os traços de uso e de reparações testemunham as biografias dos objetos, isso é, testemunham que foram manipulados, transportados, transmitidos e, por fim, que cristalizaram e veicularam a memória de seus portadores precedentes. Os

---

<sup>345</sup> MOREIRA, Isabel. Rings on Her Fingers... *Op. cit.*, p. 303-336.

<sup>346</sup> PÉRIN, Patrick. Portrait posthume d'une reine mérovingienne... *Op. cit.*, p. 1045.

<sup>347</sup> BARBIERA, Irene. *Sudata marito fibula*... *Op. cit.*, p. 338.

adornos da sepultura 49 têm esse valor simbólico que remete a um prestígio ancestral da família da inumada, sendo então tão valiosos quanto os adornos das demais. O grande pino é um grande exemplo da transformação dos objetos: como discutido no Capítulo 2, as técnicas de produção do poliedro central apontam para uma datação entre os séculos II e III EC, de origem do Leste do Mar Negro e do Cáucaso. A composição de ouro também é diferente, assemelhando-se aos ouros da Anatólia.

Os objetos antigos e com marcas de uso e restauração também podem veicular relações contemporâneas como os outros adornos nas outras sepulturas, mas penso que o foco do conjunto funerário da sepultura 49 é exibir de maneira mais enfática a inumada como um membro já ancestral da família. A hipótese pode dar mais profundidade à explicação de Périn sobre o porquê da inumada utilizar duas fíbula discoides no peito (moda predominante nas primeiras décadas do século VI) para além de uma preferência pessoal da inumada<sup>348</sup>, ao considerar a possível intencionalidade dos organizadores na construção de sua imagem como uma mulher do passado.

O cinto, exemplo inovador e até o momento isolado graças a sua decoração, formato e armação, remete às antigas vestimentas marciais romanas e pode ser a maior referência a uma autoridade não necessariamente generificada como feminina. Outros exemplos também o são, mas em “formas” caracteristicamente encontradas em túmulos femininos. É o caso das vestimentas de cor púrpura, historicamente ligadas à família imperial romana (“*May I never be separated from this purple*”, teria declarado Teodora<sup>349</sup>) e do anel sinete com a inscrição A R N E G U N D I S e um monograma central. É duvidoso se alguns dos anéis deste tipo teriam sido realmente feitos para selar documentos, evocando mais a capacidade do que a praticidade<sup>350</sup>. Apesar das marcas de uso nos desgastes das decorações laterais e no *chaton*, esse parece ter sido o caso desse exemplar. Mais do que “objetos queridos”, eles são parte de um discurso que reforça e conecta ideais de prestígio, autoridade e ancestralidade.

O referencial do passado também se faz muito presente por toda necrópole de Grez-Doiceau e, conseqüentemente, na sepultura 146. A proximidade do espaço com um antigo *habitat* romano pode evidenciar uma valorização dessas estruturas e uma tentativa dessa

---

<sup>348</sup> PÉRIN, Patrick. Portrait posthume d’une reine mérovingienne... *Op. cit.*, p. 1015.

<sup>349</sup> PROCÓPIO DE CESAREIA. **History of Wars**, t. I. DEWING, Henry Bronson (Ed. e trad.). Londres: William Heinemann, 1914, p. 231.

<sup>350</sup> RENOUE, Julie. Rings of power... *Op. cit.*, p. 20.



comunidade de se conectar à sua história. A reutilização de fragmentos de objetos romanos considerados cotidianos, como as cerâmicas ou miçangas, em novos adornos, evidencia a ressignificação do que esses artefatos representavam para essa população. Como colocado anteriormente, as fíbulas em formato de ave podem ser interpretações da iconografia da águia imperial, assim como a prática do “óbolo para Caronte” pode ser referência aos costumes da tradição romana, independente da conceptualização do além que possuíam os organizadores da cerimônia.

O simbolismo do passado está presente em ambas exposições funerárias, mas enquanto a inumada 146 portava símbolos reapropriados da vida romana, em um espaço que parece se colocar em uma continuidade com o período romano, a inumada 49 portava objetos que são referências específicas de autoridade. Em ambos casos, percebo a manifestação do prestígio familiar através de objetos antigos, possivelmente passados por gerações em relações generificadas, mas o foco na 146 parece estar no seu lugar dentro do grupo familiar e de suas relações (especialmente pela exibição da chave e pela escolha da localização do túmulo), ao passo que a seleção de objetos específicos, antigos e que remetem a imagens de autoridade, em conjunto com a idade avançada da mulher e o local em que ela foi enterrada, parece mais preocupada em sua exibição como membro ancestral importante da família.

Mesmo que considerados femininos, os túmulos possuem camadas de significados que não podem ser reduzidas à exibição de riqueza ou à representação “do feminino”. Até os adornos, esmagadoramente presentes em túmulos de mulheres, não podem ser considerados de seu uso exclusivo. O importante não é identificar o gênero do objeto, mas sim o uso dele por um gênero específico durante os eventos públicos. Em casos raros, miçangas são atestadas em sepulturas de homens, como uma grande miçanga associada a uma espada (como é o caso daquela feita de osso de cervídeo e colocada em cima da espada na sepultura 11 de Saint-Dizier) ou como várias depositadas ao lado do morto, em um tipo de pochete (*aumônière* em francês)<sup>351</sup>. Não é certo que os homens não possuíam certos tipos de adornos. Para Julie Renou, é plausível que depositá-los nas sepulturas não tivesse o mesmo valor simbólico que tinha no caso das mulheres<sup>352</sup>.

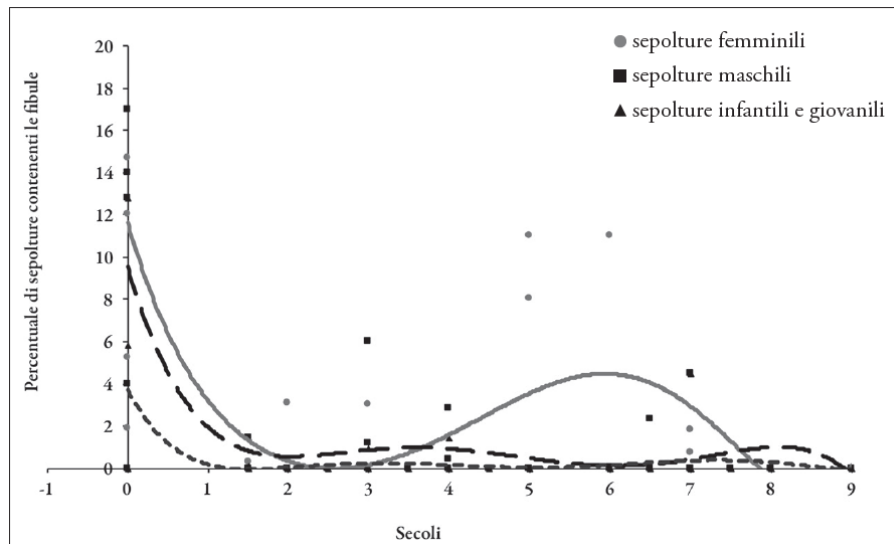
De maneira semelhante, Irene Barbiera afirma que o desaparecimento das fíbulas nos túmulos de homens após o século V não se deve ao abandono de seu uso nas vestimentas, mas

---

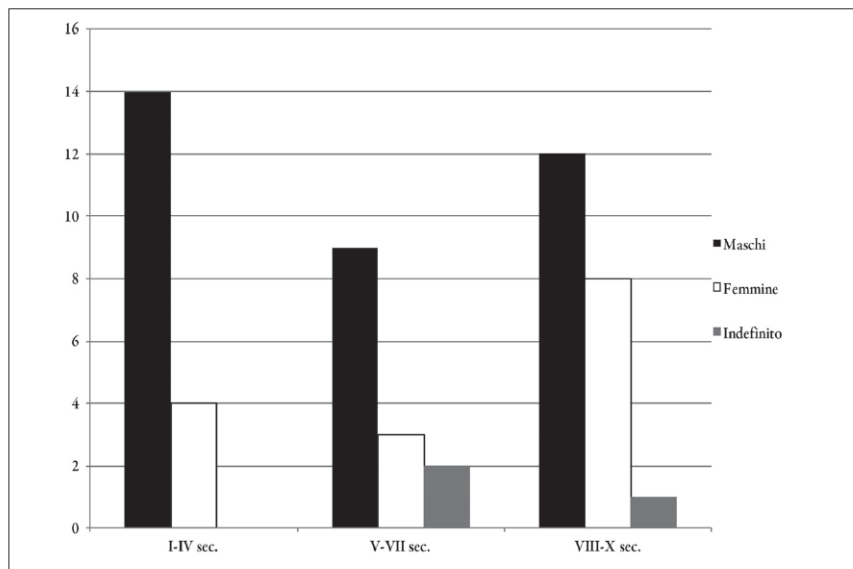
<sup>351</sup> PION, Constantin. Les perles en verre en Gaule mérovingienne (Ve-VIIIe siècles)... *Op. cit.*, n. p.

<sup>352</sup>RENOU, Julie. Rings of power... *Op. cit.*, p. 22.

sim ao fato de terem adquirido um valor social público muito elevado que as teria tornado demasiadamente prestigiosas para serem “sacrificadas” no ritual funerário<sup>353</sup>. Os dados sistematizados pela autora nas tabelas a seguir demonstram a disparidade entre as menções nas fontes escritas entre os séculos VI e IX que mencionam as fíbulas e sua presença nas sepulturas do final da Antiguidade ao final da Alta Idade Média:



**Figura 4.1.1.** Percentagem de sepulturas contendo fíbulas nas necrópoles consideradas. BARBIERA, Irene. *Sudata marito fibula...* Op. cit., p. 330.



**Figura 4.1.2.** Número de casos em que as fíbulas são mencionadas como elementos do vestuário masculino e feminino. BARBIERA, Irene. *Sudata marito fibula...* Op. cit., p. 333.

<sup>353</sup> BARBIERA, Irene. *Sudata marito fibula...* Op. cit., p. 340.

As fíbúlas usadas pelos homens e pelas mulheres podem possuir estilos e formatos próprios, além de desempenharem funções diferentes nas vestimentas de cada, mas sua presença sistemática no conjunto funerário feminino nos mostra que o tipo do objeto não é em si genericado, mas sim o seu emprego no contexto funerário.

Essa ênfase nos ideais do gênero feminino no *corpus* pode estar relacionada a uma maior preocupação por parte dos organizadores de construir uma memória familiar, que precisa colocar em evidência não só símbolos de ancestralidade e prestígio, mas das relações estabelecidas pela e através das inumadas. Os objetos que remetem mais explicitamente a esses laços, mesmo que tenham sido utilizados também por homens, podem ter sido mais frequentes nos túmulos femininos porque suas funções em suas famílias estão mais relacionadas, ou mesmo são mais dependentes, da manutenção das relações. Desse modo, os objetos são mais significativos quando expostos nos túmulos das mulheres, criando um momento final em que os laços possam ser retificados e memorializados, do que nos túmulos de homens, que possuem diferentes referenciais. A retórica da memória familiar não é a única preocupação de todos os organizadores, fazendo com que outras mulheres não tenham as relações genericadas como a principal referência em seus funerais, mesmo que atribuídas as mesmas funções em vida que as mulheres deste *corpus*.

O discurso funerário transmitido através dos depósitos só era visto e reapropriados por aqueles que participavam das cerimônias. É notável como a memória construída para a posterioridade não possui necessariamente os mesmos atributos, ou as mesmas referências, que aquela agora no subterrâneo. Os espaços em que as sepulturas 12 e 146 foram inseridas evidenciam suas associações a agrupamentos específicos, reforçando a memória coletiva ao se distinguir das demais inumações das necrópoles. Contudo, o que estava fora da terra não parece diferir das sepulturas de homens a elas associadas. Mesmo que a inumação ao lado da 146 – que supostamente pertenceu a um homem – fosse marcada por uma grande estrutura de madeira, essas evidências não foram encontradas nos outros túmulos masculinos em agrupamentos separados na mesma necrópole.

No entanto, a seleção dos depósitos não era desconexa daquela do posicionamento final da sepultura. Os símbolos mais expressivos de autoridade e ancestralidade na sepultura 49 podem estar relacionados ao lugar privilegiado em que seu sarcófago foi colocado no interior da Basílica de Saint-Denis, possivelmente próximo à suposta cova do santo. No final do século VI, o controle dos espaços funerários religiosos pelos eclesiásticos era forte, o que abria espaço

apenas para os membros mais ilustres da sociedade, em especial aqueles nas altas hierarquias da Igreja ou aqueles que foram notáveis por sua fé e seu apoio às instituições eclesíásticas<sup>354</sup>. Desse modo, é possível afirmar que o benefício do sepultamento dessa mulher na basílica pode ter sido mútuo: para a comunidade eclesíastica, por acolher e ligar sua fundação à memória de uma pessoa importante; para a família, que ancorou sua memória através da inumada em um local de alta visibilidade e prestígio, mas também que garantiu grande proteção divina para seus remanescentes através da intervenção do santo padroeiro.

Além do controle dos espaços, é possível que a preferência por sepultamentos menos elaborados já fosse mais presente na virada do século, especialmente em espaços cristãos fortemente institucionalizados. Isso pode ter levado os organizadores a colocar em cena apenas os objetos mais significativos durante seu funeral. Por sua vez, algo que fica claro na análise do *corpus*, e de todos os sepultamentos já descobertos desse período, é que não existiram regras ou barreiras intransponíveis. A topografia mortuária também é uma maneira de externalizar hierarquias e o túmulo B808 é um grande exemplo de como as dinâmicas de poder também escorrem para as cerimônias funerárias.

Como já discutido no Capítulo 2, esse complexo funerário é o único exemplo *intra muros* em Colônia. É notável também a proximidade da estrutura do centro de poder da cidade, o *praetorium/aula regia*. Esses aspectos são indicativos dos recursos materiais e da influência que a(s) família(s) dos inumados sepultados deveriam possuir para garantir esse local privilegiado na cidade. O espaço parece ter sido restrito, pois apenas 5 espaços tumulares foram encontrados até o momento. Ao analisar a distribuição de necrópoles na cidade, parece evidente a vontade deste grupo de ligar sua memória ao coração do centro político da cidade. É possível que a escolha também indique um desejo de romper com a tradição romana dos locais de sepultamento, não de maneira a manifestar uma identidade étnica bárbara, mas como uma maneira de marcar sua distinção dos demais inumados nas bordas da cidade. A alta visibilidade do espaço nas margens do rio Reno também pode ter sido um atrativo, marcando a presença do grupo na paisagem desse importante eixo de trocas. A alta circulação de pessoas por essa via pode ter influenciado a escolha da(s) família(s) de investir igualmente em um monumento funerário que marcaria para as próximas gerações o lugar de seus ancestrais.

---

<sup>354</sup> EFFROS, Bonnie. *Beyond cemetery walls... Op. cit.*, p. 15.

Como os demais exemplos do *corpus*, o monumento não parece ligado aos atributos de gênero da inumada, mas com a manifestação mais explícita de identidades coletivas dos descendentes. A câmara funerária em que a inumada se encontrava também coloca em xeque a categorização baseada no gênero dos contentores funerários, nos levando a pensar que as diferenças podem estar mais relacionadas ao ambiente em que as sepulturas estavam inseridas e, eventualmente, à posição social ocupada pela inumada. A fossa da sepultura 146 possuía um tamanho considerável (3,20 m x 1,41 m, prof. 1,45 m), maior que as fossas das sepulturas 11 (2,75 m x 1,4 m, prof. 80 cm)<sup>355</sup> e 13 de Saint-Dizier (2,5 m x 1,6 m, prof. 75 cm)<sup>356</sup>, e o trabalho desempenhado para a construção do túmulo pode ter sido tão dispendioso como se estivesse em uma câmara funerária.

Os depósitos na sepultura B808 podem estar relacionados com o espaço e com a possível situação em que a família se encontrava. Os indícios mais relacionados ao poder político nos objetos são o bracelete e os colares de moedas, ambos itens caracteristicamente femininos. O primeiro exemplo, feito de ouro, é um grande marcador do pertencimento familiar à aristocracia e estima-se que apenas 10% dos túmulos de mulheres já escavados possuam um exemplar. Um exemplo de prata foi encontrado na sepultura 12 de Saint-Dizier, e ao considerá-lo em conjunto com o pomo de espada da sepultura 11, que ainda mantinha seu anel (que pode ter significado a ocupação de um cargo público pelo dono da espada), podemos inferir a importância para as famílias da exibição desses símbolos conectados a altas posições sociais, a rituais públicos onde são recebidos ou transferidos e, possivelmente, a relações de fidelidade e a ligações com o poder real.

Os pingentes nos colares da sepultura B808 são igualmente simbólicos, mas é possível que, mesmo para a audiência contemporânea, as mensagens transmitidas não sejam tão explícitas quanto as dos braceletes, que provavelmente marcavam funções que apenas para nós foram perdidas. Percebe-se que parte da sua relevância vem do alto custo do material, especialmente no caso de Colônia onde os pingentes-moedas eram intercalados por pingentes incrustados de granadas. A datação antiga das moedas também remete à circulação desses objetos através de gerações, provavelmente fora dos circuitos comerciais. Por outro lado, assim como no Leste, elas podem ter evocado o poder desses imperadores de maneira amulética da

---

<sup>355</sup> PARESYS, Cécile; TRUC, Marie-Cécile. La sépulture n°11. In: TRUC, Marie-Cécile (Org.). Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)... *Op. cit.*, p. 66.

<sup>356</sup> PARESYS, Cécile; TRUC, Marie-Cécile. La sépulture n°13. In: TRUC, Marie-Cécile (Org.). Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)... *Op. cit.*, p. 80

mesma forma que os pingentes de dentes ou garras de grandes predadores<sup>357</sup>. A ordem em que as moedas foram colocadas no colar da inumada não parece aleatória, pois se percebe uma ordenação cronológica dos exemplares mais antigos nas extremidades para os mais recentes no meio. É também interessante notar que o *solidus* de Teodósio II (408 – 450) está separado das demais, em um cordão de ouro próprio, mas o motivo por trás do destaque, se houve algum, é desconhecido para nós.

A sepultura B808 possui a maior quantidade de recipientes, com a maior variedade de tipos, assim como a maior quantidade de moedas depositadas diretamente no sepultamento (ou seja, sem contar com as moedas nos colares). O caixão também é o único exemplo do corpus com vestígios de um tecido de lã colocado sobre ele. Como indicado anteriormente, parte desses itens pode ter sido dada como presentes, para reconhecer os laços com a inumada e reforçar aqueles com os organizadores. Se relacionarmos a maior presença desses objetos, que são mais utilizados em manifestações de aliança e de formação de comunidade, com a alta presença de mercúrio no esqueleto da mulher, que teria levado-a à morte, é possível inferir não só a necessidade, mas também o ímpeto de seus familiares e dos espectadores de enfatizar esses laços comunitários e afetivos.

Além do mais, o contexto mortuário como encontrado pelos arqueólogos não diz respeito a quatro mulheres vivas, construída por ideais de gênero, mas especificamente sobre quatro mulheres mortas em suas sepulturas. Os artefatos que as acompanharam não só são associados às relações de gênero, mas são objetos apropriados para sua transição do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, na memória de seus familiares<sup>358</sup>. Parafraseando Frans Theuws, o ritual funerário tem a mesma função de uma hagiografia, sendo um elemento importante na transformação da pessoa histórica viva em uma pessoa morta, possivelmente com importantes funções ancestrais<sup>359</sup>.

A louça, em particular, pode ter auxiliado nessa transição, marcando mais enfaticamente o funeral como um evento dentro do ciclo de vida de cada uma das quatro mulheres. Considero que os recipientes, assim como as moedas, são os objetos que menos apresentam sinais de uma possessão individual e são encontradas em quase todos túmulos, independente do sexo da pessoa enterrada. Eles podem ser sinais de status e de riqueza, especialmente por simbolizar

---

<sup>357</sup> KORNBLUTH, Geneva. Amulets and Identity in the Merovingian World. *Op. cit.*, p. 946.

<sup>358</sup> SØRENSON, Marie Louise Stig. Gender, Things and Material Culture. *Op. cit.*, p. 17.

<sup>359</sup> THEUWS, Frans. Burial Archaeology and the Transformation of the Roman World... *Op. cit.*, p. 139.

circulações e práticas aristocráticas, mas também podem ser vistos como maneiras de integrar o morto em sua própria celebração, sendo presentes ou mesmo cheios de alimentos cujos vestígios desapareceram do registro arqueológico. O único item no sarcófago 49 pode ser indicativo de uma transição mais facilitada, de alguém que já passou pelos demais eventos importantes no ciclo da vida de uma mulher da elite, portando símbolos que podem ter enfatizado seu lugar ancestral em sua família.

A ênfase nos atributos generificados dos quatro sepultamentos pode indicar uma preocupação dos organizadores de construir uma memória familiar através das inumadas, pois os papéis generificados – as circulações generificadas – são essenciais na perpetuação biológica da família, na manutenção ou na reivindicação de prestígio e na transmissão de seu patrimônio. Assim como em outros rituais, essas quatro mulheres deixaram de ser indivíduos históricos particulares e são transformadas em vetores de notoriedade familiar, em “tesouros animados”, segundo as características que seus próximos buscavam colocar em evidência. A maior quantidade de objetos pode estar mais relacionada à maior importância pública que mulheres mais novas tinham, por estarem mais ligadas às estratégias familiares, do que a transposição da valorização reprodutiva expressa nas leis dos francos. Seus papéis estavam mais relacionados às pontes que estabeleciam, materializadas na exibição dos objetos. Dada a perenidade do discurso dos depósitos, a construção da memória familiar a partir dessas mulheres pode ter evocado tais relações para a audiência, servindo uma última vez de espaço para interações entre os grupos. Ao considerar a localização das principais sedes reais e a importância das relações de amizade com os Grandes e com a família merovíngia, é possível nos questionar sobre a relação das cerimônias públicas, focadas no discurso da memória familiar e das relações entre os grupos, e sua maior proximidade aos centros políticos da Gália.

#### **b. As circulações de objetos, estilos e práticas sociais**

No decorrer do texto, fica claro que considerar a circulação dos objetos é essencial para minha análise. Algumas modalidades já foram discutidas no tópico e nos capítulos precedentes, mas, até o momento, meu foco foi as trocas realizadas no interior das famílias ou entre os grupos de elite. Em outras palavras, as trocas feitas fora dos circuitos comerciais e realizadas especialmente em rituais públicos. Os funerais também fazem parte dessas circulações: os objetos podem ter simbolizado essas transferências, mas seu depósito também elevava a

ostentação de riqueza da cerimônia, dada a destruição de bens tão valiosos chegado o seu término. No tópico a seguir, as discussões sobre a conexão entre as diferentes regiões e as circulações de objetos que as evidenciam prosseguirão, mas com vistas a demonstrar a variedade de modos funerários femininos, a relacionar as práticas de deposição de bens com desenvolvimentos políticos do período e a questionar a existência das fronteiras historiográficas delimitadas para essa prática.

O sistema de trocas não foi dominado por um tipo particular de transferência, como presentes ou mercadorias, mas foi formado por uma série de formas articuladas de trocas. Cada modalidade também não era confinada a agentes específicos, sendo quase todos, de camponeses a reis, envolvidos em uma variedade de espécies de trocas<sup>360</sup>. O sistema era extremamente dinâmico e possuía características surpreendentes, como colocado por Chris Wickham ao afirmar que as trocas do Norte da Gália só perdiam em intensidade para o sistema de trocas no Vale do Nilo<sup>361</sup>. Essas redes, que incluíam rotas de longuíssima distância, não só diziam respeito a objetos como produtos finais, mas também aos materiais empregados em sua produção, que, graças ao avanço tecnológico das últimas décadas, começam a ser profundamente analisados. Como já dito no Capítulo 2, meu objetivo não é me aprofundar em cada tipo de objeto, suas técnicas de produção e sua difusão. Os debates presentes neste tópico são aqueles relacionados a certos objetos encontrados nas quatro sepulturas do *corpus* e, ainda assim, não pretendo, e nem conseguiria, exaurir essas questões.

As granadas são muito presentes nos objetos do século VI, tanto naqueles encontrados na Gália quanto nos encontrados outros reinos bárbaros<sup>362</sup>. Sua predileção e sua distribuição não podem ser separadas da difusão do estilo *cloisonné*, técnica de decoração que consiste em dispor as granadas em peças metálicas (como ouro, cobre ou ferro), de modo a formar um mosaico. O estilo, que se desenvolveu no Oriente Médio e Próximo, provavelmente alcançou as partes mais setentrionais da Europa no século V através de trocas com o Império Romano do Oriente. A partir do século VII, o *cloisonné* progressivamente desapareceu<sup>363</sup>, ao menos no

---

<sup>360</sup> THEUWS, Frans. Long-Distance Trade and the Rural Population of Northern Gaul. In: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Merovingian World**. *Op. cit.*, p. 906.

<sup>361</sup> WICKHAM, Chris. **Framing the Early Middle Ages**. Europe and the Mediterranean 400–800. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 803.

<sup>362</sup> CALLIGARO, Thomas *et al*, Contribution à l'étude des grenats mérovingiens (Basilique de Saint-Denis et autres collections du musée d'Archéologie nationale, diverses collections publiques et objets de fouilles récentes). Nouvelles analyses gemmologiques et géochimiques effectuées au Centre de Recherche et de Restauration des Musées de France, **Antiquités nationales**, 38, 2006, p. 112.

<sup>363</sup> PÉRIN, Patrick. Cloisonné. In: DUMÉZIL, Bruno (Org.). **Les Barbares**, p. 420-423.



contexto funerário. As miçangas, especialmente as de vidro, também conheceram um grande sucesso na Gália setentrional e são encontradas em uma grande diversidade de cores, formas e decorações, evidenciando o gosto particular da população pela policromia<sup>364</sup>.

A partir da análise das granadas e das miçangas, as ligações entre o Norte da Gália e o mundo Indo-Pacífico são continuamente restabelecidas, pois grande parte dos exemplos encontrados nas sepulturas da Alta Idade Média são importações deste último. Todas as pequenas miçangas (com diâmetro inferior a 2,5 mm) encontradas em necrópoles do período merovíngio nas atuais França e Bélgica têm uma composição muito próxima daquelas fabricadas nos atuais Índia e Sri Lanka. Acredita-se que elas venham então dos mesmos centros de produção. As demais miçangas de vidro sodo-cálcico eram produzidas no Oriente-Próximo<sup>365</sup>, sendo as de âmbar possivelmente do Mar Báltico<sup>366</sup>.

O vidro era então o material predominante dessas miçangas, mas o *corpus* da pesquisa evidencia a diversidade de materiais e de formas mencionada: das 53 miçangas encontradas na sepultura 146, 52 são de âmbar, cerâmica e vidro e uma de silício; em Colônia, o colar era composto por 16 miçangas de vidro extremamente diversas (mas sem origem informada), 2 de âmbar e 1 de ouro com filigranas; já as miçangas de “La Tuilerie” são as notáveis pela excepcionalidade de sua distribuição. As miçangas do colar e do “plastrão” provavelmente vieram do Oriente-Próximo, salvo as anelares, que podem ser do Subcontinente Indiano. Como dito anteriormente, o tipo de distribuição de miçangas ao longo do tórax é pouco conhecido no Norte da Gália, mas exemplos similares foram encontrados em territórios a Leste, sob o domínio dos Alamanos, e na Grã-Bretanha, mas presas como um penduricalho. Na sepultura 12, a hipótese mais provável é que elas foram costuras na borda de suas vestes, em uma mortalha ou em uma bolsa depositada no peito da jovem.

Das granadas do século VI que puderam ser submetidas a análises atômicas, a esmagadora maioria também tem uma origem indo-pacífica, notavelmente do Subcontinente Indiano. Os denominados tipos I e II caracterizam as almandinas do atual Rajastão (Índia); o tipo III caracteriza as *pyraldin* do atual Sri Lanka; o tipo IV caracteriza os piropos não-cromíferos do atual Portugal e, por fim, o tipo V caracteriza os piropos ricos em cromo da

---

<sup>364</sup> PION, Constantin. Les perles en verre en Gaule mérovingienne (Ve-VIIIe siècles). *Op. cit.*, n. p.

<sup>365</sup> DE POORTER, Alexandra *et al*, Made in India : des perles en verre provenant d’Asie du Sud en Gaule mérovingienne. In: BOUBE, Emmanuelle *et al* (Orgs.). **XXXIVe Journées Internationales d’Archéologie Mérovingienne**, Association Française d’Archéologie Mérovingienne, Bulletin de liaison, 2013, p. 69.

<sup>366</sup> PION, Constantin. Les perles en verre en Gaule mérovingienne (Ve-VIIIe siècles). *Op. cit.*, n. p.

Boêmia. A partir do século VII, os exemplares asiáticos perdem espaço para as gemas extraídas em minas do continente europeu<sup>367</sup>.

O tipo das granadas da necrópole de Bossut-Gottechain não foi especificado, mas aquelas nos adornos das sepulturas 12 e B808 são almandinas indianas. Os exemplos dos objetos da sepultura 49 são de tipos e origens diferentes: todas as granadas das fíbulas discoides são dos tipos I e II; das 17 granadas no cinto, 15 são dos tipos I e II, 1 é do tipo III e 1 é do tipo IV; das 34 granadas no grande pino, 2 são do tipo I, 6 do tipo III e 26 do tipo IV.

As regiões mencionadas parecem terem sido as únicas fontes de oferecimento de granadas do período altomedieval<sup>368</sup>. Ainda é incerto quais redes de distribuição mantinham o fluxo do Subcontinente Indiano em direção à Europa Central. Uma pista pode ser a recente descoberta em Alexandria (Egito) de vestígios arqueológicos de oficinas de modelagem de gemas, em particular de granadas, que permitiu o exame de numerosos exemplares dos tipos I e II em diferentes fases de cortes necessários para o *cloisonné*<sup>369</sup>.

Os centros de produção e os modos de distribuição das miçangas de vidro também permanecem obscuros, mesmo elas sendo encontradas em impressionantes quantidades nas necrópoles. Até o momento, os únicos vestígios de centros de trabalho na Gália vêm, em sua maioria, do Vale do Mosa, nos centros urbanos de Huy, Namur e Maastricht. O material descoberto nesses centros é apenas referente à fabricação de miçangas “enroladas”; nenhum traço de produção de miçangas “alongadas” foi encontrado nas mesmas regiões<sup>370</sup>. As miçangas indo-pacíficas tornam-se mais raras após a década de 530 e, assim como as granadas

---

<sup>367</sup> CALLIGARO, Thomas; PÉRIN, Patrick, Le commerce des grenats à l'époque mérovingienne, **Archéopages**. Les archéologues face à l'économie, Hors Série, 5, 2019, p. 113.

<sup>368</sup> *Ibid.*, p. 118–119.

<sup>369</sup> *Ibid.*, p. 119.

<sup>370</sup> PION, Constantin. Les perles en verre en Gaule mérovingienne (Ve-VIIIe siècles). *Op. cit.*, n. p. Os nomes das duas técnicas de fabricação foram traduzidos dos termos “*enrouléss*” e “*étirées*” de Constantin Pion *et al.*: “*La première technique consiste à enrouler une masse de verre fondu autour d'une tige de fer en rotation (le mandrin). Du nombre de tours et de l'épaisseur du filet de verre dépend le format des perles. Les perles étirées sont quant à elles fabriquées par segmentation de minces tubes de verre creux, obtenus par l'étirement d'une masse de verre à l'intérieur de laquelle est emprisonnée une bulle d'air. Leur débitage en perles peut se faire de deux manières. L'une nécessite de réchauffer le tube, probablement après l'avoir enfilé sur une tige métallique, pour permettre de l'étrangler à distance régulière. Ces étranglements peuvent se faire individuellement au moyen d'un outil contondant ou collectivement en roulant le tube de verre sur un moule « ondulé » (probablement en pierre). De la forme de ces moules dépend celle des perles. Le tube est ensuite sectionné au niveau des étranglements en segments simples ou multiples. La seconde méthode, moins couramment observée en Gaule, consiste à découper à froid le tube en petits segments cylindriques qui présentent alors une coupure nette au niveau des bords. Les perles sont le plus souvent réchauffées à basse température pour leur conférer une forme arrondie.*” DE POORTER *et al.* Made in India : des perles en verre provenant d'Asie du Sud en Gaule mérovingienne, *Op. cit.*, p. 69.

indianas, gradualmente desaparecem no século VII<sup>371</sup>. A hipótese apontada por Sethuraman Suresh e Rajan Karai Gowder é que, devido à instabilidade política dos reinos austrais na Índia e a perda de poder daqueles que financiavam os comboios comerciais, o grande comércio marítimo via Oceano Índico e Mar Vermelho, existente desde o século II AEC, pode ter perdido força no século IV EC. As granadas e as miçangas seriam então algumas das últimas sobreviventes dessa grande rede de trocas marítimas (fig. 4.2.1)<sup>372</sup>.

Um estudo mais aprofundado é necessário para verificar se a ruptura da provisão de granadas e miçangas seria o reflexo de um fenômeno econômico muito mais abrangente. Por exemplo, é preciso investigar se outras gemas originárias do Subcontinente Indiano ainda são recorrentes no Ocidente depois de 600, como as ametistas. Ao mesmo tempo, se houve um declínio nas rotas marítimas, outras vias terrestres podem ter sido utilizadas, como as famosas Rotas da Seda. Parece improvável que o provisionamento de temperos, perfumes, tecido e outras gemas por vias marítimas tenha cessado no século VII. O custo de transporte do Rajastão, principal região mineradora de granadas, até os *emporium* marítimos no Golfo de Bengala pode ter sido muito alto para sustentar a empreitada, especialmente dado que essas gemas não eram valorizadas na região e eram pouco usadas nos adornos encontrados na Índia<sup>373</sup>.

A proveniência dos objetos em si é mais complexa de ser inferida. Referências à moda e aos marcadores de prestígio do Império Romano Oriental (e suas zonas de influência) são muito presentes nos túmulos da Gália e algumas importações foram identificadas pelos arqueólogos que trabalharam no mobiliário do *corpus*. As mangas da vestimenta da inumada 49 foram enfeitadas com tiras de samit de estilo sassânida e seu véu era romano-oriental, assim como o tecido de lã colocado sobre o caixão da sepultura B808. Já os seus sapatos de couro foram classificados como fabricados em Roma por sua morfologia e decoração, mas não é possível distinguir se se tratava de uma importação ou da difusão de seu estilo. O mesmo pode ser dito dos brincos com pingentes poliédricos das sepulturas 146 e B808, que são muito similares a exemplos encontrados primeiramente na Panônia, no século IV. Outros paralelos desses brincos são também encontrados no Sul da atual Rússia e na Criméia<sup>374</sup>, mas não temos

---

<sup>371</sup> CALLIGARO, Thomas *et al.* Bead and garnet trade between the Merovingian, Mediterranean, and Indian worlds. In: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Merovingian World**. *Op. cit.*, p. 834.

<sup>372</sup> PÉRIN, Patrick. Portrait posthume d'une reine mérovingienne... *Op. cit.*, p. 1026.

<sup>373</sup> *Ibid.*, 119-120.

<sup>374</sup> ADAMS, Noël. **Bright Lights in the Dark Ages...** *Op. cit.*, p. 118.

elementos suficientes para atribuí-los uma origem comum, independente da existência de exemplares anteriores em uma determinada região.

Mesmo quando a identificação de proveniência pode ser estabelecida, não podemos ignorar que as matérias-primas podem ter sido trabalhadas ou modificadas em outras localidades, assim como partes de objetos podem ter sido separadas e reutilizadas em outros contextos. Por vezes, análises muito preocupadas com esse tipo de resultado ignoram a existência da difusão e da reapropriação de diferentes estilos de produção e de decoração, característicos dos ateliês altomedievais. Ademais, a relação direta entre local de produção e morfologia do objeto frequentemente extrapolou-se para uma relação direta entre identificação de proveniência e identificação dos inumados, como já discutido no Capítulo 1.

Um argumento utilizado para estabelecer a origem real da inumada B808 foi a presença do bracelete pistão, que provaria sua origem como filha de um rei Gépida<sup>375</sup>. A presença do mesmo bracelete (mas de prata) na sepultura 12 e em outros túmulos entre os rios Sena e Reno, especialmente nos cursos de água da região do Mittelrhein<sup>376</sup>, colocam em xeque essa atribuição. Exemplares de suas fíbulas rosetas são encontradas em abundância no Império Romano Oriental, enquanto suas fíbulas arqueadas são mais difundidas na atual região da Turíngia, o que não se encaixa na reconstrução proposta da etnia da inumada. As bacias com alças encontradas nas sepulturas B808 e 146 também parecem ter uma origem mediterrânica, como parecem atestar as descobertas no território imperial, mas são frequentemente encontradas entre os rios Reno e Mosa<sup>377</sup>.

Como dito anteriormente, as fontes escritas trazem muitos exemplos de trocas de presentes, especialmente entre as cortes francas e bizantinas. Nós também possuímos muitas informações sobre as princesas estrangeiras que se casaram com os reis merovíngios e seus filhos, assim como muitas princesas francas foram enviadas para outras cortes bárbaras. No entanto, essas personagens não compõem a totalidade de mulheres enterradas na Gália e não podemos assumir que todos os objetos com supostas origens mediterrânicas só circulavam nos círculos onde a troca de presentes entre reinos e impérios aconteciam.

---

<sup>375</sup> RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts... *Op. cit.*, p. 89–90.

<sup>376</sup> TRUC, Marie-Cécile. Le bracelet. *In*: TRUC (Org.), **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)**... *Op. cit.*, p. 103.

<sup>377</sup> BELL, Bruno; TRUC, Marie-Cécile. Les récipients en alliage cuivreux. *In*: TRUC, Marie-Cécile. (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)**... *Op. cit.*, p. 161.

Analisar a circulação dos objetos nos fornece um contraponto a interpretações que os enxergam como símbolos étnicos ou mesmo como evidências da progressão dos francos na Gália. É preciso enfatizar a variedade de objetos com estilos diferentes encontrados nas sepulturas das mulheres, o que mostra a impossibilidade de categorizá-las quantitativamente com base em conjuntos de artefatos específicos. A distribuição de objetos similares, com variações nos modos de produção e nas decorações, nos mostra que nem todos vieram dos mesmos centros<sup>378</sup>. Os poucos exemplos citados ao longo do texto evidenciam um sistema de trocas no qual circulavam não só os objetos, mas também o conhecimento para produzi-los e para transformá-los de acordo com o gosto local ou a pedido do solicitador.

Um exemplo é o cinto da inumada 49: segundo seus estudiosos, ele pertenceria a uma série de cintos de bronze característicos do Oeste da Gália (da Aquitânia até a Picardia), do *Méovingien récent*<sup>379</sup> (600/610 – 630/640), sendo totalmente original no período proposto da inumação (571 – 582 ou 580 – 600)<sup>380</sup>. Por sua vez, ele traz padrões bem conhecidos do *Méovingien ancient 2 e 3* (MA2: 520/530 – 560/570; MA3: 560/570 – 600/610). O grande aro da fivela seria típico dos cintos da Aquitânia datados do *Méovingien récent*, mas modelos parecidos são encontrados na região da posterior Nêustria a partir do *Méovingien ancient 1* (470/480 – 520/530), mais raramente no MA3<sup>381</sup>. As atribuições cronológicas para o mobiliário

---

<sup>378</sup> THEUWS, Frans. Long-Distance Trade and the Rural Population of Northern Gaul... *Op. cit.*, p. 894–895. Para Theuws, os objetos não são exclusivos das elites e sua difusão pelo território não é “*top to bottom*” como a historiografia costuma colocar. O autor enfatiza a participação da audiência na cerimônia funerária, sendo os depósitos, mesmo em grandes quantidades, frutos de presentes de toda a comunidade. Os túmulos não representariam uma pessoa histórica, mas seriam o resultado de um esforço coletivo para criar ancestrais com capacidades protetoras (os homens com armas) e reprodutivas (as mulheres com adornos). Essa interpretação coloca em questão o conceito moderno de personalidade (*personhood*), baseado no individualismo que é implicitamente presente nas leituras dos túmulos do período. THEUWS, Frans. THEUWS, Frans. Burial Archaeology and the Transformation of the Roman World... *Op. cit.*, p. 136. A abordagem de Theuws é interessante, buscando quebrar com paradigmas que dividem os indivíduos entre aristocracia e campesinato ou ricos e pobres. Sua interpretação também leva em conta a participação dos presentes e a importância do gesto de depositar bens em rituais públicos. Contudo, penso que o autor minimiza as dinâmicas do poder e a competição por posições sociais que tornam tão importantes as exibições públicas dos indivíduos e dos objetos. Além do mais, não há evidências explícitas da relação de objetos específicos (como armas e adornos) com funções protetoras e reprodutivas que agiriam sobre a comunidade. Por outro lado, é possível identificar símbolos de autoridade e status projetados aos mortos e às suas famílias.

<sup>379</sup> As datações apresentadas no parágrafo foram estabelecidas em: LEGOUX, Renée; PÉRIN, Patrick; VALLET, Françoise, Chronologie normalisée du mobilier funéraire mérovingien entre Manche et Lorraine, **Bulletin de liaison de l'AFAM**, Hors série, 2004.

<sup>380</sup> É importante acrescentar que a diferença da datação diz respeito às diferentes evidências mobilizadas, sendo o primeiro intervalo (571–582) baseado na identificação da inumada com a rainha Aregonda – portanto, uma datação baseada nas evidências históricas – e o segundo intervalo (580 – 600) baseado na tipocronologia do mobiliário da época merovíngia encontrado entre o canal da Mancha e a Lorena de Renée Legoux, Patrick Périn e Françoise Vallet. PÉRIN, Patrick. Portrait posthume d'une reine mérovingienne... *Op. cit.*, p. 1035-1042.

<sup>381</sup> PÉRIN, Patrick. Portrait posthume d'une reine mérovingienne... *Op. cit.*, p. 1037–1041.

tumular deste contexto despertam críticas<sup>382</sup>, mas meu objetivo ao trazê-las para a argumentação é evidenciar a dinâmica da produção desses objetos, onde artesãos mobilizavam diferentes técnicas e se apropriavam de diferentes referências em suas criações.

As fíbulas são grandes exemplos desses desenvolvimentos. É possível perceber tendências nos *designs* gerais<sup>383</sup>, mas grandes diferenças nos formatos, nas decorações e nos materiais utilizados. As “bases” mais presentes no Norte da Gália são os modelos arqueados (como as das sepulturas 12 e B808), as discoides (como as das sepulturas 12 e 49) e rosetas (como as da sepultura B808), as com formato de ave (como as da sepultura 146) e as com formato de “S”. Um rápido olhar pelos exemplos citados do corpus demonstra a variedade de formas e materiais empregados a partir de bases semelhantes, mostrando não só a grande circulação dos objetos, mas também a grande difusão dos estilos pela Gália.

Essa propagação era facilitada pela infraestrutura relativamente boa do Norte, com a manutenção de velhas estradas romanas e com a grande importância dos rios como rotas de comunicação. Frans Theuws, ao mapear os maiores rios, as estradas e as aglomerações conhecidas, afirmou que ninguém morava a mais de 50 quilômetros dos principais rios<sup>384</sup>. Enquanto a afirmação pode ser problemática, dada a dificuldade da identificação dos assentamentos rurais, é notável a conectividade da área, especialmente se considerarmos as vias fluviais. Essas redes de comunicações não só serviam para a difusão de bens importados e de seus estilos, mas também de matéria-prima e de mercadorias de outras partes da Gália (como, por exemplo, os sarcófagos já citados anteriormente) e para outras regiões, notavelmente para a Inglaterra anglo-saxã. As bacias de bordas peroladas, como a da sepultura 12, são bem difundidas entre os rios Mosa e Reno, especialmente entre Colônia e Worms e entre Namur e Liège, mas elas também são encontradas de maneira mais difusa no Sudeste da Inglaterra, no Norte da atual França e nos territórios controlados pelos alamanos<sup>385</sup>. O mesmo pode ser dito

---

<sup>382</sup> As tipocronologias podem ser muito úteis para organizar os achados arqueológicos, facilitar comparações entre objetos similares e mesmo fornecer referências temporais. Contudo, muitas críticas podem ser feitas a sua aplicação para a análise de objetos que não são feitos em séries e, especialmente, para datar conjuntos funerários. Ignora-se não só os elementos simbólicos, mas o fato de que os objetos são passados entre muitas gerações. As datações do cinto da sepultura 49 foram evocadas aqui para evidenciar a articulação entre diferentes estilos e modos de produção na sua elaboração, mas, em última instância, elas servem na argumentação exatamente para mostrar as bases fracas dessas determinações estritas, que escondem a fluidez da criatividade dos artesãos da Alta Idade Média, não restrita a barreiras temporais bem delimitadas.

<sup>383</sup> BROWNLEE, Emma. Connectivity and funerary change in early medieval Europe. *Op. cit.*, p. 157.

<sup>384</sup> THEUWS, Frans. Long-Distance Trade and the Rural Population of Northern Gaul. *Op. cit.*, p. 888.

<sup>385</sup> TRUC, Marie-Cécile. La vaiselle. In: TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)...** *Op. cit.*, p. 159.

sobre as áreas de difusão dos baldes com decorações de ferro<sup>386</sup>, presentes nas sepulturas B808, 146 e na sepultura 13 de “La Tuilerie” (inumação do homem mais velho).

Além dos estilos, símbolos também podem ter viajado quilômetros até sua deposição dos túmulos. Um exemplo são as chaves como marcadoras do papel de senhora da casa; embora sua ausência em certos sepultamentos não signifique que as mulheres não desempenhassem essa posição, sua presença pode ser indicativa de um discurso específico sobre as mulheres que os possuíam e as suas famílias. A deposição das chaves não é muito praticada na Gália do Norte, ao menos se comparada ao Sudeste da Inglaterra, onde é muito difundida<sup>387</sup>. Exemplos de chaves nos túmulos de mulheres, ainda que mais raros, podem ser encontrados em necrópoles do século VI na Hungria. Segundo Irene Barbiera, elas seriam fortemente ligadas à construção do gênero feminino<sup>388</sup>. As breves comparações demonstram a difusão de objetos e estilos, mas também de práticas, onde certos atributos de gênero são destacados nos momentos funerários. Essa perspectiva abre enormes possibilidades para a investigação comparativa da importância da manifestação de funções generificadas nos rituais públicos dos reinos bárbaros.

De um lado, no tópico precedente, vimos a variedade de referências simbólicas dos espaços funerários, dos monumentos e dos objetos, vetores das relações familiares através da exibição de riqueza; de outro, neste tópico, percebemos a grande circulação de objetos, estilos e práticas, reveladores das conexões entre as regiões e mesmo das preferências locais, que também tiveram um impacto na seleção dos depósitos. Independente da idade das inumadas, os objetos enterrados não se encaixam em agrupamentos bem definidos, seguindo uma progressão cumulativa. Pode-se dizer que existem tendências de vestuário (por exemplo, a presença de anéis ou de fíbulas), mas se apenas considerarmos o que os túmulos possuem de igual, teremos mais “*fuzzy data*”<sup>389</sup> do que um conjunto funerário homogêneo. A variabilidade não só diz respeito à difusão de objetos e estilos, mas também ao fato de que as cerimônias funerárias faziam parte das estratégias empregadas pelas famílias, que escolhiam quais mensagens e quais relações gostariam de enfatizar através do funeral. Propor uma correspondência entre conjuntos de objetos e o estatuto dos indivíduos, como fez Christlein, parece ainda mais distante ao se tratar de túmulos de mulheres.

---

<sup>386</sup> TRUC, Marie-Cécile. La vaiselle. In: TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne)**... *Op. cit.*, p. 169.

<sup>387</sup> HÄRKE, Heinrich. Gender representation in early Medieval burials... *Op. cit.*, p. 130.

<sup>388</sup> BARBIERA, Irene. Memory of a better death... *Op. cit.*, p. 69.

<sup>389</sup> THEUWS, Frans. Burial Archaeology and the Transformation of the Roman World... *Op. cit.*, p. 138.

Desse modo, é possível colocar em questão a utilização de expressões como “padronização do vestuário feminino”, que podem levar ao apagamento da riqueza dos materiais, dos modos de se vestir e das práticas sociais no Norte da Gália. A expressão, mesmo referindo-se a uma tendência, coloca demasiada ênfase na existência de um modelo, deixando de fora todos os elementos que estão fora do padrão e não considerando as especificidades locais e a evolução constante das práticas. Os indivíduos não eram receptores passivos de uma cultura imposta de maneiras desconhecidas, mas refletiam sobre as fontes culturais disponíveis a eles e desenvolviam novos repertórios ritualísticos. A percepção dos rituais funerários como uma estratégia retórica diverge então do paradigma de que as pessoas seguiam, sem questionar, um plano de expressões de identidades étnicas, de papéis de gênero e de posições sociais<sup>390</sup>. Não é também possível afirmar que o que foi colocado nas sepulturas é representativo do que foi vestido pela mulher em vida, independente da situação em que ela se encontrava.

Questionar a existência de modelos nos ajuda a enxergar as cerimônias funerárias e, especificamente, os depósitos funerários para além de barreiras espaciais e cronológicas. A conectividade demonstrada até aqui não só foi responsável pela difusão dos materiais, mas também pode ter sido um elemento importante na disseminação da prática de deposição, evidenciada principalmente pela relativa correspondência temporal dos objetos tumulares entre as regiões setentrionais do continente<sup>391</sup>. Contudo, as especificidades e as necessidades locais teriam levado à utilização da prática e a suas adaptações. Como dito no Capítulo 1, a prática de deposição de bens já era conhecida no Norte da Gália desde o século IV, mas é no final do século V e início do século VI que a quantidade de sepulturas com mobiliário e que o número de objetos em seus interiores atingem seus ápices. A difusão da prática acentuada de deposição de objetos nesse período não é um símbolo da expansão franca pelo território, mas pode ter ocorrido graças às oportunidades e os benefícios que apresentavam para as populações do Norte na virada do século e nos primeiros anos da formação do Reino dos Francos.

As cerimônias funerárias foram eventos de congregação das comunidades e de rearranjo das identidades, perturbadas pelo vácuo social deixado pelos mortos. Os depósitos funerários são indícios dos caracteres públicos e participativos dessas cerimônias, evidenciando a importância da exibição dos indivíduos na retórica funerária e nas dinâmicas sociais envolvidas na celebração. Essa prática pode ter sido particularmente útil em momentos em que as redes de

---

<sup>390</sup> THEUWS, Frans. *Burial Archaeology and the Transformation of the Roman World...* *Op. cit.*, p. 132-137.

<sup>391</sup> BROWNLEE, Emma. *Connectivity and funerary change in early medieval Europe*, *Op. cit.*, p. 153.



aliança eram essenciais para a posição social das famílias, especialmente aquelas em que os reis estavam envolvidos. Aproveitar-se dos funerais – baseados em práticas já existentes de deposição de bens – e das mensagens que podiam ser expressadas durante eles pode ter sido uma estratégia importante para os grupos que moravam próximos aos centros de poder do reino.

A competição social pode não ser o fator determinante na prática de deposição funerária, mas ela parece ter sido significativa em determinados momentos e locais, levando as famílias a investirem suas riquezas em manifestações públicas que reforçassem seus lugares dentro de suas comunidades. Nesse sentido, as cerimônias funerárias também podem ser vistas em termos de estratégias, empregadas e adaptadas segundo situações específicas. Ao invés de uma divisão entre o Norte e o Sul da Gália, as práticas funerárias mostram que diferentes recursos eram mobilizados pelas famílias de acordo com as suas necessidades, as dinâmicas políticas de sua região e as bases sociais e econômicas que mantinham o privilégio das elites.

## Considerações finais

A importância dos depósitos funerários parece gradativamente diminuir no final do século VII, o que não significou sua interrupção. Como colocado no Capítulo 1, a deposição de certos itens perdurou durante os séculos seguintes e, mesmo na Gália, inumações com grandes quantidades de objetos ainda podem ser encontradas após seu ápice no século VI. Um exemplo é o caso da menina, de quatro a cinco anos, encontrada no subsolo da atual Catedral Imperial de São Bartolomeu (Frankfurt, Alemanha) com anéis, braceletes, brincos, fíbulas e muitos outros exemplares de adornos e de recipientes. O túmulo foi datado do século VIII. Ao seu lado, as cinzas de uma outra criança foram depositadas em um vaso de cerâmica, indicando a possível coexistência de dois ritos funerários naquela comunidade<sup>392</sup>.

As práticas funerárias estão relacionadas às necessidades específicas dos grupos sociais, que não as seguem como modelos pré-estabelecidos. Desse modo, a deposição de bens pode ter sido empregada em momentos em que a exibição pública e a congregação da comunidade foram os elementos mais importantes para o ordenamento social, independente de fronteiras temporais ou espaciais (que, por vezes, são frutos de modelos historiográficos). No caso das mulheres, seus papéis nas estratégias familiares estavam estreitamente ligados às relações que estabeleciam; os objetos que as evocavam foram então colocados no primeiro plano na construção da memória familiar em seus túmulos.

Por mais que a origem familiar não fosse o maior atributo distintivo dos indivíduos na Gália do século VI, pertencer a uma família ilustre era a melhor maneira de alcançar os cargos administrativos na gestão do Reino dos Francos. Além do mais, os grandes aristocratas do reino não estavam sempre prontos para aceitar por genros aqueles homens que só deviam sua posição à vontade real. A realidade do mercado matrimonial, que era mais aberto que o do Império Romano, pode ter sido diferente do que os autores aristocratas das fontes nos dizem<sup>393</sup>, mas é perceptível a preocupação nas fontes textuais e funerárias com a manifestação do pertencimento familiar.

---

<sup>392</sup> WAMERS, Egon. Das Kinderdoppelgrab unter der Frankfurter Bartholomäuskirche. In: PÉRIN, Patrick; WAMERS, Egon (Orgs.). **Königinnen Der Merowinger...** *Op. cit.*, p. 160–182.

<sup>393</sup> DUMÉZIL, Bruno. Famille et ascension sociale dans la Gaule mérovingienne. *Op. cit.*, p. 340–343.

Uma evidência da importância do grupo familiar é a mudança nos sistemas de heranças materiais e imateriais, de um sistema patrilinear para um sistema cognático. As mulheres então possuíam funções importantes na transmissão do seu patrimônio físico e do prestígio de sua família. Seu gênero passa a ser construído e expressado materialmente através dos símbolos das alianças que elas estabeleciam e das posições que ocupavam em diferentes etapas de suas vidas, que buscavam demonstrar publicamente não só seu caráter ilustre, mas também o de seu grupo familiar. Vimos na análise do *corpus* como diferentes recursos foram utilizados para demonstrar os atributos de gênero das inumadas, ligados ao estatuto elevado que sua família buscou exibir. Os aspectos individuais de cada podem ter determinado a gama de materiais disponíveis (incluindo as estruturas funerárias), mas seus funerais foram esforços coletivos, onde certos atributos podem ter sido enfatizados enquanto outros apagados, e onde presentes podem ter sido oferecidos. Desse modo, percebe-se que os funerais não são tão individuais e as inumadas do *corpus* são como metonímias de seus grupos e não indivíduos históricos vivos.

Outro elemento importante é o lugar das cerimônias na transição das falecidas para um eventual plano distinto. Essa afirmação não se refere à crença de que esses itens seriam utilizados na vida após a morte, mas que os funerais, especialmente os banquetes ou seu simulacro através da deposição de recipientes, eram momentos de reorganização social após a perda de um membro da comunidade. Essa reorganização pode ter tido vários sentidos: da afirmação de alianças através do depósito de itens que remetiam às relações já firmadas e de presentes que reforçavam aquelas estabelecidas entre os doadores e os organizadores da cerimônia, ao desejo de incluir um ente querido em uma última celebração comunitária, marcando a etapa final do seu ciclo de vida.

A escolha dos depósitos funerários também está relacionada ao ambiente em que os túmulos estavam inseridos, que eram variados, mesmo no espaço rural. A topografia e os monumentos funerários não parecem enfatizar os atributos de gênero das inumadas, ao menos não de uma forma tão perceptível quanto os objetos. A arquitetura da sepultura também não, pois a sepultura B808 estava em uma câmara funerária e as dimensões da fossa da sepultura 146 são consideravelmente maiores do que os exemplos das câmaras funerárias dos homens de Saint-Dizier. A monumentalidade pode se dirigir ao divino, mas sobretudo se dirige aos vivos, pois marca a presença de um grupo na paisagem através das gerações e é capaz de transmitir

esse patrimônio imaterial a seus sucessores<sup>394</sup>. É possível que essa preocupação estivesse presente na construção da estrutura funerária que abrigava os túmulos de Colônia ou mesmo na escolha da localização e na possível construção de um *tumulus* em Saint-Dizier. Ambos os casos parecem materializar a identidade do grupo no território, utilizando-se de referências físicas e de outras características geográficas. A sepultura 146 também está separada das demais do território, evidenciando a vontade dos organizadores de distanciar esse núcleo dos demais, sendo impossível saber se o motivo estava no desejo de marcar sua filiação familiar, sua distinção social ou mesmo sua oposição aos demais. Já a Basílica de Saint-Denis, local privilegiado por si só, pode ter se beneficiado da inumação 49, com seus símbolos de ancestralidade e autoridade. Sua família pode ter escolhido os objetos que mais evidenciassem o mérito de um espaço *ad sanctos* com tanta notoriedade.

Assim como a etapa da exibição dos depósitos está relacionada à estrutura social e suas dinâmicas, inclusive as de gênero, a organização do espaço também o é. Analisar o desenvolvimento das práticas funerárias em comparação com a organização dos habitats e com as modalidades de controle das terras pode aprofundar consideravelmente as questões colocadas neste trabalho, especialmente aquelas relacionadas às funções generificadas atribuídas aos indivíduos. Analisar as cerimônias como integrantes de redes extensas também se mostra interessante por revelar a variedade de objetos, estilos e de gestos empregados – indícios da pluralidade de discursos construídos e das adaptações locais, mas que também podem ter favorecido a expansão das práticas de deposição e a participação dos indivíduos nas cerimônias.

Da mesma forma que não existe uma opinião comum sobre a expansão dos depósitos funerários, muitas explicações foram levantadas na interpretação de sua diminuição. A principal está relacionada ao aumento do controle dos eclesiásticos na gestão dos mortos, que davam maior preferência a manifestações de humildade na exibição funerária. Isso não significou um abandono da ostentação funerária: o enterramento no interior das igrejas (especialmente *ad sanctos*) e a utilização de sarcófagos decorados e de estelas funerárias com padrões cristãos se tornaram as formas dominantes de expressão do status social e da identificação religiosa<sup>395</sup>. Além do mais, a recitação pública durante as missas dos nomes dos falecidos em cuja memória

---

<sup>394</sup> LAUWERS, Michel; TREFFORT, Cécile, De l'inhumation privilégiée à la sépulture de prestige. Conclusions de la table ronde. In: ALDUC-LE-BAGOUSSE, Armelle (Org.), **Inhumations de prestige ou prestige de l'inhumation?...** *Op. cit.*, p. 442.

<sup>395</sup> EFFROS, Bonnie, Symbolic Expressions of Sanctity: Gertrude of Nivelles in the Context of Merovingian Mortuary Custom, *Viator*, 27, 1996, p. 10.

bens materiais tinham sido doados foi também um meio de alcançar tais objetivos. Segundo Bonnie Effros, os depósitos funerários e as doações, muitas vezes consistindo nos mesmos tipos de objetos, satisfaziam a necessidade de promover as posições dos falecidos e de seus descendentes, entre os vivos e os mortos, neste mundo e no próximo<sup>396</sup>.

Ao longo do século VII, a linhagem familiar e a hereditariedade das funções administrativas ganharam mais relevância. O investimento maior nos monumentos funerários, como igrejas sepulcrais, e na construção de mosteiros podem ter sido mais úteis do que os depósitos funerários nas disputas entre grupos cuja identidade familiar passava a ser mais territorializada. Os mosteiros provavelmente foram as bases mais relevantes para a manifestação do prestígio familiar e a materialização de sua memória, multiplicando-se a partir dos anos 600<sup>397</sup>. As filhas das famílias aristocráticas continuam a desempenhar um papel importante como intermediárias do acesso familiar ao sagrado, mas alcançando maior notoriedade do que no século precedente: segundo Guy Halsall, o século VII seria o século das grandes abadesas<sup>398</sup>.

Portanto, do século VII para o VIII, os velhos ritos não eram mais percebidos como os meios mais efetivos de comunicar valores às novas gerações das elites cristãs da Gália<sup>399</sup>. Essas novas tendências chegariam ao seu ápice no século IX com as modificações na gestão do patrimônio na época carolíngia e com a difusão do modelo ascético e monástico da celebração dos mortos<sup>400</sup>.

Essas considerações são frutos de reflexões mais abrangentes sobre o lugar dos funerais nas sociedades do passado. Tais cerimônias, dentre outras, foram mais que um esquema de gestos e palavras, mas um processo que agia sobre o corpo social, fundando-o e ordenando-o. Os funerais dizem respeito às conceptualizações da morte de cada sociedade, mas estudá-los vai além da esfera religiosa ou do estudo das representações. Meu objetivo com a dissertação foi demonstrar como os funerais do século VI no Norte da Gália se inseriam em dinâmicas mais abrangentes do poder, especialmente aquelas que construíam os atributos de gênero das mulheres. Este século é considerado o momento de aceleração, ou mesmo de início, de muitas

---

<sup>396</sup> EFFROS, Bonnie. Exchanges Between the Living and the Dead. Late Merovingian Funerary Customs. In: EFFROS, Bonnie. **Caring for the Body and Soul...** *Op. cit.*, p. 205–206.

<sup>397</sup> DUMÉZIL, Bruno. Tombes de chefs. In: DUMÉZIL Bruno (Org.). **Les Barbares**. *Op. cit.*, p. 1296.

<sup>398</sup> HALSALL, Guy. Gender in merovingian Gaul. *Op. cit.*, p. 180.

<sup>399</sup> EFFROS, Bonnie. **Merovingian Mortuary Archaeology...** *Op. cit.*, p. 172.

<sup>400</sup> CARTRON, Isabelle. Ostentation ou humilité?... *Op. cit.*, p. 215.

mudanças no Norte da Gália e, como vimos ao longo do texto, as cerimônias funerárias estavam no coração das disputas, da reapropriação de antigos símbolos e da criação de novos referenciais.

## Referências Bibliográficas

### Fontes textuais

GREGÓRIO DE TOURS. **Gregorii episcopi Turonensis historiarum libri X**. KRUSCH, B.; LEVISON, W.; HOLTZMANN, W. (Eds.) **Monumenta Germaniae Historica**, Scriptores Rerum Merovingicarum, t. I. Hanover: 1937 – 1951. [trad. ingl: **The History of the Franks**. Ed. THORPE, Lewis. Harmondsworth/Nova York: Penguin Books, 1974.

Pactus Legis Salicae. ECKHARDT, K. A. (Ed.). **Monumenta Germaniae Historica**, Leges nationum Germanicarum, t. IV, sectio I, Hanover: 1962. [trad. ingl: **The Laws of the Salian Franks**. DREW, Katherine (Ed.). Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.

### Fontes do corpus

BROWN, Elizabeth A. R.; SAUVAGEOT, Claude. **Saint-Denis**. La basilique. Saint-Léger-Vauban: Zodiaque, 2001.

CALLIGARO, Thomas; PÉRIN, Patrick. Le commerce des grenats à l'époque mérovingienne. **Archéopages**. Les archéologues face à l'économie, Hors Série, 5, 2019.

CALLIGARO, Thomas; PÉRIN, Patrick; POIROT, Jean-Paul; *et al.* Contribution à l'étude des grenats mérovingiens (Basilique de Saint-Denis et autres collections du musée d'Archéologie nationale, diverses collections publiques et objets de fouilles récentes). Nouvelles analyses gemmologiques et géochimiques effectuées au Centre de Recherche et de Restauration des Musées de France. **Antiquités nationales**, v. 38, p. 111–144, 2006.

FARMER, Thomas R. **The Transformation of Cologne: From a Late Roman to an Early Medieval City**. Ann Harbor: ProQuest/ UMI, 2012.

HUFFMAN, Joseph. Rupture or Continuity?: Merovingian Cologne (A.D. 456-686). *In: The Imperial City of Cologne. From Roman Colony to Medieval Metropolis (19 B.C.–1125 A.D.)*. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2018, p. 47–74.

PÉRIN, Patrick. Les tombes mérovingiennes de la basilique de Saint-Denis: Nouvelles recherches interdisciplinaires. *In: FRIESINGER, Herwig; VON FREEDEN, Uta; WARMERS, Egon (Orgs.). Glaube, Kult und Herrschaft: Phänomene des Religiösen im 1. Jahrtausend n. Chr. in Mittel- und Nordeuropa*. Akten des 59. Internationalen Sachsensymposiums und der Grundprobleme der frühgeschichtlichen Entwicklung im Mitteldonauraum. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH, 2009, p. 173–183.

PÉRIN, Patrick. Portrait posthume d'une reine mérovingienne. Arégonde († c. 580), épouse de Clotaire Ier († 561) et mère de Chilpéric Ier († 584). **Le corti nell'Alto Medioevo, Settimane di Studio della Fondazione Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo LXII**, p. 1001–1048, 2014.

PÉRIN, Patrick; CALLIGARO, Thomas; GALLIEN, Véronique. La tombe de la reine mérovingienne Arégonde († v. 580) épouse de Clotaire Ier (511-561) et mère de Chilpéric Ier (561-584). *In*: DE VINGO, Paolo; MARANO, Yuri A.; GIL, Joan Pinar (Orgs.). **Sepulture di prestigio nel bacino mediterraneo (secoli IV-IX). Definizione, immagini, utilizzo. 1. Saggi. Atti del convegno, Pella (NO), 28-30 giugno 2017**. Florença: All’Insegna del Giglio, 2021, p. 341–362.

RISTOW, Sebastian. Prunkgräber des 6. Jahrhunderts in einem Vorgängerbau des Kölner Domes. *In*: PÉRIN, Patrick; WAMERS, Egon (Orgs.). **Königinnen Der Merowinger: Adelsgraber Adelsgräber aus den Kirchen von Köln, Saint-Denis, Chelles und Frankfurt am Main**. Regensburg: Schnell Steiner, 2013, p. 78–98.

TRUC, Marie-Cécile (Org.). **Saint-Dizier “La Tuilerie” (Haute-Marne): trois sépultures d’élite du VIe siècle**. Caen: Presses universitaires de Caen, 2019.

TRUC, Marie-Cécile. Probable Frankish burials of the sixth century AD at Saint-Dizier (Haute-Marne, Champagne-Ardenne, France). *In*: ANNAERT, Rica; DE GROOTE, Koen; HOLLEVOET, Yann; *et al* (Orgs.). **ACE Conference Brussels 2011: The very beginning of Europe? Cultural and Social Dimensions of Early-Medieval Migration and Colonisation (5th-8th century)**. Bruxelles: Flanders Heritage Agency, 2012, p. 51–66.

TRUC, Marie-Cécile. **Sépultures aristocratiques et habitat du haut Moyen Âge**. Rapport de fouille archéologique préventive. Châlons-en-Champagne: Inrap, 2009.

TRUC, Marie-Cécile. Trois riches tombes du VIe siècle sur le site de La Tuilerie à Saint-Dizier (Haute-Marne). *L’Austrasie. Société, économies, territoires, christianisation, Actes des XXVIe Journées internationales d’archéologie mérovingienne*, Nancy, p. 313-331, 2005.

VRIELYNCK, Olivier. The Merovingian cemetery of Bossut-Gottechain (Grez-Doiceau, Belgium). *In*: **Transformations in North-Western Europe (AD 300-1000)**: Proceedings of the 60th Sachsensymposium, 19.-23. September 2009 Maastricht Volume 3 de Neue Studien zur Sachsenforschung. Stuttgart: Konrad Theiss Verlag, 2011, p. 259–265. (Volume 3 de Neue Studien zur Sachsenforschung).

VRIELYNCK, Olivier; VAN BUYLAERE, Muriel. Les aménagements funéraires en bois du cimetière mérovingien de Bossut-Gottechain (commune de Grez-Doiceau, Belgique). *In*: CARRÉ, Florence; HENRION, Fabrice (Orgs.). **Le bois dans l’architecture et l’aménagement de la tombe: quelles approches?** Actes de la table ronde d’Auxerre, 15-17 octobre 2009. Saint-Germain-en-Laye: Mémoires publiés par l’AFAM, 2012, p. 291–302.

VRIELYNCK, Olivier; VANMECHELEN, Raphaël. Bossut-Gottechain et Hailot (Belgique): deux cimetières mérovingiens, deux expressions de la sépulture privilégiée. *In*: ALDUC-LE-BAGOUSSE, Armelle (Org.). **Inhumations de prestige ou prestige de l’inhumation? Expressions du pouvoir dans l’au-delà (IVE-XVe siècle)**. Caen: Publications du CRAHM, 2009, p. 23–67.

WYSS, Michaël (Org.). **Atlas historique de Saint-Denis**. Des origines au XVIIIe siècle. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1996.



WYSS, Michaël. Der Sarkophag der Königin Arnegunde. *In*: PÉRIN, Patrick; WAMERS, Egon (Orgs.). **Königinnen Der Merowinger: Adelsgraber Adelsgräber aus den Kirchen von Köln, Saint-Denis, Chelles und Frankfurt am Main**. Regensburg: Schnell Steiner, 2013, p. 122–125.

WYSS, Michaël. Saint-Denis : évolution d'un paysage urbain vue au travers de l'archéologie. Comprendre les paysages urbains. **Actes du 135 Congrès national des sociétés historiques et scientifiques, « Paysages », en Neuchâtel**, p. 73–87, 2013.

## **Historiografia**

ADAMS, Noël. **Bright Lights in the Dark Ages: the Thaw Collection of Early Medieval Ornaments**. Londres: Giles, 2014.

ALGRAIN, Isabelle. Introduction. Pourquoi une archéologie du genre? *In*: ALGRAIN, Isabelle (Org.). **Archéologie du genre**. Construction sociale des identités et culture matérielle. Bruxelles: Université des femmes, 2020, p. 7–20.

APPADURAI, Arjun (Ed.). **A vida social das coisas**. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EDUFF, 2008 (1<sup>a</sup> ed. 1986).

ARNOLD, Bettina. The Vix Princess Redux: a Retrospective on European Iron Age Gender and Mortuary Studies,. *In*: CAMACHO, Javier Parra; RUIZ, Clara López; TORREIRA, Lourdes Prados (Orgs.). **La Arqueología funeraria desde una perspectiva de género**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2012, p. 215–232.

BARBIERA, Irene. Memory of a better death: conventional and exceptional burial rites in central european cemeteries of the AD 6th and 7th centuries. *In*: **Materializing Memory: Archaeological material culture and the semantics of the past**. Oxford: Archaeopress, 2009, p. 65–76.

BARBIERA, Irene. *Sudata marito fibula: oggetti di prestigio e identità di genere tra pubblico e privato in età tardo antica e altomedievale*. *In*: BIANCHI, Giovanna; LA ROCCA, Cristina; LAZZARI, Tiziana (Orgs.). **Spazio pubblico e spazio privato tra storia e archeologia (secoli VI-XI)**. Turnhout: Brepols, 2018, p. 327–343.

BAYARD, Adrien. Matrona, socrus et materf familias. Des femmes de pouvoir dans l'Auvergne des VIe et VIIe siècles. *In*: LE JAN, Régine; JOYE, Sylvie (Orgs.). **Genre et compétition dans les sociétés occidentales du haut Moyen Âge (IVE-XIe siècle)**. Turnhout: Brepols, 2018, p. 93–116.

BILLOIN, David. Pouvoir et monuments tumulaires: l'exemple de la nécropole mérovingienne d'Hégenheim (Haut-Rhin). *In*: ALDUC-LE-BAGOUSSE, Armelle (Org.). **Inhumations de prestige ou prestige de l'inhumation? Expressions du pouvoir dans l'au-delà (IVE-XVe siècle)**. Caen: Publications du CRAHM, 2009, p. 99–116.

BONNABEL, Lola (Dir.). **Archéologie de la mort en France**. Paris: La Découverte, 2012.  
BOUGARD, François; GOETZ, Hans-Werner; LE JAN, Régine (Orgs.). **Théorie et pratiques des élites au haut Moyen Âge**. Conception, perception et réalisation sociale. **Theorie und**

**Praxis frühmittelalterlicher Eliten.** Konzepte, Wahrnehmung und soziale Umsetzung. Turnhout: Brepols

BOULESTIN, Bruno; DUDAY, Henri. Ethnologie et archéologie de la mort : de l'illusion des références à l'emploi d'un vocabulaire. *In*: DEPIERRE, G; MORDANT, C (Orgs.). **Les pratiques funéraires à l'âge du bronze en France.** Actes de la table ronde de Sens-en-Bourgogne, (10-12 juin 1998). Paris: Éditions du CTHS, 2005, p. 17–30.

BROWNLEE, Emma. Connectivity and funerary change in early medieval Europe. **Antiquity.** A quarterly review of archaeology, 95, p. 142–159, 2021.

BROWNLEE, Emma. The Dead and their Possessions: The Declining Agency of the Cadaver in Early Medieval Europe. **European Journal of Archaeology**, 23, 3, p. 406–427, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALLIGARO, Thomas; GRATUZE, Bernard; PÉRIN, Patrick; *et al.* Bead and garnet trade between the Merovingian, Mediterranean, and Indian worlds. *In*: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Merovingian World.** Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 819–859.

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória.** Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. **A Realeza Cristã na Alta Idade Média.** Os fundamentos da autoridade pública no período merovíngio (séculos V-VIII). São Paulo: Alameda, 2008.

CARTRON, Isabelle. Quelques réflexions sur les sépultures en milieu rural en Gaule : pratiques funéraires et organisation des nécropoles. *In*: GAILLARD, Michèle (Org.). **L'empreinte chrétienne en Gaule du IVe au IXe siècle.** Turnhout: Brepols, p. 491–509, 2014.

CARTRON, Isabelle. Avant le cimetière au village : la diversité des espaces funéraires. Historiographie et perspectives. *In*: TREFFORT, Cécile (Dir.). **Le cimetière au village dans l'Europe médiévale et moderne.** Toulouse: PUM, p. 23-39, 2015.

CARTRON, Isabelle. Variations autour d'un objet: La ceinture des femmes du haut Moyen Âge. *In*: JÉGOU, Laurent; JOYE, Sylvie; LIENHARD, Thomas; SCHNEIDER, Jens (Eds.). **Splendor Reginae. Passions, genre et famille,** Turnhout: Brepols, p. 129-138, 2015.

CARTRON, Isabelle. Ostentation ou humilité? Réflexions autour du vêtement du défunt et du dépôt d'objets dans les tombes au cours du haut Moyen Âge. *In*: **Les vivants et les morts dans les sociétés médiévales : XLVIIIe Congrès de la SHMESP (Jérusalem, 2017).** Paris: Éditions de la Sorbonne, p. 205–215, 2018.

COCHET, Jean-Benoît-Désiré. **Le tombeau de Childéric Ier roi des francs, restitué à l'aide de l'archéologie et des découvertes récentes.** Brionne: Gérard Monfort, 1978 [1859].

CORNETTE, Raphaël; GERBER, Sylvain; GUINTARD, Claude; *et al.* Reconstructing the functional traits of the horses from the tomb of King Childeric. **Journal of Archaeological Science**, 121. ed. p. 1–12, 2020.

CHRISTLEIN, Rainer. Besitzabstufungen zur Merowingerzeit im Spiegel Reicher Grabfunde aus West- und Süddeutschland, **Jahrbuch des römisch- germanischen Zentralmuseum**, Mainz, t. XX, p. 147-180, 1973.

CHRISTLEIN, Rainer. **Die Alamannen**. Archäologie eines lebendigen Volkes. Stuttgart: Theiss, 1978.

CURTA, Florin. Merovingian and Carolingian Gift Giving, **Speculum**, 81, 3, p. 671-699, 2006.

CURTA, Florin. Some remarks on ethnicity in medieval archaeology, **The Authors**. Journal Compilation, 15, p. 159-185, 2007.

DAILEY, E. T. **Queens, Consorts, Concubines: Gregory of Tours and Women of the Merovingian Elite**. Leiden: Brill, 2015.

DE POORTER, Alexandra; GRATUZE, Bernard; LANKTON, James; *et al.* Made in India : des perles en verre provenant d'Asie du Sud en Gaule mérovingienne. *In*: BOUBE, Emmanuelle; BOUDARTCHOUK, Jean-Luc; CORROCHANO, Alexis; *et al.* (Orgs.). **XXXIVe Journées Internationales d'Archéologie Mérovingienne, Association Française d'Archéologie Mérovingienne, Bulletin de liaison**. [s.l.: s.n.], 2013, p. 69–71.

DESBROSSE-DEGOBERTIÈRE, Stéphanie; DUROST, Raphaël. **Saint-Dizier “Les Crassés” (Haute-Marne)**. L'établissement rural antique; L'occupation funéraire. Rapport de fouille programmée. Bilan du deuxième programme triennal. Châlons-en-Champagne: Inrap, 2019.

DESBROSSE-DEGOBERTIÈRE, Stéphanie. Occupation funéraire au lieu-dit ‘Les Crassés’, **Bulletin de la Société des Lettres, des Sciences, des Arts, de l'Agriculture et de l'Industrie de Saint-Dizier**, Saint-Dizier, 9, p. 23-31, 2013.

DEVROEY, Jean-Pierre. **Puissants et misérables**. Système social et monde paysan dans l'Europe des Francs (VIe-IXe siècles). Bruxelles: Académie royale de Belgique, 2006.

DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine (Eds.). **Les élites et la richesse au haut Moyen Âge**. Turnhout: Brepols Publishers, 2010.

DIERKENS, Alain. Les sarcophages mérovingiens de Gaule : quelques réflexions conclusives. *In*: CARTRON, Isabelle; HENRION, Fabrice; SCUILLER, Christian (Orgs.). **Les sarcophages de l'Antiquité tardive et du haut Moyen Âge : fabrication, utilisation, diffusion**. Actes des XXXe Journées internationales d'archéologie mérovingienne, Bordeaux, 2009. Bordeaux: Éditions de la Fédération Aquitania, 2015, p. 463–469.

DIERKENS, Alain; PLOUVIER, Liliane. **Festins mérovingiens**. Bruxelles: Le Livre Timperman, 2008.

DOYEN, Jean-Marc. Entre amulettes et talismans, les monnaies trouées: ce qui se cache sous les apparences. **The Journal of Archaeological Numismatics**, v. 3, p. 1–39, 2013.

DOYEN, Jean-Marc. Une monnaie pour le mort - des monnaies pour les vivants. L'obole à Charon: la fin d'un mythe? *In*: HANUT, Frédéric (Org.). **Du bûcher à la tombe**. Diversité et évolution des pratiques funéraires dans les nécropoles à crémation de la période gallo-romaine en Gaule septentrional. Namur: Institut du Patrimoine wallon, 2017, p. 93–100.

DUMÉZIL, Bruno. Famille et ascension sociale dans la Gaule mérovingienne. *In*: BADEL, Christophe; SETTIPANI, Christian (Orgs.). **Les stratégies familiales dans l'Antiquité tardive**: actes du colloque organisé par le CNRS USR 710, L'année épigraphique, tenu à la Maison des sciences de l'homme les 5-7 février 2009. Paris: De Boccard, 2012, p. 339–354.

DUMÉZIL, Bruno. Les attributs du pouvoir et la compétition pour le pouvoir: armes et titulatures au VI<sup>e</sup> siècle. *In*: JOYE, Sylvie; LE JAN, Régine (Orgs.). **Genre et compétition dans les sociétés occidentales du haut Moyen Âge (IV<sup>e</sup>-XI<sup>e</sup> siècles)**. Turnhout: Brepols, 2018, p. 79–91.

DUMÉZIL, Bruno (Org.). **Les Barbares**. Paris: PUF, 2016.

DUPUY, Virginie. **Austrasie**. Le royaume mérovingien oublié. Milão: Silvana Editoriale, 2016.

EFFROS, Bonnie. Dressing Conservatively: women's brooches as markers of ethnic identity? *In*: BRUBAKER, Leslie; SMITH, Julia M. H. (Eds.). **Gender in the early medieval world. East and West, 300-900**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 165-184, 2004.

EFFROS, Bonnie. The ritual significance of vessels in the formation of Merovingian christian communities. *In*: CORRADINI, Richard; DIESENBERGER, Max; REIMITZ, HELMUT (Orgs.). **The construction of communities in the Early Middle Ages. Texts, Resources and Artefacts**. Leiden: Brill, 2003, p. 213–227.

EFFROS, Bonnie. **Merovingian Mortuary Archaeology and the Making of the Early Middle Ages**. Los Angeles: University of California Press, 2003.

EFFROS, Bonnie. Funerary Feasting in Early Medieval Gaul and Neighboring Regions. *In*: EFFROS, Bonnie. **Creating community with food and drink in Merovingian Gaul**. Nova York: Palgrave Publishers, p. 69-91, 2002.

EFFROS, Bonnie. Grave Markers as Memoria. *In*: EFFROS, Bonnie. **Caring for Body and Soul**. Burial and the Afterlife in the Merovingian World. University Park: Pennsylvania State University Press, 2002, p. 79–138.

EFFROS, Bonnie. Beyond cemetery walls: early medieval funerary topography and Christian salvation. **Early medieval Europe**, v. 6, p. 1–23, 1997.

EFFROS, Bonnie. Symbolic Expressions of Sanctity: Gertrude of Nivelles in the Context of Merovingian Mortuary Custom. **Viator**, 27, p. 1–10, 1996.

ENRIGHT, Michel J. Lady With a Mead-Cup. Ritual, Group Cohesion and Hierarchy in the Germanic Warband, **Frühmittelalterliche Studien**, v. 22, n. 1, p. 170-203, 1988.

FELLER, Laurent. RODRÍGUEZ, Ana (Orgs.). **Objets sous contrainte**. Circulation des richesses et valeur des choses au Moyen Âge. Paris: Publications de la Sorbonne, 2013.

FELLER, Laurent. "Morgengabe", dot, tertia: rapport introductif. *In*: BOUGARD, François; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine (Eds.). **Dots et douaires dans le haut Moyen Âge**. Collection de l'École française de Rome – 295. Roma: École française de Rome, p. 1-25, 2002.

FINOULST, Laure-Anne. **Les sarcophages du haut Moyen Âge dans le Benelux actuel (Ve-Xe s.)**. Catalogue, état de la question et perspectives de recherches. Mémoire de licence en Histoire de l'Art et Archéologie, Université Libre de Bruxelles, Bruxelles, 2006.

FISCHER, Svante; LIND, Lennart. The Coins in the Grave of King Childeric, **Journal of Archaeology and Ancient History**, Uppsala, vol. 14, 2015.

FOWLER, Chris. Relational personhood as a subject of anthropology and archaeology: comparative and complementary analyses. *In*: GARROW, D; YARROW, T (Orgs.). **Archaeology and Anthropology: understanding similarities, exploring differences**. Oxford: Oxbow Books, 2010, p. 137–159.

GEARY, Patrick. **O mito das nações**. A invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2002.

GERHARD OEXLE, Otto; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Les tendances actuelles de l'histoire du Moyen Âge en France et en Allemagne**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2003.

GODELIER, Maurice. **En el fundamento de las sociedades humanas**. Lo que nos enseña la antropología. Buenos Aires: Amorrortu, 2014.

HALSALL, Guy. **Barbarians migrations and the Roman West, 376-568**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

HALSALL, Guy. **Cemeteries and Society in Merovingian Gaul: Selected Studies in History and Archaeology, 1992–2009**. Leiden: Brill, 2010.

HALSALL, Guy. **Early Medieval Cemeteries: An Introduction to Burial Archaeology in the Post Roman West**. Glasgow: Cruithne Press, 1995.

HALSALL, Guy. Gender in merovingian Gaul. *In*: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Merovingian World**. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 164–185.

HALSALL, Guy. **Settlements and social organization**. The Merovingian region of Metz. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HALSALL, Guy. Subject, individual, exclusion: some theoretical reflections and frankish applications. *In*: GIOANNI, Stéphane; JOYE, Sylvie; LA ROCCA, Cristina (Orgs.). **La construction sociale du sujet exclu (IVe-XIe siècle)**. Discours, lieux et individus. Turnhout: Brepols, 2019, p. 15–26.

HÄRKE, Heinrich. Archaeologists and migrations. A problem of attitude? *In*: NOBLE, Thomas F. X. (Org.). **From Roman provinces to Medieval kingdoms**. Rewriting histories. Nova York: Routledge, 2006, p. 262–276.

HÄRKE, Heinrich. Gender representation in early Medieval burials: past reality or ritual display? **Problemy vseobshchej istorii**, v. 8, p. 130–140, 2003.

HÄRKE, Heinrich. Grave goods in early medieval burials: messages and meanings. **Mortality**, p. 1–20, 2014.

HINZEN, Klaus-G.; SCHÜTTE, Sven. Evidence for Earthquake Damage on Roman Buildings in Cologne, Germany. **Seismological Research Letter**, v. 74, n. 2, p. 124–140, 2003.

HODDER, Ian. **Theory and Practice in Archaeology**. Nova York: Routledge, 1995.

JAMES, Edward. Elite women in the Merovingian period. *In*: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Merovingian world**. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 238–254.

JOYE, Sylvie. Introduction: genres et regimes de genre entre Antiquité Tardive et haut Moyen Âge en Occident. *In*: JOYE, Sylvie; LE JAN, Régine (Orgs.). **Genre et compétition dans les sociétés occidentales du haut Moyen Âge (IVe-XIe siècle)**. Turnhout: Brepols, 2018, p. 9–27.

JOYE, Sylvie. **La femme ravie**. Le mariage par rapt dans les sociétés occidentales du haut Moyen Âge. Turnhout: Brepols, 2012.

JOYE, Sylvie. Filles et pères à la fin de l'Antiquité et au haut Moyen Âge. Des rapports familiaux à l'épreuve des stratégies. *In*: BADEL, Christophe; SETTIPANI, Christian (Orgs.). **Les stratégies familiales dans l'Antiquité tardive**: actes du colloque organisé par le CNRS USR 710, L'année épigraphique, tenu à la Maison des sciences de l'homme les 5-7 février 2009. Paris: De Boccard, 2012, p. 221–245.

JOYE, Sylvie. Les idées de germanité et de romanité dans l'historiographie française du XIXe siècle, **MEFRM**, 119, 2, p. 279-296, 2007.

JOYE, Sylvie. Les élites féminines au haut Moyen Âge: Historiographie, **Textes de travail rédigés dans la cadre de recherche “Les Élités dans le Haut Moyen Âge (VIe-XIIe)” du LaMOP**, 27 e 28 de novembro, Marne-la-Vallée, 2003.

JOYE, Sylvie; LE JAN, Régine (Orgs.). **Genre et compétition dans les sociétés occidentales du haut Moyen Âge (IVe-XIe siècle)**. Turnhout: Brepols, 2018.

KLEVNÄS, Alison. Introduction: the nature of belongings. *In*: HEDENSTIERNA-JONSON, Charlotte; KLEVNÄS, Alison (Orgs.). **Own and be owned**. Archaeological approaches to the concept of possession. Estocolmo: Publit, 2015, p. 1–22.

KOCH, Ursula. Die weibliche Elite im Merowingerreich – Königinnen, Hofherrinnen um Töchter. *In*: PÉRIN, Patrick; WARMERS, Egon (Orgs.). **Königinnen der Merowinger**. Adelsgräber aus den Kirchen von Köln, Saint-Denis, Chelles und Frankfurt am Main. Regensburg: Schnell Steiner, 2013, p. 37–58.

KORNBLUTH, Geneva. Amulets and Identity in the Merovingian World. *In*: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Merovingian World**. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 941–967.

KORNBLUTH, Geneva. Merovingian rock crystal: practical tools and status markers. *In*: KIRK, Hanneke; WILLEMSSEN, Annemarieke (Orgs.). **Golden Middle Ages in Europe**. New research into early-medieval communities and identities. Proceedings of the second “Dorestad Congress” held at the National Museum of Antiquities. Leiden, The Netherlands 2-5 July, 2014. Turnhout: Brepols, 2015, p. 49–55.

KORNBLUTH, Geneva. Transparent, translucent, and opaque: Merovingian and Anglo-Saxon crystal amulets. *In*: HAHN, Cynthia; SHALEM, Avinoam (Orgs.). **Seeking Transparency**. Rock crystals across the medieval Mediterranean. Berlin: Gebr. Mann Verlag, 2020, p. 67–77.

LA ROCCA, Cristina. Introduzione. Fonti scritte e fonti materiali per la storia dell'agire femminile (secoli VI-X). *In*: LA ROCCA, Cristina (Org.). **Agire da Donna**. Modelli e pratiche di rappresentazione (secoli VI-X). Turnhout: Brepols, 2007, p. 7–10.

LAUWERS, Michel. **O nascimento do cemitério**. Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

LAUWERS, Michel; TREFFORT, Cécile. De l'inhumation privilégiée à la sépulture de prestige. Conclusions de la table ronde. *In*: ALDUC-LE-BAGOUSSE, Armelle (Org.). **Inhumations de prestige ou prestige de l'inhumation?** Expressions du pouvoir dans l'au-delà (IVe-XVe siècle). Caen: Publications du CRAHM, 2009, p. 439–450.

LAUWERS, Michel; ZEMOUR, Aurélie (Dirs). **Qu'est-ce qu'une sépulture?** Humanités et systèmes funéraires de la Préhistoire à nos jours. Antibes: Éditions APDCA, 2016.

LE JAN, Régine. O historiador e suas fontes: construção, desconstrução, reconstrução, **Revista Signum**, 17, 1, p. 5-26, 2016.

LE JAN, Régine. **Famille et pouvoir dans le monde franc (VIIe-Xe siècle)**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2003.

LECLERC, Jean. La notion de sépulture. **Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris** 2, 3, p. 13–17, 1990.

LEGOUX, Renée; PÉRIN, Patrick; VALLET, Françoise. Chronologie normalisée du mobilier funéraire mérovingien entre Manche et Lorraine. **Bulletin de liaison de l'AFAM**, v. Hors série, 2004.

MCKITTERICK, Rosamond (Org.). **The Early Middle Ages: Europe 400-1000**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MOREIRA, Isabel. Rings on Her Fingers. Merovingian Rings and Religion in Late Antiquity. *In*: ELLISON, Mark D.; GINES TAYLOR, Catherine; OSIEK, Carolyn (Orgs.). **Material Culture and Women's Religious Experience in Antiquity**. An Interdisciplinary Symposium. Londres: Lexington Books, 2021, p. 303–336.

MORLEGHEM, Daniel. **Production et diffusion des sarcophages de pierre de l'Antiquité tardive et du haut Moyen Âge dans le Sud du Bassin parisien**. 2016. 394 f. Tese (Doutorado em Archéologie et Préhistoire) - Université François Rabelais, Tours, 2016.

NAUMANN-STECKNER, Friederike. Death on the Rhine. Changing burial customs in Cologne, 3rd-7th century. *In*: WEBSTER, Leslie; BROWN, Michelle (Orgs.). **The Transformation of the Roman World (AD 400-900)**. Berkeley: University of California Press, 1997, p. 143–179.

NELSON, Janet ; THEUWS, Frans (Eds.). **Rituals of power : from Late Antiquity to the Early Middle Ages**. Leiden : Brill, 2000.

NISSEN JAUBERT, Anne. La femme riche. Quelques réflexions sur la signification des sépultures féminines privilégiées dans le Nord-Ouest européen. *In*: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine (Orgs.). **Les élites et la richesse au haut Moyen Âge**. Turnhout: Brepols, 2010, p. 305–324.

PANCER, Nira. **Sans peur et sans vergogne**. De l'honneur et des femmes aux premiers temps mérovingiens (VI<sup>e</sup> et VII<sup>e</sup> siècles). Paris: Éditions Albin Michel, 2001.

PEREIRA, Gregory. Interpretación de los ornamentos en contexto funerario. Un acercamiento arqueológico al cuerpo adornado, **Revista Trace**, p. 59-66, 2000.

PÉRIN, Patrick. Possibilités et limites de l'interprétation sociale des cimetières mérovingiens, **Antiquités Nationales**, Saint-Germain-en-Laye, 30, p. 169-183, 1998.

PÉRIN, Patrick. L'expansion franque (vers 486 – vers 540). *In* : **Les Francs, précurseurs de l'Europe**, Musée du Petit Palais, 1997.

PÉRIN, Patrick. Les tombes de “chefs” du début de l'époque mérovingienne. Datation et interprétation historique. *In*: KAZANSKI, Michel; VALLET, Françoise (Orgs.). **La noblesse romaine et les chefs barbares**. Du III<sup>e</sup> au VII<sup>e</sup> siècle. Colloque international de Saint-Germain-en-Laye, 16-19 mai 1992. Saint-Germain-en-Laye: Association française d'archéologie mérovingienne, 1995.

PÉRIN, Patrick. À propos de publications récentes concernant le peuplement en Gaule à l'époque mérovingienne : la “question franque”, **Archéologie médiévale**, 11, p. 125-145, 1981.

PÉRIN, Patrick; WAMERS, Egon. **Königinnen der Merowinger**. Adelsgräber aus den Kirchen von Köln, Saint-Denis, Chelles und Frankfurt am Main. Regensburg: Schnell Steiner, 2013.

PION, Constantin. Les perles en verre en Gaule mérovingienne (Ve-VIII<sup>e</sup> siècles). À la découverte d'un savoir-faire au service des dames. Disponible en: <<http://www.koregos.org/cgi?usr=cg6bgn3q8m&lg=fr&pag=1861&tab=317&rec=78&frm=0&par=secorig1803&id=5269&flux=26505549>>.

POIGNANT, Stéphane; RENOU, Julie. Des bijoux brisés, trajectoires d'objets précieux durant le haut Moyen Âge : le cas de la sépulture 87 de la nécropole de Chasseneuil-sur-Bonnieure (Charente). *In*: **Les réparations de la préhistoire à nos jours : cultures techniques et savoir-faire**. Turnhout: Brepols, no prelo.

RÉAL, Isabelle. **Vies de saints, vie de famille**. Représentation et système de la parenté dans le Royaume mérovingien (481-751) d'après les sources hagiographiques. Turnhout: Brepols, 2001.

RENOU, Julie. Rings of power. The interpretation of early medieval objects of adornment. *In*: FLETCHER, Christopher (Org.). **Everyday Political Objects. From the Middle Ages to the Contemporary World**. Nova York: Routledge, 2021, p. 13–29.

SMITH, Julia M. H. “Carrying the cares of state”: gender perspectives on Merovingian ‘Staatlichkeit’. *In*: POHL, Walter; WIESER, Veronika (Orgs.). **Der frühmittelalterliche**



**Staat—europäische Perspektiven.** Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2009, p. 227–238.

SMITH, Julia M. H. Did Women Have a Transformation of the Roman World? **Gender & History**, v. 12, n. 3, p. 552–571, 2000.

SØRENSEN, Marie Louise Stig. Gender, Things and Material Culture. *In*: NELSON, Sarah Milledge (Org.). **Women in Antiquity: theoretical approaches to gender and archaeology.** Lanham: AltaMira, 2007, p. 75–106.

STAFFORD, Pauline. Queens and treasure in the early Middle Ages. *In*: TYLER, Elizabeth M. (Org.). **Treasure in the Medieval West.** York: Boydell & Brewer, 2000, p. 61–82.

STUTZ, Liv Nilsson; TARLOW, Sara (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Archaeology of Death and Burial.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

THEUWS, Frans. Burial Archaeology and the Transformation of the Roman World in Northern Gaul (4th to 6th Centuries). *In*: BRATHER-WALTER, Susanne (Org.). **Archaeology, History and Biosciences. Interdisciplinary Perspectives.** Berlin: De Gruyter, 2019, p. 125–150.

THEUWS, Frans. Long-Distance Trade and the Rural Population of Northern Gaul. *In*: EFFROS, Bonnie; MOREIRA, Isabel (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Merovingian World.** Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 883–915.

TREFFORT, Cécile. Une archéologie très “humaine”: regard sur trente ans d’étude des sépultures médiévales en France. *In*: CHAPELOT, Jean (Dir.). **Trente ans d’archéologie médiévale en France.** Un bilan pour un avenir. IXe Congrès international de la Société d’archéologie médiévale. Caen: Publications du CRAHM, p. 213-226, 2010.

VARÉON, Cécile (Dir.). **Nos Âncetres les Barbares.** Voyage autour de trois tombes de chefs francs. Paris: Somogy éditions d’art; Saint-Dizier: Musée de Saint-Dizier, 2008.

VERHAEGHE, Frans. Objets, mobiliers, artefacts, matériel, portables et culture matérielle: quelques réflexions en guise d’introduction. *In*: HENIGFELD, Yves; HUSI, Philippe; RAVOIRE, Fabienne (Orgs.). **L’objet au Moyen Âge et à l’époque moderne. Fabriquer, échanger, consommer et recycler: actes du XIe congrès international de la Société d’archéologie médiévale, moderne et contemporaine (Bayeux, 28-30 mai 2015).** Caen: Publications du CRAHM, 2020, p. 15–27.

VERSLYPE, Laurent. À la vie, à la mort. Considérations sur l’archéologie et l’histoire des espaces politiques, sociaux et familiaux mérovingien. *In*: NOËL, René; SOSSON, Jean-Pierre; PAQUAY, Isabelle (Orgs.). **Au-delà de l’écrit: les hommes et leurs vécus matériels au Moyen Âge à la lumière des sciences et des techniques. Nouvelles perspectives. Actes du Colloque international de Marche-en-Famenne, 16-20 octobre 2002.** Court-Saint-Étienne: Brepols, 2003, p. 405–460.

WAMERS, Egon. Das Kinderdoppelgrab unter der Frankfurter Bartholomäuskirche. *In*: PÉRIN, Patrick; WAMERS, Egon (Orgs.). **Königinnen Der Merowinger: Adelsgraber Adelsgräber aus den Kirchen von Köln, Saint-Denis, Chelles und Frankfurt am Main.** Regensburg: Schnell Steiner, 2013, p. 160–182.

WICKHAM, Chris. **O Legado de Roma**. Iluminando a idade das trevas, 400-1000. Campinas: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019

WICKHAM, Chris. **Framing the Early Middle Ages**. Europe and the Mediterranean 400–800. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WIDDOWNSON, Marc. Merovingian partitions: A 'genealogical charter'?, **Early Medieval Europe**, Londres, 17, p. 1-22, 2009.

WOOD, Ian. Deconstructing the Merovingian family. *In*: CORRADINI, Richard; DIESENBERGER, Max; REIMITZ, Helmut (Eds.). **The Construction of Communities in the Early Middle Ages**. Texts, Resources and Artifacts. Londres/Boston: Brill, p. 149-171, 2003.

WOOD, Ian. **The Merovingian Kingdoms 450 – 751**. Nova York: Longman Publishing, 1994.